

AMÉRICA SOCIALISTA

REVISTA TEÓRICA MARXISTA - Nº 12 - MAIO 2018 - CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL



1968

UNIDADE MUNDIAL DA LUTA DE CLASSES



Pág. 17

MEXICO 68



Pág. 04

Pág. 31



A APRESENTAÇÃO

1968: O ano em que o raio da revolução percorreu o mundo

Em maio de 1968 se viu a conjunção de uma crise internacional que maturava a longo tempo. Os diversos imperialismos, alemão, francês, britânico e japonês, para não falar de seus rivais europeus de segunda categoria, se debatiam tentando manter suas posições, uns face aos outros, num quadro geral em que o imperialismo norte-americano, mesmo dominante, também sentia as dores de uma época revolucionária se aproximando. Esta luta interimperialista decorre na época de apodrecimento e decadência generalizada do imperialismo.

Em geral, na história, em cada país a luta que se desenvolve entre as classes aparece de uma forma particular, “nacional” por assim dizer, com as peculiaridades da história e outros elementos próprios de cada país ou região. É a forma nacional de uma luta de classes que tem conteúdo internacional. Em 1968, isto se expressou de uma maneira espetacular, como elemento de clarificação do que sempre explicaram os marxistas que é a unidade internacional da luta de classes.

Contra todos que trabalharam incessantemente para que os trabalhadores vissem a luta de classes como um fenômeno puramente nacional, desta vez a realidade fez saltar a mediocridade e provincianismo político apresentando ao mundo um planeta em chamas.

Em 1968, pela primeira vez, se apresenta ao mesmo tempo, e com uma intensidade explosiva e radiante, a crise conjunta do imperialismo e das burocracias contrarrevolucionárias controladas pelo Kremlin.

A revolução explode nos países capitalistas avançados e nos dominados. Da França ao México, dos Estados Unidos ao Brasil, da Itália ao Paquistão, etc. Mas, também nos países onde o capital havia sido ex-

propriado, na Tchecoslováquia, na Polônia, na Hungria. A unidade mundial da luta de classes se expressa na revolução social contra o capital e na revolução política contra a burocracia estalinista, usurpadora das bandeiras do socialismo.

O terror de De Gaulle, na França, declarando, em maio de 68 que “em uma semana os comunistas estarão no poder”, só é comparável às declarações dos burocratas soviéticos que acusavam os revolucionários do Leste Europeu de “espiões capitalistas” e “elementos contrarrevolucionários”, e enviaram tanques com ordem de esmagar os revoltosos.

O paraíso prometido pelos capitalistas após a 2ª Guerra



**Sem teoria revolucionária
não há movimento revolucionário**

Mundial e os países “livres da luta de classes” e onde se “iniciou a construção do comunismo”, segundo a burocracia soviética, se esfumaram frente às mobilizações de milhões e milhões de trabalhadores e jovens que “nada tinham a perder, exceto seus grilhões”, tanto no Leste quanto no Oeste.

Décadas de “prosperidade” tinham conduzido os países capitalistas à exacerbação brutal da desigualdade. Mais uma vez triunfava Marx que explicara isto que se conhece como a “teoria da pauperização crescente”, no capitalismo. Mais uma vez triunfava Marx, desta vez contra burocratas medíocres, que teve a sorte de não conhecer, que explicara que o capitalismo é um sistema mundial e que a luta de classes é mundial: Proletários de todo o mundo, uni-vos!

Mas, desta vez também triunfava

Leon Trotsky que décadas antes havia explicado que por mais que a burocracia falasse em “socialismo num só país” os países onde o capital fora expropriado estavam no contexto de um sistema mundial de produção e submetidos a sua pressão. Ou a revolução política expulsava a burocracia e fazia renascer os soviets ou a burocracia restauraria o capitalismo.

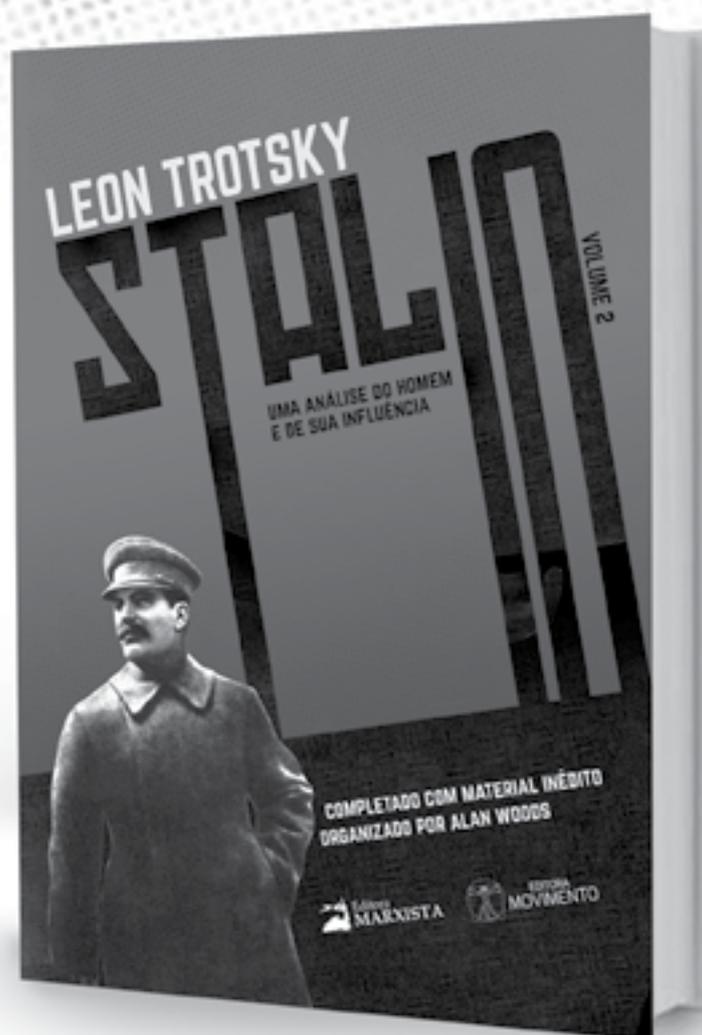
Como sabemos, em 1968, a revolução política não venceu e os países onde o capital fora expropriado foram atirados para trás com a restauração capitalista. A revolução social também não venceu e a sobrevivência do sistema capitalista custou já milhões de mortos desde 1968, guerras e sofrimentos inacreditáveis. Mas, os comunistas celebram o ano de 1968, assim como Marx, Engels, Lenin e Trotsky celebraram a Comuna de Paris que não venceu, mas apontou o caminho que seria retomado pela grande Revolução Russa de 1917.

Esta é a importância de conhecer o ano revolucionário de 1968, que explodiu em maio no mundo todo. Publicaremos na próxima edição artigos sobre 1968 no Brasil, nos EUA, na Argentina e outros países. Esperamos assim ajudar a restabelecer a compreensão proletária da unidade mundial da luta de classes e da necessidade de uma verdadeira Internacional revolucionária para “mudar a vida”!

Agregamos a esta edição dois artigos sobre uma questão extrema atualidade que é a questão nacional e qual o método dos marxistas para responder a estes desafios da luta de classes na época imperialista. Um artigo de Trotsky sobre as consignas democráticas e a revolução, Espanha e autodeterminação da Catalunha. Outro, de Serge Goulart, sobre o Timor Leste e Indonésia, escrito em 1999, quando se massacraram 300 mil timorenses e quase toda a esquerda dita “revolucionária”, de joelhos pedia a intervenção da ONU, ou dos EUA, para “parar o massacre”! Os mandelistas, como sempre, na primeira fila.

Boa leitura.

O SEGUNDO VOLUME DO LIVRO INÉDITO DE LEON TROTSKY JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!



Adquira seu exemplar na
Livraria Marxista* ou pelo site:

www.livrariamaxista.com.br

 Editora
MARXISTA



EDITORIA
MOVIMENTO

*Endereço: Rua Tabatinguera, 318, Sé, São Paulo - SP
Próximo à saída Pupa Tempo do metrô



1968: UNIDADE MUNDIAL DA LUTA DE CLASSES



- 04 **Tchecoslováquia 1968: A Primavera dos povos**
Alan Woods
- 17 **México: O movimento estudantil de 1968**
Ubaldo Oropeza
- 31 **A revolução francesa de maio de 1968**
Alan Woods
- 41 **Paquistão: a revolução de 1968-69**
Adam Pal
- 46 **1968: A ofensiva do Tet e o ponto de virada da guerra do Vietnã**
Alan Woods

A QUESTÃO NACIONAL E O MARXISMO

- 67 **As palavras de ordem democráticas e questão nacional**
Leon Trotsky
- 70 **Timor Leste e Indonésia: História de um massacre**
Serge Goulart

Contato com a Corrente Marxista Internacional (CMI) nas Américas

CANADÁ

Fightback
fightback@marxist.ca
www.marxist.ca

Québec
La Riposte
lariposte@marxiste.qc.ca

ESTADOS UNIDOS

Workers International League
www.socialistappeal.org

MÉXICO

La Izquierda Socialista
www.laizquierdasocialista.org
laizquierdasocialista.org@gmail.com
facebook.com/laizquierdasocialista

EL SALVADOR

Bloque Popular Juvenil
www.bloquepopularjuvenil.org
redaccion@bloquepopularjuvenil.org

REPÚBLICA DOMINICANA

cmi.dominicana@gmail.com

NICARÁGUA

vanguardiamarxistanicaraguense@gmail.com

HONDURAS

izquierdamarxista.hn@gmail.com

VENEZUELA

Lucha de Clases
www.luchadeclasses.org.ve
cmi.venezuela@gmail.com

COLÔMBIA

colombiamarxista@gmail.com

ARGENTINA

Corriente Socialista El Militante
www.argentina.elmilitante.org
elmilitante.argentina@gmail.com

BRASIL

Esquerda Marxista
www.marxismo.org.br
contato@marxismo.org.br
facebook.com/EsquerdaMarxista

INTERNACIONAL

www.marxist.com/es
contacto@marxist.com



Tchecoslováquia 1968: A Primavera dos povos¹

Alan Woods



Dubcek e outros dirigentes tchecoslovacos no 1º de Maio de 1968

O SIGNIFICADO DE DUBCEK²

O movimento na Tchecoslováquia se iniciou no verão passado com uma sessão atribulada do Sindicato de Escritores Tchechos, que aprovou uma resolução de apoio aos protestos contra a censura do autor soviético Solzhenitsyn³, além de afirmar que sua obra jamais “serviria para uma função estritamente propagandística”. A ebulição presente na intelectualidade tcheca rapidamente alcançou os estudantes, que se manifestaram durante o inverno devido à falta de eletricidade em suas residências.

Desfilaram pelas ruas com cartazes em que se podia ler a palavra de ordem crítica: “Dá-nos luz”.

A polícia secreta atacou brutalmente a manifestação e vários estudantes acabaram feridos. Uma prova do nervosismo da burocracia foi sua intenção de pacificar os estudantes se oferecendo para pagar os custos hospitalares dos manifestantes feridos. Sua oferta foi de encontro com a exigência audaciosa de que os responsáveis pela repressão deveriam ser castigados e que a imprensa deveria publicar toda a informação sobre o incidente. Os dirigentes estu-

dantis advertiram que se os jornais não publicassem a verdade, eles iriam às fábricas para explicar o ocorrido aos trabalhadores.

A divisão na burocracia e a queda de Novotný⁴ após esses acontecimentos não podem ser explicados simplesmente pelos atos dos escritores e estudantes. É necessário situá-los em um contexto de desaceleração econômica e na crise por que passa a economia tchecoslovaca já há alguns anos. A intenção delirante das distintas burocracias stalinistas nacionais da Europa Oriental de construir o socialismo em “seus próprios” países levou a uma

¹Este artigo foi escrito em 4 de setembro de 1968 e publicado na edição de inverno do periódico Spark (Fagulha).

²Alexander Dubcek (1921-1992), secretário-geral do Partido Comunista da Tchecoslováquia (PCCh) durante o período conhecido como “Primavera de Praga” – Nota do Tradutor (N.T.).

³Alexander Isaeovich Solzhenitsyn (1918-2008), romancista, dramaturgo e historiador que retratou os gulags (campos de trabalhos forçados para opositores ao governo stalinista) em sua obra literária, permanecendo muitos anos preso devido a críticas contra Stalin (N.T.).

⁴Antonín Novotný (1904-1975), Secretário-Geral do PCCh de 1953 a 1968, ferrenho defensor do stalinismo (N.T.).



Antonín Novotný, Secretário Geral deposto em 1968

situação onde cada uma das nações tenta construir “independentemente” cada um dos setores da indústria sem considerar as restrições inevitáveis impostas pelas velhas fronteiras nacionais capitalistas.

Desse modo, durante os anos 1950 a burocracia tchecoslovaca tentou forçar o desenvolvimento da indústria pesada em detrimento da produção para o consumo, o que provocou um desequilíbrio crônico entre a indústria e a agricultura, um desenvolvimento desequilibrado da própria indústria, escassez crônica de produtos de consumo e, mesmo que pareça inacreditável, superprodução real em uma economia planificada e nacionalizada. A planificação míope “a partir de cima”, que controlava a produção da indústria pesada, juntamente com a ineficácia, a inépcia e a má gestão de uma economia burocratizada, provocaram a extensão da acumulação de mercadorias que, com frequência, tornavam-se inúteis.

A necessidade de “cumprir o plano” levou a substituir a qualidade pela quantidade e os bens de consumo produzidos não podiam ser vendidos no mercado mundial, enquanto que, ao mesmo tempo, seu preço estava longe do alcance dos trabalhadores tchecoslovacos. Em 1964 uma comissão estatal informou que havia inspecionado 4 mil linhas de produção em 50 fábricas. Somente um terço podia ser qualificado como tendo nível competitivo.

A economia tchecoslovaca, que durante os anos 1950 era considerada a joia do mundo stalinista, começa a parar presa à burocracia.

O imperativo de se racionalizar a economia, além do temor das consequências que uma desaceleração maior das forças produtivas surtiria entre os trabalhadores tchecoslovacos, provocou uma divisão nas camadas superiores da burocracia tchecoslovaca e o surgimento da ala “reformista” Dubcek, muito agraciada pela imprensa capitalista ocidental. Para os marxistas, entretanto, todo esse sentimentalismo jornalístico deve ser substituído por uma pergunta muito simples: a quem Dubcek representa? A quais interesses seu programa serve?

O que fazia Dubcek durante todos esses anos de stalinismo de Novotný? Por que entre 1967 e 1968 ele descobriu, de repente, todos os males do velho regime? Alguns de seus amigos “liberais” sofreram conversões muito repentinas. Por exemplo, Jiri Hendrych, porta-voz do partido para assuntos culturais, que em janeiro elogiou a suavidade e a leveza, que defendia a “recente aproximação” à intelectualidade criativa, no Congresso de Escritores celebrado no ano passado saiu da sala e pronunciou estas palavras: “Minha paciência com essa gente chegou ao limite”. Posteriormente esteve por trás da expulsão de vários escritores combativos do partido.

O principal ponto do programa de Dubcek era a reforma econômica. Suas propostas estavam bem alinhadas com a política “libermanista” introduzida em 1963 na Alemanha Oriental e na Rússia em 1965⁵. Segundo esse projeto, as diretrizes do plano central foram substituídas por planos elaborados pelas empresas ou associações de empresas individuais. Longe de eliminar os privilégios e a riqueza dos burocratas, Dubcek pretende aumentar os diferenciais salariais,

garantindo “incentivos” para os diretores de fábrica. Na realidade se trata de uma manobra bonapartista da cúpula do regime, que pretende se equilibrar sobre uma camada de burocratas (diretores de fábrica, “técnicos”, entre outros) contra outra camada distinta (burocratas estatais).

Um artigo publicado no *The Sunday Times* em 21 de julho de 1968 revelava de maneira caricatural o estrato social em que se baseava Dubcek para conseguir seu apoio. Em uma entrevista dada por um diretor de fábrica tchecoslovaco, este explicava quais eram suas razões para apoiar a nova direção reformista:

Agora na fábrica temos muito mais liberdade. Já não estão os mesmos velhos idiotas interferindo em nossa produção, podemos buscar os clientes nós mesmos, não temos problemas com as peças de substituição ou manutenção.

Mas os salários são um problema. O trabalhador médio ganha 2.100 coroas mensais (apenas £50), enquanto os engenheiros recebem apenas cerca de 6% mais. Precisamos de um diferencial de, pelo menos, 30%...

Temos nosso próprio exército e polícia. Se alguém tenta acabar com o socialismo aqui na Tchecoslováquia, nossa polícia e nosso exército



Dubcek e Brezhnev em fevereiro de 1968

⁵Políticas de caráter reformista e descentralizador propostas por Yevsey Grigórievich Liberman (1897-1983) (N.T.).

podem se ocupar disso. Não precisamos que os russos nos ajudem...

A atitude de desdém de nosso diretor de fábrica “liberal” para com os trabalhadores pode ser visto no episódio a seguir.

Nesse momento o telefone toca e Kalousek atende. Depois vira para o jornalista e com um suspiro diz: “É um dos trabalhadores que me pergunta sobre a nova resolução. Não estou de acordo em fazer essas resoluções, mesmo que esteja de acordo com o que diz. Todos se entusiasma, deixam de trabalhar e isso custa dinheiro”.

Novotný tentou apelar às fábricas à procura de apoio e fazer a classe trabalhadora se voltar contra os “intelectuais burgueses”. No início deste ano [1968], os jornais ocidentais informavam que muitos trabalhadores suspeitavam de Dubcek e tinham boas razões para isso. É verdade que a “libermanização” da economia russa, como esperavam os marxistas, teve o efeito imediato de impulsionar a economia soviética. No ano passado a produção industrial bruta da URSS cresceu cerca de 10%, cifra mais elevada desde 1959. Isso significou uma importante melhora da produção de bens de consumo. Mas as reformas de 1957 introduzidas por Krushev também provocaram um efeito similar, antes que a “descentralização” terminasse em uma orgia de corrupção e transtornos que levaram a uma guinada brusca e à queda do próprio Krushev.

Tomando-se o caso da Iugoslávia, que Dubcek e companhia colocaram como modelo para a economia tchecoslovaca, o futuro da atual saída “libermanista” pode ser visto como se fosse um espelho. Em 1965, a burocracia iugoslava levou o processo de descentralização e “racionalização” até novos patamares. À época, também, a economia iugoslava avançou; desfrutava da taxa de crescimento mais alta

entre todos os Estados stalinistas, excetuando-se a China.

Qual é a atual situação? A produção em muitos setores está paralisada. O planejamento central colapsou. Em 1967 esperava-se que a produção aumentasse 9%, em vez disso ela caiu 0,4%. A descentralização provocou o aumento dos conflitos entre as empresas, a implosão da economia e uma onda de leis interempresariais para a recuperação das dívidas incobráveis. O pior de tudo é que nos deparamos com o espetáculo de um país “socialista” com 300 mil desempregados, para não mencionar os 400 mil iugoslavos que não podem encontrar emprego em seu próprio país e têm de trabalhar em empresas capitalistas no ocidente.

Não há dúvida de que as reformas econômicas de Dubcek, em última instância, irão contra os interesses dos trabalhadores tchecoslovacos. A concorrência entre as empresas de propriedade estatal significa que numerosas fábricas não rentáveis ficarão contra a parede, provocando desemprego em grande escala, especialmente na região mais atrasada, a Eslováquia.

Desde o início, Dubcek tentou conseguir o apoio principalmente dos intelectuais e dos estudantes, que foram os mais ruidosos em seu apoio. A burocracia tchecoslovaca estava claramente assustada porque a ebulição existente entre a intelectualidade poderia se estender aos trabalhadores. As lições do “Círculo Crooked”, na Polônia, e do “Círculo Petöfi”, na Hungria, cuja agitação desencadeou violentos movimentos de massas em 1956, não passam despercebidas por Dubcek e outros burocratas. Eles estavam dispostos a dar concessões temporariamente, sobretudo à intelectualidade, para preservar sua própria posição privilegiada. Essas reformas são bem menos radicais que as reformas realizadas por Go-

mulka⁶ em 1956. Então por que houve a interferência da burocracia russa?

O que primeiramente chamou a atenção de Brezhnev⁷ e dos dirigentes da burocracia russa foi o rápido desenvolvimento do movimento de massas na Tchecoslováquia. Apesar de toda a timidez das reformas de Dubcek (agora ele mesmo surge como um candidato de “compromisso” do Comitê Central, ou seja, não é sequer o mais radical dos burocratas), sem dúvida atuaram como catalizador do profundo sentimento de descontentamento que afetava a classe trabalhadora.

A divisão na burocracia precipitou uma explosão sem precedentes de debates, atos de protesto e manifestações. Em cada fábrica, instituto e povoado havia um intenso debate. Por todo o país eram aprovadas resoluções exigindo a destituição de Novotný e a aceleração das reformas. Pela primeira vez, as próprias reuniões do PCCh eram cenários de debates ruidosos, críticas e, inclusive, eliminavam-se os candidatos das listas oficiais. A tentativa de golpe dos seguidores de Novotný sensivelmente atuou como um chicote que agitou ainda mais as massas. O movimento cobrou ímpeto e a burocracia só podia seguir a correnteza concedendo uma reforma após outra.

O temor da burocracia russa de que o movimento de massas na Tchecoslováquia escapasse de seu controle pode ser visto claramente na seguinte passagem da carta enviada pelos russos e seus quatro aliados:

As forças da reação se aproveitaram da debilidade da direção do partido dentro do país, abusando demagogicamente da democratização, desatando uma campanha contra o PCCh e seus quadros honestos e abnegados, com a intenção clara de liquidar o papel dirigente do partido, minar o sistema socialista, pôr

⁶Wladyslaw Gomulka (1905-1982), primeiro secretário do Partido Operário Unificado Polaco, governou a Polônia a partir de 1956, implantando uma série de reformas que contrariavam a orientação stalinista soviética (N.T.).

⁷Leonid Ilyich Brezhnev (1906-1982), presidente da URSS de 1964 a 1982 (N.T.).

a Tchecoslováquia contra os demais países socialistas.

O Kremlin considerava Dubcek que os “quadros honestos e abnegados” do stalinismo tchecoslovaço foram incapazes de controlar o movimento desatado pela divisão na liderança. Sobretudo, temiam pelo “papel dirigente do partido”, ou seja, aterrorizava-os o surgimento de novos partidos operários que pudessem proporcionar uma verdadeira alternativa socialista ao stalinismo. A carta assim continua:

As organizações e clubes políticos formados recentemente fora do marco da Frente Nacional, na realidade se converteram em quartéis gerais das forças da reação. Os socialdemocratas exigem obstinadamente a criação de seu próprio partido, organizam comitês clandestinos que tentam dividir o movimento da classe trabalhadora na Tchecoslováquia, pretendem chegar à direção do país com o objetivo de restaurar o sistema burguês.

A acusação de que o sistema socialista na Tchecoslováquia estava ameaçado pelas “forças da reação”

que desejam restaurar o capitalismo é a fórmula abjeta utilizada habitualmente pela burocracia russa para atemorizar os trabalhadores do Leste Europeu, para mantê-los distantes numa situação de crise. Brezhnev e outros membros do Comitê Central fizeram tudo o que puderam para “demonstrá-lo”: organizaram uma série de factoides que seguiam a melhor das tradições stalinistas. Por exemplo, as notícias da famosa “enxurrada de armas” da Alemanha Ocidental anunciada pela rádio da Alemanha Oriental antes que os tchecoslovaços o anunciassem.

Em 30 de julho, o comitê de trabalhadores da fábrica Auto-Praka publicou uma declaração denunciando como falsificação uma carta publicada no *Pravda*⁸, supostamente procedente da fábrica, que condenava as exigências tchecoslovaças de retirada das tropas soviéticas. Apesar das torpes alegações, o *Pravda* não foi capaz de demonstrar a existência de um grupo, jornal ou partido na Tchecoslováquia que defendesse o regresso do capitalismo.

A carta de Varsóvia nomeava um grupo considerado particularmente perigoso, de 80 intelectuais e trabalhadores que defendiam a aceleração da democratização no documento conhecido como “Os dois mil mundos”. Essa “plataforma da contrarrevolução”, como é qualificada pela carta de Varsóvia, defendia o uso das greves e manifestações para acelerar a queda dos homens de Novotný que ainda tinham cargo. A imprensa russa se indignava com a indicação de que “sob o socialismo” pudesse haver greves. Mas Lenin explicava já em 1921 que, em um Estado proletário com deformações burocráticas, os trabalhadores têm o direito de se defender, inclusive contra seu próprio Estado, que nesse caso era um Estado proletário relativamente são.

Também o “papel de direção do partido”, que os stalinistas afirmam ser um “princípio fundamental do leninismo”, é uma absoluta distorção. Como assinalava corretamente um dirigente tchecoslovaço na televisão, Lenin sempre foi favorá-



Praga, em maio de 1968

[Foto: Reijo Nikkilä]

⁸Jornal e órgão de comunicação do Comitê Central do Partido Comunista da URSS (N.T.).

vel à existência de vários partidos soviéticos como garantia necessária para a democracia proletária. Depois de Outubro, o único proibido foi o partido fascista Centúrias Negras⁹. Inclusive o Cadete¹⁰, partido burguês, não foi proibido imediatamente. Só acabou sendo proibido devido à pressão da guerra civil e da intervenção imperialista que obrigaram a imposição de um partido único, nesse caso o Bolchevique. Era uma medida desagradável que devia terminar assim que possível. Somente depois da vitória da contrarrevolução stalinista, que usurpou o poder das mãos da classe trabalhadora, colocando-o nas mãos da casta privilegiada de funcionários, descobriu-se o “princípio leninista” do partido único estatal.

As burocracias stalinistas da Rússia e da Europa Oriental temem as greves como se fossem uma praga porque delas pode surgir um movimento que derrube seus domínios. Inclusive temem ainda mais o surgimento de organizações políticas a seu redor que possam cristalizar rapidamente um programa socialista alternativo à caricatura de socialismo que existe nesses países.

A intensa pressão do Kremlin provocou a resposta desejada em Praga. Respondendo à carta de Varsóvia, o *Presidium*¹¹ do partido tchecoslovaco se apressou em assegurar aos seus companheiros soviéticos que “os diferentes medos expressados na carta também se manifestaram na resolução de nossa sessão plenária de maio do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia”.

A carta estava de acordo com a existência de “tendências extremistas” e “remanescentes de forças antissocialistas em nossa sociedade” e que estas “nos impenhem de conseguir os resultados que desejamos em nosso trabalho

político”. Mas a carta continua advertindo Brezhnev contra a intenção de atrasar o relógio na Tchecoslováquia por medo de provocar a classe trabalhadora.

Qualquer sinal de regresso nesses métodos suscitaria a resistência da classe trabalhadora, os camponeses cooperados e a intelectualidade. O partido poderia colocar em risco seu papel político dirigente e criaria uma situação onde se poderia produzir um conflito de poder.

A fração “liberal” era claramente consciente de que continuar com o uso dos velhos métodos de dominação, o punho de ferro e o porrete, agora estava fora de cogitação. Se as concessões e as reformas criavam uma situação perigosa para a burocracia, então a intenção de impor os velhos métodos seria 10 vezes mais perigosa. Quando todo um povo se coloca de pé e diz “não”, não existe força sobre o planeta que possa detê-lo.

A intenção imediata de Dubcek era fazer concessões. Enquanto eliminava as causas que provocavam mais descontentamento, deixava intacto o poder e os privilégios da camarilha dominante:

Em geral, o partido foi capaz de superar a demagogia política nessas questões em que tentava utilizar as reivindicações justificadas dos trabalhadores para desorganizar nosso sistema e que dava ânimo a um movimento espontâneo em nome das “reivindicações dos trabalhadores”, fazendo com que ficasse mais difícil a situação econômica e política de nosso país. Ao mesmo tempo... estamos solucionando alguns problemas sociais e políticos urgentes, como o aumento das pensões baixas e incrementos salariais.

A direção tchecoslovaca estava totalmente de acordo com os companheiros russos na condenação das “campanhas e calúnias injustificadas da nova direção do

Partido Comunista da Tchecoslováquia, procedentes desde posições extremistas, tanto à direita como à esquerda”. Condenava as “duas mil palavras, que pedem à população que façam atos anarquistas e isolem o caráter constitucional de nossa reforma política”. Mas, uma vez mais, a burocracia tchecoslovaca alertava que a supressão dessas “tendências extremistas” não poderia acontecer imediatamente. O congresso extraordinário do partido de setembro elaboraria novas leis sobre os partidos políticos e os grupos “não oficiais” e clubes.

A pressão de Moscou não deve ser vista como a causa da reincidência de Dubcek. Desde o início, o principal objetivo de Dubcek era decapitar e restringir o movimento de massas tchecoslovaco. Enquanto a origem do novo movimento de protesto, os “liberais”, se apressava em fazer concessões, ao mesmo tempo alertavam reiteradamente aos trabalhadores de que deviam “evitar a todo o custo outra Hungria”.

Os chamados à “calma”, à “paciência” e à “dignidade” eram a constante e o tema monótono do novo regime em sua intenção de provocar a passividade das massas. Mas quando a pressão das outras assustadas camarilhas burocráticas se intensificou, a burocracia tchecoslovaca começou a retirar, gradativamente, as limitadas concessões que havia dado até então.

Depois do famoso “Acordo de Bratislava”, a imprensa tchecoslovaca lançou alertas contra os artigos “demasiado críticos” à União Soviética. Primeiro foi o general Pochilk a deixar seu cargo como responsável do Departamento de Defesa do Comitê Central por suas críticas públicas ao Pacto de Varsóvia, depois começou a preparar o expurgo da imprensa tchecoslovaca.

⁹Grupo político e paramilitar pró-czarista existente na Rússia em 1917 (N.T.).

¹⁰Partido Constitucional Democrata, fundado em 1905 por liberais e que teve destaque na revolução ocorrida naquele ano. Seus membros eram conhecidos como cadetes, devido à sigla desse partido em russo KD (N.T.).

¹¹Poder executivo (N.T.).



Tropas soviéticas em Praga, agosto de 1968

Numa reunião conjunta com Ceausescu¹² em Praga em 16 de agosto, Dubcek denunciou os pedidos que exigiam o abandono da milícia popular (polícia): “Necessitamos de ordem em nosso país[, disse,] as reuniões em Praga [quer dizer, debates públicos] continuando, terão um efeito negativo no avanço da democratização” (*The Times*, 17 de agosto de 1968). Claramente, a burocracia tchecoslovaca estava levando muito a sério os avisos de seus fraternais camaradas soviéticos para que “colocassem a casa em ordem”.

POR QUE O KREMLIN INVADIU?

O movimento na Tchecoslováquia não alcançou o nível de desenvolvimento da Hungria ou da Polônia em 1956. Não foram criados conselhos operários, os trabalhadores não estavam armados como na Hungria, onde os russos fizeram a intervenção.

Inclusive na Polônia em 1956 houve uma greve geral e uma insurreição em Poznan. Os russos permitiram Gomulka controlar a situação na Polônia por meio de reformas, mas não permitiram que

Dubcek fizesse o mesmo na Tchecoslováquia em 1968. Por quê?

A resposta está, em parte, na mudança da correlação internacional de forças de classe que se produzia desde 1956. Nesse período posterior se produziu fissuras no monólito stalinista mundial devido a uma série de divisões em linhas nacionais. De uma maneira impressionante durante os anos 1960 se confirmou o prognóstico que Trotsky fez em 1923: a teoria do “socialismo em um só país”, com a substituição dos interesses da classe trabalhadora internacional pelos estritos interesses nacionais da burocracia russa, inevitavelmente, levaria à degeneração nacionalista da Internacional Comunista.

Desde os acontecimentos de 1956, o bloco stalinista sofreu a separação da China, que levou não à criação de dois campos stalinistas, mas à abertura de todo um espectro de “caminhos nacionais ao socialismo”.

Com a separação sino-soviética, a política das burocracias romena e iugoslava, o “caminho polaco” de Gomulka, entre outros, debilitou-se muito o controle da burocracia russa sobre as demais burocracias

e também sobre os partidos comunistas do Ocidente. O alcance da degeneração pode ser calibrado pelas tentativas frenéticas da burocracia russa de conseguir apoio para uma reunião mundial dos partidos comunistas com o propósito de excomungar somente a China.

Se compararmos essa situação com a criada quando Stalin conseguiu expulsar a Iugoslávia da Cominform¹³, a diferença é evidente. Hoje em dia, até mesmo a burocracia de Castro em Cuba, que se assenta sobre bases mais estreitas que qualquer outro Estado stalinista, pode defender seu “próprio” caminho ao “socialismo”, como vimos no expurgo da ala pró-Moscou do Partido Comunista Cubano em janeiro de 1968.

Inclusive mais significativa foi a conferência de partidos comunistas realizada em Budapeste em março de 1968, da qual só participaram 67 partidos, enquanto em 1960 foram 81.

Cuba, Iugoslávia, Coreia do Norte e Vietnã do Norte não participaram. A Romênia abandonou a conferência e dentre partidos comunistas asiáticos, somente participou o pró-Moscou Partido Comunista Indiano.

Na década anterior, o stalinismo havia sofrido uma série de golpes que minaram seu poder e prestígio em nível internacional. A “linha de Moscou” já não provocava a obediência fanática cega que se tinha antes da guerra.

Mas o mais importante ainda são os processos que se deram entre as massas da Europa Oriental e da própria Rússia. A ebulição entre os escritores russos é só a ponta do iceberg de descontentamento que existe entre as massas russas.

Um exemplo assombroso da debilidade do regime burocrático russo é que, 50 anos depois da revolução, após um período de suposta

¹²Nicolae Ceausescu (1918-1989), presidente da Romênia de 1965 a 1989 (N.T.).

¹³Sigla em russo para Escritório de Informações dos Partidos Comunistas e Operários, organismo internacional liderado pelo Partido Comunista Soviético com o objetivo de promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos partidos comunistas na Europa (N.T.).

“desestalinização” e “degelo”, depois de todas as promessas sobre a “construção do comunismo em 20 anos”, o regime teve de condenar a trabalhos forçados alguns escritores pelo crime de defender a implantação da Constituição Soviética. Porém, mais significativo ainda que o julgamento dos escritores do início de 1968 foi a torrente de protestos de intelectuais soviéticos que se seguiu às sentenças.

O neto do famoso diplomata soviético Litvinov¹⁴ publicou uma carta aberta condenando o julgamento, assinou com seu nome e endereço como sinal de desafio aberto à polícia secreta. O filho do general soviético Yakir¹⁵, assassinado por Stalin no terrível Grande Expurgo, publicou um protesto similar no qual advertia que o stalinismo ainda existia e defendia a reabilitação de Leon Trotsky.

Yakir também assinou com seu nome e endereço. Depois dos protestos, a burocracia tentou por freios e amordçar a intelectualidade. As obras de Alexander Solzhenitsyn, que até alguns anos antes era saudado pela imprensa soviética como um “novo Dostoiévsky”, foram proibidas. Solzhenitsyn liderou a campanha contra a censura e pela liberdade das artes na Rússia.

A burocracia russa não podia tolerar os acontecimentos da Tchecoslováquia devido ao efeito que poderiam ter sobre o povo soviético, começando pela intelectualidade. O efeito na Ucrânia, que faz fronteira com a Eslováquia e que durante os últimos oito meses esteve em estado de ebulição devido ao descontentamento existente, foi particularmente sério.

A abolição da censura na Tchecoslováquia faria com que a burocracia russa se deparasse com o in-



sistente clamor de um número cada vez maior de intelectuais soviéticos pela eliminação do peso morto do suposto controle burocrático sobre a literatura e as artes. Porém, mais sério ainda seria o efeito que teria na própria classe trabalhadora.

A liberdade de expressão na imprensa poderia se converter em um foco para que aparecessem expressões organizadas de descontentamento, levando, inevitavelmente, na direção de um novo programa e partido. Já na Rússia há centenas de milhares de círculos de estudo clandestinos, onde os trabalhadores leem e tiram suas próprias conclusões das obras de Lenin, que ainda são distribuídas às centenas de milhares pela União Soviética.

Contudo, nenhuma das observações de Lenin permaneceu.

O ostensivo contraste entre a realidade soviética e as ideias de Lenin é cada vez mais evidente. O programa do Partido Bolchevique de 1919, elaborado principalmente por Lenin, estabelecia os seguintes pré-requisitos básicos para o poder proletário, não “sob o socialismo”, não “sob o comunismo”, mas nas primeiras etapas do poder soviético, no período de transição do capitalismo ao socialismo:

1) Eleições livres e democráticas, com direito a revogação de mandatos.

2) Nenhum funcionário receberia um salário superior ao de um trabalhador qualificado.

3) Não ao exército permanente, mas o povo armado.

4) Não à burocracia permanente: “Todo cozinheiro deveria ser capaz de ser primeiro-ministro”.

Destas observações elementares da democracia proletária não resta nada em 1968, nem na Rússia, nem na Europa Oriental. Por isso, o movimento dos trabalhadores no Leste Europeu inevitavelmente deve defender o retorno a Lenin, não ao capitalismo, mas depurar o Estado soviético de burocratas, carreiristas e parasitas, defender uma autêntica democracia proletária soviética.

Na Tchecoslováquia, como em 1956 na Hungria (onde os trabalhadores criaram conselhos operários para dirigir o país, soviets em tudo, menos no nome), a classe trabalhadora, sem dúvida, poderia se mover nessa direção. Ao menos em um jornal tchecoslovaco a ideia dos soviets (órgãos democráticos e genuínos do poder proletário) já foi considerada. Ao longo dos acontecimentos, os trabalhadores aprenderão com sua própria experiência a necessidade de evitar as limitações que impõe sobre eles a camarilha de Dubcek.

Os trabalhadores húngaros em 1956 entraram tarde em cena, depois de ocupada pelo movimento dos estudantes e intelectuais, mas quando o fizeram, foram além do que haviam previsto os “liberais” burocratas Nagy¹⁶ e Kadar¹⁷. O movimento ultrapassou a “calma”, a “solenidade” e a bobagem “constitucional” de um Nagy ou um Dubcek, convertendo a situação em

¹⁴Pavel Litvinov (1940), neto de Maxim Litvinov (1876-1951), físico e ativista pelos direitos humanos, cujo protesto lhe custou um período de prisão na Sibéria e posterior expulsão da URSS para os EUA, onde vive até hoje (N.T.).

¹⁵Pyort Yakir (1932-1982), filho de Iona Yakir (1896-1937), foi enviado com 14 anos a um gulag, onde permaneceu por 20 anos após o assassinato de seu pai, um herói da guerra civil (N.T.).

¹⁶Imre Nagy (1896-1958) foi primeiro-ministro húngaro durante a revolução de 1956 (N.T.).

¹⁷János Kadar (1912-1989) foi colocado pelas forças soviéticas no poder na Hungria após esmagarem a revolução de 1956 (N.T.).

uma verdadeira revolução proletária, não uma contrarrevolução social para derrubar as relações socialistas de propriedade, mas uma revolução política, para expulsar a burocracia e estabelecer um genuíno Estado proletário democrático.

O movimento dos trabalhadores húngaros só foi esmagado pelos tanques da burocracia russa com um custo e um esforço tremendos. Agora, em 1968, defrontam-se com uma escolha perigosa: intervir significaria outro golpe terrível para a burocracia e que não se deteria nas fronteiras da Tchecoslováquia.

A invasão russa leva o selo de um autêntico movimento apressado e de pânico. O comportamento dos dirigentes russos durante os últimos meses foi inconsistente, vacilante e lento. Poderia ter algo de verdade na especulação dos comentaristas burgueses sobre uma divisão na burocracia.

Haja o que houver, a invasão da Tchecoslováquia não deve ser vista como uma prova da força da burocracia russa, mas como um movimento ditado pelo medo, um ato que demonstra, sem sombra de dúvida, as bases extremamente instáveis sobre as quais se assenta o stalinismo na Rússia e na Europa Oriental.

A julgar pelas aparências, o surgimento dos tanques russos nas ruas de Praga era um presságio da derrota imediata e inevitável do movimento na Tchecoslováquia. Mas essa conclusão estava equivocada. Claro, abordando a questão a partir de um ângulo puramente militar, tudo o que se disser sobre a resistência dos tchecoslovacos diante do poderoso exército da Rússia soviética, com sua superioridade avassaladora de homens e recursos, seria ridículo.

Para os marxistas, os fatores militares por si só não podem ser decisivos na guerra. Se assim fosse, então a jovem república soviética, que em determinado momento fi-

cou reduzida a duas províncias nas proximidades de Moscou e Petrogrado¹⁸, teria sido esmagada pelos 21 exércitos da intervenção, mas isso não ocorreu.

Por que Lenin e os bolcheviques puderam sair vitoriosos da guerra civil com tamanhas desvantagens? A resposta está na clara posição internacionalista dos bolcheviques e os chamados de classe que fizeram aos trabalhadores fardados dos exércitos estrangeiros de intervenção. O resultado da propaganda bolchevique e da confraternização com as já desmoralizadas tropas provocaram motins nos exércitos de intervenção que se “contagiaram” com o “vírus bolchevique”.

Uma verdadeira liderança leninista teria preparado o povo tchecoslovaco para a eventualidade de uma invasão, tanto política como militarmente. O enfrentamento do Exército Vermelho com uma classe trabalhadora armada e organizada em soviets teria um efeito tremendo sobre os trabalhadores russos fardados.

E foi o que aconteceu. Chegaram numerosos informes de testemunhos presenciais que assinalam a perplexidade e a desmoralização das tropas do Pacto de Varsóvia quando tomaram consciência de que seus líderes lhes haviam enganado. Houve exemplos de tropas russas caídas e chorando nas ruas, protestando porque não sabiam que estavam na Tchecoslováquia, não desejavam lutar contra os trabalhadores tchecoslovacos e assim por diante. Nessas circunstâncias, a confraternização pautada em linhas claras de classe e internacionalistas sem dúvida provocaria um tremendo descontentamento no Exército Vermelho.

Além disso, uma prova da total desmoralização das tropas é o fato de que unidades inteiras tiveram que se retirar depois de uma semana de ocupação. Nenhum exército, não importa o quão desmoralizado

esteja, pode esperar um motim, a menos que exista uma alternativa enérgica e clara.

Os trabalhadores e estudantes tchecoslovacos demonstraram seu instinto revolucionário ao compreender a necessidade da confraternização. Mas não basta a simples resistência passiva. As tropas intervencionistas deveriam ter sentido a absoluta determinação do povo tchecoslovaco em lutar até a morte se fosse necessário para defender suas conquistas. Enfrentariam uma fúria tão implacável que teriam coragem de desobedecer o oficial com a pistola em suas costas. Sem esse enfretamento, a casta de oficiais sempre pode submeter os trabalhadores fardados com a ameaça de um pelotão de fuzilamento.

Também em relação à propaganda usada pelos tchecoslovacos, a maioria era de tipo nacionalista que não possuía qualquer atrativo para as tropas russas. Palavras de ordem como “Ivan, volte a casa” sem dúvida têm um efeito desmoralizador, mas não servem para ganhar os trabalhadores estrangeiros fardados como feita pela propaganda internacionalista dos bolcheviques.

A tragédia da Tchecoslováquia foi que o povo tchecoslovaco estava sem orientação, desarmado e despreparado. A camarilha de Dubcek preferia ver o país ocupado a armar a classe trabalhadora. Apesar de todas as suas corajosas palavras, Dubcek estava disposto a comer lixo em vez de se arriscar a acender o pavio de um movimento de massas espontâneo da classe trabalhadora.

OS TRABALHADORES APRENDEM AS LIÇÕES DE 1968

Uma medida da covardia da burocracia tchecoslovaca e de seu medo dos trabalhadores foi o fato de que ela descartou a luta industrial, exceto por uma paralisação

¹⁸Atual cidade de São Petersburgo, na Rússia, antiga capital do Império Russo onde eclodiu a Revolução de Outubro em 1917, renomeada em 1924 como Leningrado, voltando ao nome original quando restituído o capitalismo na Rússia (N.T.).

de uma hora. Os acontecimentos na França demonstraram rapidamente que uma greve “tranquila” e “serena” (isto é, uma greve controlada e controlada a partir de cima) pode se converter em um movimento revolucionário.

No desenrolar de uma greve geral aparecem os conselhos de trabalhadores, órgãos embrionários do poder proletário, que não podem ser tolerados pela burocracia. É característico da burocracia “liberal” usar a única arma que tem em suas mãos, a suposta rádio “livre”, usando-a para fazer chamados à “calma” e à “serenidade”, ou seja, uma maneira de evitar toda a resistência à invasão.

Sem dúvida, a intervenção soviética é uma derrota para a classe trabalhadora tchecoslovaca e para todo o movimento em direção à revolução política do Leste Europeu. A burocracia russa é consciente de que é impossível retroceder e restaurar a camarilha de Novotný, por essa razão está disposta a permitir a continuação da “liberalização” a partir de cima e sob um controle estrito. Dubcek se viu arrastado, atado a Moscou e engessado por seus “fraternais camaradas soviéticos” que lhe apresentaram uma alternativa: ou chega a um acordo ou vai para a prisão.

E Dubcek, esse valente “liberal” que jurou solenemente a seu povo que não voltaria atrás nas conquistas que havia conseguido, adotou a única solução “honrosa” e regressou a Praga. Todas as palavras sobre a retirada das tropas soviéticas são apenas areia jogada nos olhos dos trabalhadores tchecoslovacos. Na realidade, o que ocorria era que as tropas desapareceram dos olhos públicos e, quem sabe, das cidades. Mas ficarão como salvaguarda contra os trabalhadores tchecoslovacos.

Já há notícias sobre cerca de 800 agentes russos trabalhando nos escritórios do governo na Tchecoslováquia, como fizeram anteriormente sob Stalin. Esse

estreito cerco será mantido com Dubcek e seus amigos caso novamente se produza pressão a partir de baixo. Vários dos “reformistas” comprometidos por suas declarações dos últimos meses já foram destituídos.

A censura foi restabelecida. De maneira perturbadora, o *Pravda* pediu a detenção de cerca de 40 mil “jovens contrarrevolucionários”. Sem dúvida, as detenções e deportações já começaram. Muitos intelectuais fugiram do país. Desgraçadamente, os trabalhadores, como sempre, não têm tanta facilidade para escapar, devem ficar e sofrer as consequências.

O efeito imediato da invasão sobre os trabalhadores tchecoslovacos será claramente a desmoralização e a desilusão. Com todos os pontos estratégicos ocupados, com todas as alavancas do poder nas mãos da casta de oficiais soviéticos, não é possível qualquer resistência neste momento, mesmo que toda uma série de provocações protagonizadas pelos russos possam promover enfrentamentos com os trabalhadores tchecoslovacos sem orientação e desorganizados, que sofrerão uma derrota sangrenta.

Mas, apesar da desmoralização temporária, os trabalhadores tchecoslovacos aprenderão lições importantes desses acontecimentos. A experiência da realidade das “reformas” de Dubcek fará com que os trabalhadores procurem uma nova alternativa.

Durante a mesma invasão, já surgiram palavras de ordem como “Acorda Lenin, Brezhnev está ficando louco”. Numa manifestação na Iugoslávia havia dois cartazes, um deles com um retrato de Lenin e a frase “ele nunca nos faria isso”, o outro era de Stalin e a frase “isto é o que ele faria”.

Inegavelmente, certos setores dos trabalhadores e estudantes da Tchecoslováquia já têm procurado fervorosamente um novo programa antiburocrático, um programa que só pode se basear

nas ideias democráticas de Lenin e dos bolcheviques. O ambiente atual de derrota dará lugar a um novo movimento, mas em nível superior.

Inclusive os comentaristas burgueses entendem que a força decisiva na Tchecoslováquia ainda não se pronunciou. Um recente artigo publicado no *The Sunday Times* (4 de setembro de 1968) resumia muito bem a situação: “Paradoxalmente, os intelectuais começaram o movimento de liberação com pouco apoio dos trabalhadores e agora esses demonstram uma maior determinação, enquanto que os intelectuais correm para a fronteira com seus vistos de saída adquiridos sigilosamente. Quem dera haja um governo no exílio, mas será menos relevante que uma campanha de resistência lançada e dirigida pelos trabalhadores”.

EUROPA ORIENTAL EM AGITAÇÃO, OS EFEITOS ATINGEM OS PARTIDOS STALINISTAS

O movimento na Tchecoslováquia não terminou, apenas acabou de começar. Estamos presenciando os princípios da revolução política na Europa Oriental. Os acontecimentos tchecoslovacos, mesmo que menos avançados que os poloneses e húngaros em 1956, sacudiram o coração de cada uma das camarilhas burocráticas da Europa Oriental e da Rússia.

Em março, como resultado direto da ebulição na Tchecoslováquia, estouraram distúrbios na Polônia. Em determinado momento, uma multidão de 10 mil pessoas rodeou o ministro da cultura gritando “Viva a Tchecoslováquia!” e enfrentando a polícia. Enquanto em 1956 os estudantes e trabalhadores cantavam palavras de ordem nacionalistas polonesas, em 1968 começaram sua manifestação cantando A Internacional.

Consequentemente, o comitê “liberal”, com um cinismo ruim, tentou aguçar os preconceitos antissemitas mais corrompidos do povo polonês para desacreditar o

movimento, para demonstrar que não tinha apoio algum entre os “trabalhadores poloneses”. Mesmo assim, as cifras de detidos, publicadas mais tarde, demonstravam que dos 1.208 presos, somente 367 eram estudantes. O resto era descrito como “vândalos”.

Na Polônia, como na Tchecoslováquia, a economia dirigida de maneira burocrática entrou em um beco sem saída. Durante os últimos dois anos, os salários foram congelados, enquanto os preços dispararam. Nos seis meses anteriores às manifestações de março, o custo de vida praticamente duplicou. A maioria das concessões realizadas por Gomulka em 1956 (que naquele momento era idolatrado pela imprensa ocidental e até mesmo por alguns “trotskistas” suspeitos) viraram fumaça ou retrocederam.

O recente descontentamento e impaciência dos trabalhadores, especialmente entre a juventude, facilmente pode estourar se encontrar uma direção. Essa é a explicação da brutal repressão das manifestações estudantis na Polônia.

Inclusive mais significativos foram os recentes distúrbios na Iugoslávia. Inspirados pelos acontecimentos franceses, influenciados pela crise da economia iugoslava e o crescente sofrimento das massas, os estudantes em Belgrado realizaram manifestações de protesto contra a riqueza e privilégios da burocracia, exigindo a equiparação salarial, o fim do poder da “burguesia vermelha” e o término da política que quebrava a economia planificada e entregava a propriedade estatal a proprietários privados.

Os estudantes inclusive tomaram todo um bairro e o dirigiram durante um tempo. Os panfletos dos estudantes eram acolhidos com entusiasmo pelos trabalhadores. Os jornais informavam sobre grupos de pessoas de pé, estudando e debatendo as ideias expressas nos panfletos. Era tal a



Protestos na Polônia em 1968

simpatia do conjunto da população que a repressão violenta estava descartada. O “árbitro” Tito teve que dar um passo adiante e prometeu “estudar” as reivindicações dos estudantes.

Ao olharmos para a Europa Oriental, a imagem que temos é de uma agitação cada vez mais intensa entre as massas, expressa em primeiro lugar entre a intelectualidade. A intelectualidade em geral e os estudantes em particular, como explicam os marxistas, são um barômetro muito sensível do descontentamento social. Isso é duas ou três vezes mais certo na Europa Oriental e na Rússia, onde a esmagadora maioria dos estudantes não é, como no Ocidente, uma parte da minoria privilegiada da sociedade, mas filhos e filhas dos trabalhadores e dos camponeses.

O crescente mal-estar, por um lado, e o aumento do nervosismo da burocracia, por outro, puderam ser vistos claramente no último Festival Mundial da Juventude, celebrado em Sófia, onde o habitual e brincalhão teatro de fantoches stalinista de “Paz e Amizade” deu lugar a divisões, desencontros e violência aberta quando a polícia búlgara bateu em vários delegados e câmaras.

As autoridades búlgaras, além de outras coisas, provavelmente

estavam preocupadas com os efeitos dos debates entre seus próprios trabalhadores, que haviam sofrido duras restrições para pagar o suntuoso espetáculo. Em janeiro, por decreto, duplicaram-se os preços de todas as necessidades básicas e o governo confiscou além disso uma quantidade das poupanças nos bancos.

Os acontecimentos tchecoslovacos não podem senão exercer uma poderosa influência sobre a população da Europa Oriental e da Rússia. Em particular os milhares de soldados russos, alemães orientais, poloneses, búlgaros e húngaros estacionados na Tchecoslováquia, que levarão para casa o “vírus da revolução”. Uma semana depois da invasão, os efeitos já eram evidentes no regime stalinista mais repressivo da Europa Oriental: a Alemanha Oriental.

As intenções de Ulbricht¹⁹ de conseguir que os trabalhadores da Alemanha Oriental assinem manifestações de apoio aos atos do Pacto de Varsóvia se depararam com negativas. Centenas de pessoas entraram na embaixada tchecoslovaca e outros edifícios de delegações tchecoslovacas desafiando o governo que havia cercado os prédios com a polícia.

¹⁹Walter Ulbricht (1893-1973) foi presidente da Alemanha Oriental de 1960 até 1973 (N.T.).

Houve até mesmo uma manifestação com 4 mil trabalhadores em Eisenhüttenstadt protestando contra a invasão.

Apesar de todos os devaneios da imprensa de Ulbricht, as interferências das emissoras ocidentais e a proibição do idioma alemão tchecoslovaco nos jornais, a verdade rapidamente chegou à classe trabalhadora da Alemanha Oriental.

A intervenção dos tanques russos paralisou temporalmente o movimento na Tchecoslováquia. Mas o movimento dos trabalhadores do Leste Europeu contra o domínio burocrático pode estourar em qualquer outra parte, provocando novas e ainda mais profundas crises dentro do stalinismo. O governo da burocracia agora representa um freio absoluto para o desenvolvimento das economias planificadas da Rússia e da Europa Oriental. As necessidades da população já não podem ser satisfeitas por um sistema que escorre burocracia por cada poro, caracterizado pelo desperdício e pela má gestão.

Na mesma Rússia, apesar de todos os surpreendentes avanços que conseguiram na economia nacionalizada planificada, a dimensão do desperdício da produção está entre 30% e 50%. Por esse caminho não se pode conseguir mais avanços. As necessidades das próprias economias planificadas exigem o final do domínio dos parasitas e a introdução de um plano de produção democrático para satisfazer as necessidades da população.

Esse plano só poderia ter êxito sobre a base de uma Federação Socialista da Europa Oriental e da Rússia. A continuação das velhas divisões nacionais capitalistas é o freio mais poderoso que existe para as forças produtivas da Europa Oriental. Que atualmente Romênia e Rússia “socialistas” tenham disputas territoriais é uma monstruosa distorção do socialismo.

É uma loucura que, enquanto a

Alemanha Oriental sofre escassez de mão de obra, existam 400 mil iugoslavos obrigados a procurar emprego no ocidente capitalista. No início de 1968, a “Bulgária Popular” sofria de escassez de mão de obra, o que supunha que algumas empresas funcionassem somente com 45% a 50% de sua capacidade (*The Economist*, 20 de janeiro de 1968), enquanto na fronteira da Iugoslávia e da Macedônia, onde a população fala o mesmo idioma, existe desemprego em massa.

Mas o mais criminoso de tudo é o espetáculo das divisões russas e chinesas se enfrentando por uma linha totalmente artificial traçada no século passado pelo czar russo e o imperador chinês. A burocracia russa tenta desesperadamente obrigar ou adular os trabalhadores para que abandonem Moscou ou Leningrado para desenvolver o enorme potencial de riqueza do Extremo Oriente, enquanto deportam à força os chineses que tentam entrar nesta região.

A sobrevivência dessas divisões nacionais antiquadas e sem sentido não é resultado do “nacionalismo” entre as classes trabalhadoras do Leste Europeu. Elas nunca foram questionadas sobre essa questão. É pura e simplesmente o resultado da avareza egoísta e do estreito nacionalismo das camarilhas burocráticas, que não estão dispostas a sacrificar nem um vértice de “seu” território, a compartilhar seus privilégios, poder e rendas com as demais burocracias.

Somente acabando com o domínio da burocracia, os trabalhadores e camponeses da Rússia, da Europa Oriental e da China poderão finalmente unir suas mãos em uma poderosa federação socialista, que abriria o caminho para um desenvolvimento tremendo das forças produtivas, combinando toda a riqueza, recursos e conhecimentos dos três continentes, como o primeiro

passo em direção a um mundo socialista.

OS PARTIDOS COMUNISTAS

Um dos efeitos de maior alcance dos acontecimentos tchecoslovacos será a aceleração do processo de degeneração nacionalista dos partidos stalinistas. Em 1956 os partidos comunistas perderam milhares de militantes nas cisões que se seguiram ao esmagamento da revolução húngara.

Agora os dirigentes dos partidos comunistas não estão dispostos a por em prática as ações dos burocratas russos. Depois da traição do Partido Comunista Francês em maio, os acontecimentos tchecoslovacos de novo dividiram os partidos comunistas estrangeiros como se pode ver com uma só olhada em uma coluna publicada pelo *The Morning Star*.

O Partido Comunista Britânico, juntamente com o francês, o italiano e outros, distanciaram-se das ações russas. Dificilmente poderia ser de outra maneira, depois que Gollan²⁰ (secretário-geral) descreveu o Acordo de Bratislava como uma “prova da união duradoura dos países socialistas”.

Entretanto, a explicação dos acontecimentos tchecoslovacos dada pelos stalinistas britânicos é falsa de cabo a rabo. Tentam apresentar o conflito como um “erro” por parte dos “companheiros soviéticos”. Da mesma maneira que anteriormente descreveram os crimes de 30 anos do stalinismo como um “erro” e os erros de um só homem.

No lugar de uma análise séria, eles falam de “tragédia” e derramam lágrimas de crocodilo, fingindo que este foi o primeiro exemplo desse tipo em todos os anais do stalinismo russo! (*The Morning Star*, 22 de agosto de 1968)

²⁰John Gollan (1911-1977), secretário-geral do Partido Comunista Britânico de 1956-1976 (N.T.).



Praga, agosto de 1968. Manifestantes “recepionam” as tropas soviéticas

Mas a tarefa dos marxistas “não é nem rir nem chorar, mas compreender”. Os dirigentes do Partido Comunista são incapazes de explicar esses acontecimentos à sua base. Para fazê-lo, teriam que analisar o papel das burocracias que eles defendem energicamente há 40 anos.

Como os próprios burocratas tchecoslovacos, eles descrevem o enfrentamento com a Rússia como um “desacordo entre amigos”, uma “briga familiar”. Os “desacordos” dos stalinistas se expressam na linguagem eloquente dos tanques, aviões e armas. Essa “análise” é um insulto à inteligência dos militantes do Partido Comunista.

No seio dos partidos comunistas reina a confusão. Desprepara-

dos teoricamente para a comoção da invasão russa, desorientados pela má educação sistemática do último período, setores da base do Partido Comunista atacaram a direção por ter defendido a ação russa. De maneira confusa, até mesmo os militantes do Partido Comunista que apoiam os russos agrupam-se rumo a uma revisão total das ideias da direção do Partido Comunista.

Cedo ou tarde, compreenderão a necessidade de regressar às posições teóricas básicas do marxismo, às obras de Marx, de Engels, de Lenin e também de Leon Trotsky, que foi o único que defendeu estas ideias contra as mentirosas distorções do stalinismo depois da morte de Lenin. Só nessa direção os companhei-

ros do Partido Comunista encontrarão as repostas aos problemas que dividiram e desorientaram os partidos comunistas durante o último período.

A PROPAGANDA CAPITALISTA APROVEITA

Como em 1953 e 1956, a imprensa capitalista aproveitou para explorar a invasão russa da Tchecoslováquia como uma “prova” da barbárie do comunismo, da impossibilidade de combinar socialismo e democracia, blá, blá, blá...

É uma prova do cinismo desses representantes da “democracia ocidental”, cujo exemplo mais típico são as lágrimas de crocodilo de Johnson, que está

levando a cabo uma guerra atroz contra o povo do Vietnã em nome do imperialismo mundial. As palavras “liberdade” e “democracia” fedem nas bocas desses cavalheiros.

Enquanto os imperialistas e seus amigos derramam lágrimas de crocodilo pelo destino dos “pobres tchecoslovacos”, não estão dispostos, óbvio, a mover um só dedo em sua ajuda. E com boa razão. Sabem perfeitamente que toda a propaganda do Kremlin sobre a “contrarrevolução” na Tchecoslováquia é uma mentira categórica.

São bem conscientes de que os trabalhadores e camponeses da Europa Oriental não vão lutar pela restauração do capitalismo senão para criar uma verdadeira democracia proletária. Os capitalistas não têm interesse algum em permitir que isso ocorra. Muito pelo contrário. Estão muito contentes ao ver a burocracia russa esmagar os trabalhadores da Europa Oriental, enquanto, ao mesmo tempo, aproveitam-se da propaganda barata proporcionada pelo socialismo desacreditado.

As autoridades do Ocidente sabem muito bem que a revolução não respeita fronteiras. O movimento grevista no Leste Europeu facilmente poderia provocar um movimento de simpatia no Ocidente, com consequências desastrosas para o capitalismo. Em cada casa onde os trabalhadores se levantaram, os capitalistas olharam com deleite quando eram cercados por tanques pelas tropas da burocracia.

Há décadas a classe capitalista no Ocidente e a burocracia no Leste Europeu se basearam uma na outra à procura de apoio.

Por um lado, os capitalistas foram capazes de usar os crimes do stalinismo para desacreditar a ideia do socialismo e do comunismo nas mentes dos trabalhadores. Hungria, o Muro de Berlin e agora Tchecoslováquia, todos esses crimes da burocracia russa

arrastaram a bandeira do marxismo-leninismo na lama, conseguiram que estas palavras cheirem mal para os trabalhadores do mundo.

Por outro lado, as monstruosas ações do imperialismo americano no Vietnã, o esmagamento da independência e a bruta repressão dos negros nos EUA, a acumulação de armas nucleares e a memória de 20 milhões de mortos na guerra com a Alemanha nazista são usadas pela burocracia para assustar seus próprios trabalhadores para que assim apoiem ações como a intervenção atual na Tchecoslováquia.

Dessa maneira, o estrato governante no Leste Europeu e no Ocidente se apoia entre si para ter estabilidade frente a suas respectivas classes trabalhadoras. As teorias da “coexistência pacífica”, a “construção de pontes para o Leste”, a “distensão”, entre outras, são provas da crescente consciência desta situação por ambas as partes.

Embora nunca seja possível que dois sistemas sociais contraditórios e irreconciliáveis cheguem a um acordo final, na atual situação arriscada em que se encontram tanto o mundo stalinista como o capitalista, eles estão dispostos a se darem uma mão para preservar o *status quo* e evitar que aconteça o pior.

Dessa maneira, os cavalheiros russos fizeram a “cortesia” de informar os chefes ocidentais antecipadamente sobre sua intenção de invadir. Os capitalistas americanos, apesar de todos os seus protestos e ultimatos, não tinham intenção alguma de intervir na Tchecoslováquia, já que a burocracia russa lhes havia ajudado a evitar o desenvolvimento da revolução no início deste ano na França.

Quanto à sugestão feita pelos reitores reacionários deste país para que a Grã-Bretanha boicotasse os produtos russos, nossa principal importação é madeira

e resulta ser muito barata. Há outros produtos também muito úteis, mas a sugestão final foi boicotar o caviar russo.

O período dos últimos 20 anos levou à estabilização do imperialismo no Ocidente e das burocracias no Leste Europeu e ao isolamento dos marxistas das massas. Mas agora, de maneira dificilmente previsível, o movimento revolucionário está levantando sua cabeça em todas as áreas principais do globo simultaneamente.

A correlação real de forças em escala mundial se revelou de maneira contundente nos acontecimentos do Vietnã, da França e da Tchecoslováquia. O sistema capitalista está totalmente corrompido. De ser um sistema progressista, com um rápido desenvolvimento das forças produtivas, converteu-se em seu oposto.

No Leste Europeu também o stalinismo entrou em uma fase de crise que ameaça não somente às camarilhas stalinistas parasitárias da região, mas também o sistema capitalista no Ocidente.

Onde se produzirá o próximo levante revolucionário? Polônia? Espanha? Grécia? Brasil? Os capitalistas e stalinistas esperam o futuro inquietos. Perderam seu direito a continuar governando o mundo porque seu governo, cada vez mais, converte-se em um obstáculo para o desenvolvimento da produção, da cultura e da humanidade. Sabem que qualquer explosão, no Oriente ou no Ocidente, ameaça alterar todo o delicado equilíbrio sobre o qual se baseia seu governo “estável”.

O movimento dos trabalhadores nos países capitalistas desenvolvidos ou a revolução política contra a burocracia no Leste Europeu colocarão fim ao pesadelo bárbaro do stalinismo e do capitalismo, colocarão na ordem do dia um sistema social humano novo, em uma federação socialista mundial.

México: O movimento estudantil de 1968

Ubaldo Oropeza

[...] As perspectivas de desenvolvimento do movimento que vocês encabeçam estão nos trabalhadores [...] quando nas grandes manifestações que vocês realizam, o povo lhes lança dos prédios pedaços de plástico ou de papel para os cobrirem de chuva; quando pessoas pobres, que mostram em sua indumentária que apenas dispõem do necessário para sobreviver, aproximam-se dos manifestantes, os aplaudem, acolhem seu programa e tentam retribuir distribuindo pão ou fruta entre eles, quando isto acontece é porque o povo, ainda sem o controle de suas organizações, ainda sem a possibilidade de fazer ouvir sua grande voz, procura os canais para expressar-lhes seu apoio [...]. Ouçam o povo, estudantes! (Víctor Rico Galán, jornalista mexicano, “Carta ao movimento de 1968 a partir da prisão do Lecumberri”)

Parecia que a greve quisesse ter algumas experiências aleatórias para abandoná-las brevemente para sair. Mas não era mais que uma aparência. Na realidade, a greve ia se desdobrar em toda a sua amplitude [...]. A greve domina a situação e, se sentindo em terreno seguro, anula a todas as decisões tomadas até então pelo espírito de moderação [...]. À medida que o número de grevistas aumenta, sua segurança aumenta. (León Trotsky, 1905)

INTRODUÇÃO

Este ano completam-se 50 anos do que se reconhece como o movimento estudantil de 1968, no qual milhares de jovens saíram às ruas para lutar por direitos democráticos que os governos autoritários da burguesia não os ofereciam. É o período em que a organização operária tinha sob seu controle mais de 3 milhões de trabalhadores, quando as organizações da juventude foram cooptadas, seja por suborno ou por repressão, pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI¹) no poder e quando, em nível internacional, diante dos fulgores da revolução na França, chegou-se a tocar a cabeça de alguns dirigentes estudantis.

A força e a velocidade com que se desenvolveu a mobilização surpreendeu não somente o governo, mas o próprio movimento. Todas as escolas da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), do Instituto Politécnico Nacional (Poli), da Universidade Autônoma Chapingo e até mesmo muitas das

escolas privadas no Distrito Federal foram postas sob o controle dos comitês de greve formados a partir da decretação da greve por tempo indeterminado.

O apoio dos trabalhadores não tardou em chegar, os sindicatos democráticos, como o sindicato Mexicano dos Eletricistas (SME), e as correntes sindicais que anos antes haviam lutado pela democracia sindical apoiaram de maneira entusiasta o movimento. Entretanto não passou disso, um apoio, quando o ideal era a formação de uma reivindicação única para unir a luta conjunta dos trabalhadores e dos jovens. O apoio deveria ter se convertido em luta única.

A resposta do Estado desde o primeiro momento foi a repressão. Na mesma noite de 26 de julho falou-se em mil detenções, este era o prelúdio de um trágico final. Contudo, como acontece muitas vezes, a repressão somente conseguiu dar mais força ao movimento e os estudantes se levantaram como gigantes para denunciar as agressões.

Essa dinâmica de repressão e proteção, a necessidade de empurrar a luta além dos estudantes e a necessidade de rebater todo o lixo que os meios de comunicação lançavam contra o movimento resultou na necessidade de um órgão de direção que pudesse ser o porta-voz do movimento. Assim o Conselho Nacional da Greve (CNH) se formou a partir de representantes eleitos por assembleia de cada uma das escolas em greve. Também tomava as decisões acerca dos caminhos a serem seguidos pelo movimento e, além disso, orientava a perspectiva geral da luta.

A força do movimento contra a violência do Estado em mais de um enfrentamento deixou claro que os golpes não fariam com que a greve terminasse. Os estudantes mais jovens formavam as brigadas de informação que, em várias ocasiões e sob a pressão das circunstâncias, transformaram-se em brigadas de autodefesa. Os Comitês de Luta deram mostras de coragem excepcio-

¹Partido Revolucionário Institucional, surgido após a Revolução Mexicana de 1929 inicialmente com o nome de Partido Nacional Revolucionário (PNR), modificado para Partido da Revolução Mexicana (PRM) em 1938 e chegando ao atual nome em 1946. Para saber mais sobre as consequências da Revolução Mexicana, leia o artigo “A constituição de 1917 e o triunfo da burguesia na revolução mexicana”, de Carlos Marques, publicado na revista América Socialista nº. 10. (Nota do Tradutor – N.T.)

nal quando em uma praça ou nos caminhões o exército ou o corpo de *granaderos*² os queriam deter. Mas o exemplo mais emblemático é a defesa que os jovens fizeram da área central de Santo Tomás.

Os arredores dessa escola se converteram em um campo de batalha no final da tarde de 23 de setembro. Não se sabe exatamente quantos mortos resultaram dessa batalha, mas, sem sombra de dúvida, não houve baixas somente por parte dos estudantes.

Em 2 de outubro, pela manhã, representantes dos estudantes e do governo conversavam. Pelo CNH havia toda a disposição de ir ao diálogo público e desbaratar o conflito, isto apesar dos vários mortos que a violência estatal já havia produzido, da tomada da cidade universitária e do Poli. Como demonstração de boa vontade para resolver o conflito, o CNH suspendeu uma mobilização que estava prevista para esse mesmo dia à tarde na Praça das Três Culturas, área central de Santo Tomás.

Às 5 horas da tarde se agendou uma reunião para divulgar as propostas do governo e traçar um plano de ação para os dias seguintes. A participação era de mais de 5 mil jovens, trabalhadores, donas de casa, entre outras pessoas. Os acontecimentos que se seguiram são de conhecimento público: centenas de mortos, talvez 500. Os mortos e as detenções provocaram um estado de choque, o medo se apoderou de muitos dos que conseguiram escapar e isso os levou à clandestinidade.

O golpe foi devastador, poucas semanas depois o CNH votou a suspensão da greve e a desarticulação desta instância para formar e fortalecer, conforme o caso, os comitês de luta por escola.

Esses acontecimentos que agora se descrevem foram os responsáveis pelas liberdades democráticas e de expressão que usufruímos hoje. O movimento dos estudantes foi a ins-

piração do movimento operário conhecido como “Insurgência Operária”, que durante a década de 1970 lutou pela democracia sindical.

Mas o mais importante que esse movimento deixou foi a experiência para futuras gerações. Precisamos compreender os acertos e erros cometidos para não os repetirmos. Aquele que não conhece a história está condenado a repetir seus erros, esta é uma lei da própria história.

Neste documento analisaremos a dinâmica desse movimento, suas origens e os resultados da repressão exercida pelo Estado, e tiraremos a lições necessárias para enfrentar as próximas batalhas e sairmos vitoriosos.

Quem escreve este documento faz parte neste momento da única organização que sobreviveu ao longo dos 40 anos: o Comitê de Luta Estudantil da Escola Superior de Engenharia Mecânica e Elétrica (Clesime). Este é, portanto, um pequeno tributo a todos os nossos mortos que entraram nas salas de aula das universidades exigindo levantar sua bandeira, assim como para todos aqueles camaradas que, com seu esforço e dedicação, mantêm vivo este local tão maravilhoso.

Para nós fica o compromisso de não deixar morrer a memória histórica e de tirar as conclusões de nossas lutas. Nosso compromisso é lutar pela conformação de uma organização permanente, combativa e de classe, com fortes raízes entre os trabalhadores, que combata incansavelmente para transformar esta sociedade. Essas são as conclusões mais importantes de 1968.

O CONTEXTO NACIONAL NO MÉXICO (PERÍODO PÓS-CARDENISTA E PERÍODO ESTABILIZADOR)

Os acontecimentos mencionados anteriormente tiveram um efeito na juventude mexicana, mas o processo de luta que se viveu no país tem outras origens e são

várias as razões que podem explicar as mobilizações da juventude. Uma das mais conhecidas é a necessidade da democracia diante de um Estado autoritário. O regime presidencialista não concedia praticamente nenhuma gota de oposição, os sindicatos estavam de pés e mãos atados ao Estado e as correntes ou sindicatos que lutavam contra esse controle eram duramente reprimidos.

Esse período também está caracterizado pelo que se chama de “milagre mexicano” e o período estabilizador, que assentaram uma série de condições econômicas que permitiram um incremento nos níveis de vida dos trabalhadores, igualmente a um investimento em política social por parte do Estado. Isso foi uma tímida comparação com o que na Europa se chamou de Estado de bem-estar social, onde se investiram grandes somas de dinheiro em desenvolvimento social e que permitiu aos trabalhadores europeus uma estabilidade econômica relativamente boa.

Mas temos que explicar também as razões anteriores a esse período. O governo de Cárdenas realizou uma série de reformas a favor dos trabalhadores, mas os presidentes que o seguiram se caracterizaram pelo oposto. As políticas determinadas por Ávila Camacho eram orientadas a minar todas as reformas progressistas do período cardenista. Entre 50% e 60% do investimento público se destinou a favorecer a iniciativa privada.

No plano sindical, esse período se caracterizou pelo fortalecimento da incorporação dos sindicatos ao Estado, conforme iniciado por Cárdenas. O Partido Comunista entregou em uma bandeja de prata todas as posições que tinha dentro da Confederação de Trabalhadores do México (CTM) e esta passou ao controle, primeiramente, de Lombardo Toledano e, depois, para as mãos de Fidel Velázquez, iniciando-se uma brutal inquisição contra

²Unidade policial especializada em repressão de distúrbios (N.T.).

todos os trabalhadores honestos que queriam usar a central como uma ferramenta de luta.

A conjuntura internacional da 2ª Guerra Mundial permitiu a expansão das exportações e um desenvolvimento do mercado interno. Isso foi muito importante para que o Estado desse concessões aos membros dos sindicatos incorporados a ele.

A chegada de Miguel Alemán à presidência significou a ascensão dessa burguesia desenvolvida sob os auspícios da revolução. Ele representava uma parte da burocracia e dos especuladores da revolução que ficaram ricos durante esse período.

Ao longo do governo de Miguel Alemán, a indústria se desenvolveu e a economia cresceu, ao mesmo tempo em que milhares de camponeses emigravam do campo para a cidade para entrar no mercado de trabalho em expansão. A indústria se diversificou e a prosperidade reinava.

Concomitantemente, essa industrialização modificou a correlação de forças na sociedade. Os camponeses, que eram uma enorme maio-

ria alguns anos antes, agora eram gradualmente ultrapassados pelos trabalhadores na cidade. A eles se incorporavam milhares de jovens à procura de educação, o que antes, no campo, não se pretendia. Nesse período, a grande maioria dos estudantes do Politécnico eram jovens do interior, que em muitas ocasiões enfrentavam duras condições para poder estudar.

No período conhecido como estabilizador, a economia crescia a um ritmo médio de 6,2% e a 1% *per capita*, mas como os bens de capital eram principalmente do exterior, as importações cresceram de maneira espetacular e com elas a dívida externa.

Por mais que o governo tentasse implementar medidas protecionistas para não frear o crescimento industrial, dada a dependência dos bens de capital, estas tentativas não eram muito eficazes, redundando no incremento das importações. Nunca se buscou impulsionar a geração de tecnologia. Desse modo as expectativas de crescimento ficavam mais sujeitas ao exterior. O recurso do governo foi a

desvalorização da moeda, causando estragos nos salários reais dos trabalhadores.

AS LUTAS PRÉVIAS A 1968 DENTRO DAS UNIVERSIDADES

O movimento estudantil de 1968 não foi o único dentro das universidades na década de 1960, embora tenha repercussões mais gerais e de alcance em nível nacional. Os movimentos antecessores em diferentes estados da república foram mais profundos e, em alguns casos, deram início a lutas de toda a população contra os governadores. Esse capítulo revelou como os sucessos do movimento estudantil de 1968 não caíram de um céu límpido e azul. Antes deles se gestaram centenas de conflitos com características diferenciadas, mas cujas demandas e trajetória geral apontavam para a abertura democrática da juventude na vida social.

Ainda que as lutas estudantis não remontem apenas à década de 1960, seria impossível falar de cada um dos diferentes conflitos, tanto no Politécnico como na Unam e de-



mais estados da república. Nesse caso somente nos centraremos nos anos prévios ao movimento estudantil de 1968.

Em Morelia começa uma luta bastante intensa desde o início de 1961, que concluiu com a intervenção militar nas universidades e com a repressão generalizada do povo michoacano em 1967. Talvez esse movimento fosse um dos mais importantes em extensão e profundidade, foram muitas e muito variadas as causas que proporcionaram a mobilização dos estudantes. Em 1966 começou a luta contra o aumento das tarifas de transporte urbano, a repressão causou a morte de um dos estudantes em uma manifestação em 2 de outubro. O sepultamento foi acompanhado de uma greve nas escolas e uma mobilização massiva. Os trabalhadores e camponeses michoacanos responderam de tal maneira que em poucos dias toda a população exigiu a extinção dos poderes, as manifestações foram cada vez maiores. A única resposta do governo estadual era a difamação.

A burguesia lançou o exército às ruas para demonstrar sua força. Em 8 de outubro o exército tomou a universidade e se intensificaram as detenções e as perseguições, a manifestação em resposta dos jovens foi dissolvida pela cavalaria,

resultando em mais de 600 presos.

Foi nesse estado, em 1963, que se fundou a Central Nacional de Estudantes Democráticos (CNED), organização democrática e independente do Estado que mobilizou e organizou grupos em várias partes do país. Pode-se dizer que foi a única organização antes de 1968 que teve uma filiação nacional e com fortes tradições entre os estudantes de diferentes estados da república. Inclusive, em fevereiro de 1968, essa organização convocou a “marcha pela liberdade”. Sua exigência era a libertação dos presos políticos estudantis de todas as regiões do país. Essa mobilização se realizou de 3 a 10 de fevereiro e seu percurso se iniciou em Dolores Hidalgo com destino a Morelia, mas foi detida pelo exército.

Em Guerrero também ocorreram importantes mobilizações dos estudantes em 1961, 1966 e 1968. A efervescência que se respirava entre os estudantes do sudeste do México era tal que a polícia teve que tomar a Universidade de Chilpancingo, fazendo grande quantidade de presos e feridos.

Em Puebla, na Universidade Autônoma, o processo de 1964 foi ainda além, quando os estudantes e os leiteiros se uniram e ganharam mais setores dos trabalhadores. Diante das fortes mobilizações

da população, o governador Nava Castillo teve que renunciar. Embora essa fosse a luta mais importante até o momento, em 1961 também se desenrolaram mobilizações de massas. Foi também nesse estado onde se viu mais uma das táticas de repressão do Estado. A Frente Universitária Anticomunista era uma organização paramilitar que se dedicou a hostilizar e assassinar ativistas de esquerda da Universidade Autônoma de Puebla (UAP). No ano seguinte se deu a mudança de reitor. José F. Garibay ficou à frente da universidade, mas sua política reacionária desatou novamente a mobilização e, de novo, os grupos de choque participaram ativamente para romper a greve dos estudantes. Em 1967 se produziram incidentes armados dentro da organização estudantil, o Diretório Estudantil. Os enfrentamentos que foram causados pelo reitor obrigaram a discussão no Conselho Universitário. Finalmente o reitor foi convidado a renunciar.

Em 1966 ocorreram mobilizações muito importantes em Ciudad Victoria, Tampico e Ciudad Madero, em Tamaulipas. Elas se deram por causa do sequestro de um professor do Instituto Tecnológico da Ciudad Madero.

Em Sinaloa, milhares de estudantes saíram às ruas em protesto pela reeleição do reitor, luta que terminou exigindo uma reforma universitária em que se pôde dar maior abertura à participação dos jovens nas decisões da universidade. O movimento, igualmente a muitas outras ocasiões, foi duramente reprimido. Além disso, a campanha de descrédito contra as lideranças do movimento, que pertenciam ao PCM, criou um clima anticomunista.

Em outro estado do Norte, Sonora, as mobilizações estudantis colocaram na ordem do dia, em maio de 1967, a luta contra as imposições de um candidato ao governo do estado. Os jovens sonorenses saíram às ruas contra a política do PRI e contra o governador



Greve dos Ferroviários de 1959

Encinas Johnson. Os jovens não ficaram de braços cruzados diante da repressão do Estado e começaram uma série de atos violentos, como o incêndio de batalhões, ataques a casas de funcionários estaduais, entre outros. Os confrontos com a “onda verde”, grupo de choque paramilitar, aconteceram vertiginosamente. A reivindicação mais importante de todo o povo era a extinção dos poderes e a deposição do governador.

Nesse mesmo ano os estudantes saíram em protesto em Tabasco e em Veracruz, onde reivindicavam eleições democráticas no Sindicato dos Trabalhadores Petroleiros da República Mexicana, entre outras coisas. Em Durango, os estudantes exigiram a nacionalização da colina de Mercado³. Também houve greve nacional das escolas de Agronomia, iniciada em Ciudad Juárez.

Na Universidade Autônoma de Nuevo León, os estudantes não ficaram atrás e protestaram contra “Plano Elizondo”, por volta do meio de 1968, no qual constava um aumento de mensalidades para os jovens. O Conselho Estudantil Universitário foi a organização que se pôs à frente. Essa luta deu confiança para que, anos depois, uma série de mobilizações de esquerda se desenvolvessem exigindo direitos democráticos não somente aos estudantes, mas aos trabalhadores e além.

Em Villahermosa Tabasco, em 1968, desataram-se mobilizações pelo melhoramento da Universidade Benito Juárez. A greve teve início diante do silêncio do governo a respeito da reivindicação, respondendo com tropas de choque. Como consequência desse ataque, um jovem morreu afogado. Igual a outros estados, o movimento cresceu com o apoio do povo e a luta se intensificou. A renúncia do governador era a principal exigência. A violência governamental foi tão grotesca que, às margens do

rio Grijalva, dezenas de estudantes que tentavam cruzar o rio para escapar foram assassinados. A polícia continuou caçando os estudantes para terminar com a “onda vermelha”. Essa foi a repressão mais forte aos estudantes antes dos acontecimentos na Praça das Três Culturas.

Em 1967 estoura a greve na Escola de Agricultura Irmãos Escobar, apoiada por estudantes do Politécnico e da Universidade de Chapingo.

Na Cidade do México também ocorreu uma série de mobilizações de diferentes magnitudes e por estudantes de distintas faculdades, principalmente da Unam, da Escola Nacional de Professores e das escolas preparatórias, entre outras. Na realidade, a situação foi de muita tensão. Enquanto os estudantes reivindicavam a democratização dentro dos corpos autoritários das universidades, o Estado respondia a todas as demandas de igual maneira: com repressão.

INICIA-SE O MOVIMENTO

Igualmente a muitas outras ocasiões, a necessidade fez uso da causalidade. Em 22 de julho, um confronto entre gangues da escola preparatória Isaac Ochotorena, incorporada à Unam, e das escolas vocacionais 2 e 5 do Poli desenvolveu-se de maneira inesperada nas imediações da Praça da Cidadela. A origem desse conflito é totalmente sem importância, o resultado de uma partida de futebol.

No dia seguinte, as instalações das citadas escolas do Politécnico foram apedrejadas pelas gangues das escolas preparatórias da Unam. A intervenção da polícia não foi para controlar o conflito, mas para intervir nele de maneira brutal. No dia 24, as vocacionais 2 e 5 foram tomadas pela polícia. A Federação Nacional de Estudantes Técnicos (FNET), organização estudantil controlada pelo PRI, convocou uma mobilização para o dia 26 de julho contra a

repressão e pela desocupação policial das vocacionais. Na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais se lançou um chamado à greve.

Em 26 de julho cruzaram-se duas manifestações. De um lado a convocada pela FNET, com as demandas mencionadas. Do outro lado, a encabeçada pela Central Nacional de Estudantes Democráticos (CNED), organização dirigida pelo Partido Comunista que desde 1960 realizava a manifestação nessa data em comemoração ao assalto ao Quartel Moncada, reivindicando o triunfo da Revolução Cubana. As duas mobilizações se cruzaram e, embora a FNET tivesse intenção de desvincular as manifestações e armar fissuras artificiais entre as duas instituições, os estudantes se uniram. Assim, unanimemente, mobilizaram-se rumo ao Zócalo, onde a polícia não somente os impediu a passagem como usou armas sem qualquer critério. Os enfrentamentos transcorreram em todo o centro da cidade, resultando em detidos, mortos e desaparecidos. Assim se iniciou uma das épocas mais convulsivas de mobilização estudantil e de repressão sangrenta em nível nacional.

Ao mesmo tempo em que ocorriam os enfrentamentos, foram tomados pela polícia o edifício do Partido Comunista e as imprensas do jornal *La Voz de México*. Houve centenas de detidos, não somente militantes comunistas, mas pessoas em geral. Qualquer um que parecesse estudante e passasse pela área do conflito era golpeado e preso.

No dia seguinte, os estudantes das preparatórias 1, 2 e 3 da Unam tomaram suas instalações em protesto contra a brutal repressão. A resposta do governo foi a de aumentar desmesuradamente a violência policial, aprisionando e ameaçando o movimento. Pode-se considerar 29 de julho como o dia em que se iniciou a greve que, embora em um primeiro momento te-

³ Local de mineração de ferro (N.T.).

na ocorrido somente em algumas faculdades e escolas preparatórias da Unam e vocacionais, estendeu-se como fogo sobre um caminho de pólvora. Todas as tensões que descrevemos acima se expressaram de maneira unânime. Uma a uma, as escolas foram aderindo à greve por decisão de assembleias. O exército não tardou em aparecer para estourar com canhão a porta da Preparatória 1 (30 de julho) e tomar as instalações deste centro educativo e das Preparatórias 2, 3 e 5, assim como a Vocacional 5.

No fim de semana seguinte ao dia 26 de julho, todos os grupos políticos que existiam naquele momento, assim como novos ativistas e estudantes em geral, realizaram reuniões para preparar as assembleias e as greves.

O ambiente se transformou de maneira radical. Aqueles estudantes filhos de trabalhadores ou camponeses, que até alguns dias antes não se interessavam por política e pelos problemas que os rodeavam, a partir do dia 29 se viram imersos em uma dinâmica desconhecida para eles, mas que rapidamente foram aprendendo. A partir dessa dinâmica a greve começou a se fortalecer. O que o movimento precisava era uma coordenação e uma direção que pudesse ser a voz e a orientadora da luta.

O CNH E SUAS DEMANDAS

A formação do Conselho Nacional de Greve (CNH) foi um passo adiante muito importante porque foi uma coordenação de representantes revogáveis de escolas em greve. Esta instância tomou o controle das mobilizações, definiu os passos a serem dados e em qual direção eles iriam. Daí surgiria a voz dos estudantes mobilizados e as propostas a negociar com o governo, isto é, seu programa de luta, suas reivindicações. A formação do CNH foi muito rápida, considerando o resultado dos rápidos acontecimentos e a profundidade dos mesmos.

Num primeiro momento, o CNH foi integrado por estudantes do Poli, da Unam, das Escolas Nacionais de Professores, da Escola Nacional de Antropologia e História (Enah) e da Escola de Agricultura de Chapingo. Sua primeira reunião foi em 2 de agosto e nela se retomou à primeira lista de reivindicações formulada por estudantes no dia 28 de julho. Os participantes eram membros das seguintes escolas: IPN, Unam, Escolas Normais e de Chapingo.

Os pontos da primeira lista foram:

1. Extinção da FNET, do “cas-setete universitário” e do Movimento Universitário de Orientação Renovadora (Muro)⁴ (extinção dos grupos repressores);
2. Expulsão dos estudantes membros das ditas organizações e do PRI;
3. Indenização pelo governo aos estudantes feridos e aos familiares dos que morreram;
4. Libertação de todos os estudantes presos;
5. Extinção dos *granaderos* e demais corporações policiais de repressão;
6. Revogação do artigo 145 do Código Penal.

Assim, desde o primeiro momento a luta teve cores políticas. Em 4 de agosto se mudou essa lista a partir da experiência dos enfrentamentos com a polícia dos dias 28 e 29 de julho. A nova lista foi além em alguns pontos com relação à primeira, afirmando mais claramente a unidade com alguns setores em luta permanente desde a repressão do movimento dos trabalhadores. Na prática, abandonou as reivindicações do setor estudantil:

1. Liberdade aos presos políticos;
2. Destituição dos Generais Luis Cueto Ramírez e Raúl Mendiola, assim como do Tenente Coronel Armando Frías;
3. Extinção dos *granaderos*;
4. Revogação do artigo 145

do Código Penal (delito de dissolução social);

5. Indenização às famílias dos mortos e aos feridos vítimas das agressões nos atos repressivos iniciados desde o dia 26 de julho;

6. Responsabilização pelos atos de repressão e vandalismo realizado pelas autoridades por meio da polícia, dos *granaderos* e do exército.

Ainda que as demandas se conectassem com certos setores de trabalhadores, na realidade esse programa carecia de visão política. As reivindicações eram meramente reformistas e em momento algum se incluíram demandas que pudessem somar a outros setores à luta, principalmente aos trabalhadores. Além disso, nenhuma dessas palavras de ordem chamava ao rompimento dos marcos da democracia burguesa. Esse foi um dos pontos mais vulneráveis do movimento, querer somente o apoio dos trabalhadores colocou a luta em um beco sem saída. Se, pelo contrário, eles se tivessem somado a demandas mais sensíveis dos trabalhadores, esses se contagiariam com o ânimo da juventude e a luta transcenderia o setor estudantil para se converter em um movimento dos explorados contra o governo.

Outro ponto que é importante destacar no debate com relação ao programa é o seguinte: se as liberdades democráticas eram necessárias, as estruturas encarregadas de permitir esta abertura eram totalmente repressoras, fechadas e despóticas. No entanto, o problema é mais profundo. Como explicamos, o Estado, essa superestrutura encarregada de fazer respeitar os privilégios de uma classe, não é um árbitro entre as classes, muito menos no momento em que estas estão em conflito. Era de se esperar que, ao exigir a extinção dos *granaderos* e das leis acerca do domínio dos exploradores, o movimento questionaria as razões de existência do próprio Estado.

Essas palavras de ordem, na realidade, pediam mais abertura

⁴ Grupo de ultradireita surgido na década de 1960 (N.T.).

democrática, mas questionavam a existência da máquina repressora no poder. Se não se entende isso, não compreenderemos que o movimento estava num beco sem saída, por que enquanto não fizesse um chamado sério aos demais setores dos explorados, principalmente aos trabalhadores, e uma convocação consciente para a necessidade da derrubada do regime, suas palavras de ordem não se realizariam. Do nosso ponto de vista, esse foi um dos fatores mais importantes para a derrota do movimento. O segundo, talvez de maior importância, é que não se conseguiu atrair os trabalhadores como protagonistas principais da luta.

Alguns membros do CNH compreendiam isso e começaram, desde meados de agosto, a agitar pela vinculação do movimento estudantil ao dos trabalhadores. Queriam ampliar a lista de reivindicações e, assim, romper o isolamento que o governo queria incutir sobre eles. Porém, nesse primeiro momento, a direção do CNH estava com o bloco de centro-direita, que discordava disso alegando a redução da autonomia, reiterando que a luta era somente dos estudantes. À frente dessa ala se encontrava o reitor da Unam, Javier Barros Sierra, professores de várias escolas da Unam e do Poli e estudantes que, mesmo que honestos, por sua curta experiência na luta não haviam tirado as conclusões necessárias.

AS BRIGADAS NAS RUAS

No dia 1º de agosto, o reitor da Unam, Javier Barros Sierra, liderou uma mobilização de aproximadamente 100 mil pessoas contra o fim da autonomia universitária. No dia 5 desse mês, realizou-se manifestação considerável. Nessa ocasião só marchavam de maneira organizada contingentes do Poli. Em 13 de agosto, outra manifestação encheu completamente o Zócalo da Cidade do México.

Eram os momentos de maior impulso, milhares de jovens se ca-

pacitaram sob esse ambiente de luta. Os trabalhadores começavam a lançar olhares de simpatia ao movimento estudantil. As manifestações se avolumaram e o governo parecia que apontava uma possibilidade para o diálogo público reivindicado pelo movimento. Por um pequeno lapso de tempo podia-se dizer que o governo deixou de reprimir com tanta brutalidade. O secretário de Governo, Luis Echeverría Álvarez, leu diante da imprensa uma declaração:

O governo da república expressa sua melhor disposição em receber os representantes dos professores e estudantes da Universidade Nacional Autónoma do México, do Instituto Politécnico Nacional e de outros centros educativos vinculados ao problema existente, para mudar impressões com eles e conhecer de maneira direta as demandas que formulem e as sugestões que façam, com a finalidade de resolver definitivamente o conflito... Estimamos que um diálogo franco e sereno leve ao esclarecimento das origens e o desenvolvimento deste lamentável problema, muitos de cujos aspectos, contudo, aparecem confusos ou contraditórios... O Poder Executivo Federal considera desejável a unidade estudantil e que tanto os professores como os estudantes designem com liberdade quem os representem, distanciando de fatores alheios, na troca de ideias que proponham por meios indiretos...

Contudo, os estudantes tinham uma urgência muito importante: dar uma resposta massiva à desinformação que o governo vertia a partir dos meios de comunicação oficiais.

Foi nesses dias que se constituiu a Coalisão de Professores de Ensino Médio e Superior Pró-Liberdades Democráticas, com a representação dos professores de todas as escolas do IPN e da maioria das escolas e faculdades da Unam. A coalisão faz seus os seis pontos da lista de reivindicação do CNH e aceita se somar à greve geral decretada pelo movimento estudantil. A partir desse momento aumentou o

apoio ao movimento estudantil por parte de diferentes setores fora do âmbito universitário.

As brigadas estudantis saíram às ruas de maneira incrível. Eram milhares de pessoas que realizavam assembleias relâmpagos, piquetes nas portas de fábricas ou mercados. Realizavam pichações no transporte público e ofereciam uma campanha sistemática de informação além de convidar para as manifestações. Essas ações representaram a expressão máxima de coesão e engenho dos filhos dos trabalhadores. O campo de intervenção não se reduzia ao Distrito Federal. Essas brigadas saíram aos estados para explicar o conflito e convidar as universidades a se unirem à luta.

O engenho e a espontaneidade eram a sabedoria dessas brigadas, não somente se convertendo em uma parte da estrutura da luta, mas sendo o vínculo mais importante com os trabalhadores:

Abaixo do CNH agrupavam-se “o Comitê Coordenador ou Comitê Central de cada instituição de ensino”, que tinha um representante ou delegado no CNH e dirigia a luta estudantil em seu setor. As escolas ou faculdades se regiam por Assembleias Permanentes de alunos e Comitês de Greve ou de Luta de cada uma delas, estruturados semelhantemente ao CNH, em comissões de propaganda, brigadas políticas, finanças, entre outras. Os membros dos comitês de cada centro acadêmico eram nomeados diretamente nas assembleias e alguns deles integravam também o CNH, que desta maneira ficava constituído por entre 140 e 210 membros, dois ou três para cada um entre as 70 escolas que haviam ido à greve. (Sergio Zermeno, “O movimento estudantil de 1968”)

Os encarregados de organizar essas brigadas eram os Comitês de Luta das escolas. Esses comitês eram as organizações básicas e de base para a sobrevivência do movimento. Planejavam e coordenavam o trabalho em cada uma das escolas, estando formados por todos aqueles que queriam



O Exército no Zócalo no dia 28 de agosto

participar mais ativamente no movimento, dos camaradas mais politizados e, em geral, dos mais dispostos a chegar até as últimas consequências da luta. As brigadas e Comitês de Luta mais combativos eram formados pelos das faculdades de humanidades da Unam, mas principalmente pelas escolas de nível médio superior e algumas escolas de nível superior, especialmente do Politécnico. Isso se devia à sua extração de classe mais próxima aos trabalhadores. Os Comitês de Luta arrancaram da FNET desde o primeiro momento a direção do diretório de estudantes do Poli.

Cada uma dessas brigadas era formada por cinco a dez membros para evitar que fossem interceptados pela polícia. As grandes brigadas, mesmo que excepcionais, saíam em caminhões e eram compostas por mais de 30, fazendo espetaculares manobras para divulgar as demandas.

O INFORME PRESIDENCIAL

Em 27 de agosto se dá uma das maiores e mais importantes mobi-

lizações dessa luta. Mais de meio milhão de jovens, contingentes de trabalhadores e colonos marchavam pelas ruas da cidade. O Zócalo estava explodindo e o ambiente era eletrizante. Isso contagiou os trabalhadores.

Nesse mesmo dia, os médicos residentes e internos do Hospital Geral se declararam em greve em solidariedade ao movimento estudantil. A seção 37 do Sindicato de Trabalhadores Petroleiros do México iniciou uma paralisação em apoio ao movimento estudantil. Cinco escolas da Universidade de Puebla e a Escola Vocacional de Ensino Especial decretaram uma paralisação de 10 dias em apoio. O Sindicato Mexicano de Eletricistas declarou que a CIA estava tentando criar o mito de que o México estava repleto de comunistas, manifestando a necessidade urgente de que as autoridades e estudantes autênticos, sem intransigência, iniciassem as conversações.

Já na manifestação, na praça central, os oradores fizeram discursos bem incendiários, mas o governo infiltrou provocadores para dar a justificativa perfeita para re-

primir o movimento. Por um lado, hasteou-se uma bandeira rubro-negra no mastro do Zócalo enquanto durou a manifestação e por outro, Sócrates Campus Lemus (famoso infiltrado do governo no movimento, reconhecido posteriormente) fez um chamado público para exigir que o diálogo público se realizasse em 1º de setembro, dia do pronunciamento presidencial. Inclusive propôs que se protegesse a praça com brigadas permanentes até o mencionado dia.

No fim da manifestação, o exército retirou os estudantes. A retirada se converteu em um cabo-de-guerra para conquistar posições. Os brigadistas que ali estavam resistiram metro a metro à investida do exército até que conseguiram expulsá-los da área central. No dia seguinte, o governo quis fazer uma demonstração de força convocando para carrear os trabalhadores dos órgãos do governo. O ato preparado para bajular o presidente Díaz Ordaz virou uma manifestação contra o mesmo. Os trabalhadores gritavam contra o governo e em coro repetiam sem parar “somos ovelhas”. Novamente o exército saiu

dispersando essa manifestação e a repressão foi brutal. Poucos dias depois se constituiu o Comitê Burocrático Pró-Liberdades Democráticas.

Imediatamente se desatou de novo uma onda de terror que não terminou até 2 de outubro. O exército e a polícia saíram às ruas detendo os jovens e as brigadas, e as escolas foram esvaziadas à bala.

Em 1º de setembro, Díaz Ordaz falou mais de uma hora acerca do movimento. Em seu discurso, disse que atuava sob a confusão, que os jovens eram movidos por interesses políticos facciosos (injúrias comunistas) e que queriam desprestigiar o México diante da realização dos Jogos Olímpicos. Para finalizar, Ordaz salientou que foi tolerante até com excessos criticáveis e que está entre suas atribuições, segundo o artigo 89 da Constituição:

Dispondo da totalidade das forças armadas permanentes, ou seja, do exército terrestre, da marinha de guerra e da força aérea, para a segurança interna e defesa exterior da Federação [...] Não queremos nos ver no caso de tomar medidas que não desejamos, mas que tomaremos se necessário for; o que seja nosso dever fazer, o faremos; até onde estivermos obrigados a chegar, chegaremos [...].

Ordaz estava delineando a ação dos próximos 31 dias. Mesmo que o CNH tenha adiado toda mobilização e manifestação para o dia 1º, isso não ajudou a dispensar o planejamento violento que seria usado pelo governo.

O PAPEL DO PCM

Faremos uma pausa e nos concentraremos na breve análise de até que ponto o Partido Comunista Mexicano tinha a ver com essa mobilização e sua influência geral na mesma, dados os “argumentos” reiterados pelo governo.

Em muitas ocasiões, principalmente quando uma organização tem certa influência dentro do movimento em luta, os erros teóricos custam muito caro. O PCM era um partido burocrático, imagem seme-

lhança de praticamente todos os partidos comunistas que fizeram parte da Terceira Internacional e que se burocratizaram depois que o Partido Comunista da União Soviética sofreu igual processo e, como ele, todo o Estado operário formado a partir da tomada do poder em 1917 pelos trabalhadores. A burocracia stalinista pôs seu selo muito particular na maneira brutalmente violenta de atuar em todos esses partidos. No entanto, o que prejudicou de maneira incrível o desenvolvimento do PC foi sua política de guinadas do esquerdismo ao reformismo e vice-versa, de acordo com o dirigente “teórico” à frente da Internacional. Desde 1924, o PCM não foi capaz de romper as ataduras stalinistas que praticamente o controlavam. Graças a isso, suas guinadas na política nacional foram vergonhosamente abundando de maneira inigualável para a consolidação do oportunismo sindical, entregando organizações inteiras para o controle do Estado, colocando-se ao lado da patronal em muitas ocasiões e apoiando candidatos à presidência que depois os atacavam furiosamente, sendo o caso mais emblemático disso o apoio dado pelo PCM a Miguel Alemán.

Essas guinadas bruscas em sua política se traduziram em cisão após cisão, com pequenos grupos ou grandes organizações operárias e sindicais que se separavam dele. Em particular na década de 1960, depois de sua tão lamentável participação na caracterização do Estado mexicano e na luta dos ferroviários, houve várias cisões que se transformaram em uma infinidade de seitas que fervilhavam o ambiente. Todas atacavam de maneira histórica a política do PCM, mas nenhuma tinha um vínculo real com o movimento, inclusive sua política era de isolamento. Estes também fomentaram um ambiente de apoliticismo dentro do CNH, inclusive de desprezo aos partidos políticos.

Um dos historiadores mais rigorosos do PCM, Barry Carr, descre-

ve da seguinte maneira o papel do partido no movimento de 1968:

De acordo com o estilo antiautoritário e antiburocrático da mobilização estudantil, não havia direção permanente nem tática muito bem pensada para que o governo não conseguisse identificar e neutralizar os “cabecinhas”. Todos os esforços para centralizar a tomada de decisões encontraram uma forte resistência, devido ao medo de que o movimento fosse cooptado por indivíduos ou partidos. Igualmente, os delegados estavam sujeitos à destituição se não prestassem conta de suas ações diante das assembleias. Os grupos e partidos políticos tinham proibido nomear representantes ao CNH, o mesmo para todas as organizações “federalmente organizadas”. Essa norma de fato excluiu as organizações nacionais de estudantes, como a Central Nacional de Estudantes Democráticos (CNED). As estruturas formais da esquerda tiveram, portanto, pouca influência sobre o CNH ou sobre o curso do próprio movimento. Dissesse o que dissesse o governo e os corpos de segurança, a força condutora das mobilizações do verão de 1968 não foi o Partido Comunista nem nenhum outro dos inumeráveis grupos de esquerda que proliferavam nas instituições de ensino, mesmo que muitos dos militantes mais destacados eram ou tenham sido membros de organizações.

Na verdade, o Partido Comunista, que havia desempenhado um papel tão importante no ressurgimento das organizações dos estudantes nos anos que se seguiram à criação da CNED em 1963, já estava muito debilitado nas instituições de ensino em 1968. Algumas vezes na direção do PCM, contudo, consideravam a militância estudantil como pequeno-burguesa e divorciada do “verdadeiro” sujeito da revolução: a classe trabalhadora. Além disso, a CNED e a Juventude do Partido estavam em desacordo com a direção nacional do PCM em torno de questões de autonomia. Em meados de 1968, os “autonomistas” haviam perdido a batalha na CNED e a organização

havia ficado nas mãos de um jovem comunista, Arturo Martínez Nateras, muito próximo à direção do partido. O resultado foi a renúncia ou a imobilização de grande número de jovens comunistas. No Instituto Politécnico, por exemplo, Raúl Álvarez, Ángel Verdugo e Rafael Talamantes romperam seus vínculos com o PCM.

Na Universidade Nacional, a Juventude Comunista estava passando uma grave crise que datava de seu II Congresso, em 1967. Treze “organismos de base” da JCM na Unam se dissolveram em 1968 para protestar contra o paternalismo e o sectarismo da organização nacional do PCM. Ainda que o partido contasse com talentos como Marcelino Perello e Eduardo Valle, nem a JCM nem a CNED estavam com capacidade de exercer uma influência significativa e, menos ainda, o controle sobre o movimento estudantil quando este eclodiu em julho. (Barry Carr, “A esquerda mexicana através do século XXI”)

REPRESSÃO, ÚNICA RESPOSTA DO ESTADO (A TOMADA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA E DO IPN)

As prisões continuaram com uma intensidade cada vez mais violenta. As brigadas de rua tiveram que ser inventivas para poder continuar informando o povo e seguir recolhendo dinheiro, este trabalho cada dia ficou mais perigoso.

O debate no interior do CNH antes do informe presidencial desenvolvia-se de maneira violenta, desenhando-se duas alas muito claras para resolver o conflito. De um lado estavam os que pensavam que o conflito só poderia ser resolvido com o diálogo, inclusive o reitor da Unam, Barros Sierra, fez um chamado para a suspensão da greve. De outro lado, o setor mais duro tirava a conclusão, por certo correta, de que o movimento estudantil sozinho não poderia resolver esse conflito, que deveria levá-lo além, agregar mais setores com suas demandas à luta.

Esse debate não se cristalizou

no exterior pela repressão que exerceu o governo sobre o CNH. Os setores mais progressistas não se moveram da linha, entretanto, uma maioria impunha o ritmo da mobilização antes do debate. Acreditavam que o que se tinha de fazer frente à repressão era dobrar os esforços por colocar brigadas nas ruas e deixar que o debate ficasse garantido.

Mesmo a ala conciliadora tampouco pôde ter maioria diante das propostas mais à direita. O chamado à suspensão da greve foi consultado nas assembleias das escolas e todas votaram majoritariamente pela continuação da greve. Com isso, o quadro que se vivia dentro do CNH era confuso. Existiam duas alas muito claras como resultado da polarização: uma conciliadora e outra de esquerda – ambas impulsionavam para lados opostos e no meio ficava a grande maioria de delegados que, mesmo não sendo da ala conciliadora, não tinham o suficiente nível político para tirar as conclusões necessária para estender o movimento aos trabalhadores.

Em 4 de setembro, o CNH ratificou sua disposição ao diálogo. Contudo, era claro que a iniciativa era proposta de maneira diferente. A repressão tornava muito difícil a coordenação da direção do movimento. Por alguns dias gerou-se um vazio capitalizado pelo reitor da Unam, que publicou um manifesto em que abertamente chamava que se voltasse às aulas porque algumas demandas haviam sido satisfeitas:

Nossas demandas institucionais, contidas na declaração do Conselho Universitário, publicadas em 18 de agosto passado, foram satisfeitas, no essencial, pelo cidadão Presidente da República, em seu último pronunciamento. Certo é que ainda falta o esclarecimento de alguns aspectos jurídicos importantes em relação à autonomia, mas isso será conseguido pelas vias e métodos adequados [...]. Segundo meu critério e confiança em que o compartilhe a

grande maioria dos universitários [...] é necessário e urgente o retorno à normalidade. (El Día, 10 de setembro de 1968)

A convocação do reitor foi aproveitada pelo movimento para conversar e convencer os estudantes que permaneciam nas escolas. A postura era clara, a greve continuaria. O CNH tentou retomar a iniciativa convocando à mobilização do silêncio em 13 de setembro. Um cronista da imprensa a descreveu da seguinte maneira:

Chegaram à Praça da Constituição cerca de 40 mil pessoas, calculando que uns 10% eram do sexo feminino e uns 25% do povo em geral, entre estes 100 taxistas com suas famílias, petroleiros, ferroviários, camponeses da CCI Comunista, habitantes do povoado de Topilejo DF, comerciantes varejistas, vendedores ambulantes, eletricitas, pais de família, entre outros, o resto era conformado por estudantes da Unam, IPN, Nacional de Professores, Chapingo, Universidade de Puebla, Veracruz, Iberoamericana. A marcha desde seu início foi realizada em todos os seus aspectos em completa ordem, mediante uma ordeira organização, assim seja por seu caráter de silenciosa, guardou-se entre os integrantes da manifestação um absoluto silêncio.

Os manifestantes seguramente não eram 40 mil, mas mais de 200 mil pessoas. A composição da marcha nos confirma que o movimento tinha um apoio muito forte entre os trabalhadores e estudantes de outras escolas.

Esses novos acontecimentos causaram crises nas organizações que participavam da luta, mais concretamente no PCM. A posição política defendida nesse momento era que se tinha que suspender a greve, que as demandas não poderiam ser resolvidas e, nesse sentido, não tinha nenhum sentido continuar a luta. Em 14 de setembro se convocou uma assembleia de 150 jovens quadros do Partido Comunista. O objetivo era discutir se esses jovens,

que estavam na primeira linha de batalha, tinham que chamar a suspensão da greve. A resposta foi muito clara pelos jovens: não. Apesar da intervenção da direção nacional do PCM, só se conseguiu que a postura desses quadros das Juventudes Comunistas se radicalizasse. Inclusive seriam eles os mais duramente atacados, presos e assassinados quando, dias depois, começou uma onda perturbadora de violência.

A tática do governo era clara: deixar que o movimento se afogasse em conflitos internos, que se debatesse sobre aspectos que teriam que se debater no diálogo com o governo e, enquanto isso, dar oportunidade para que o governo continuasse hostilizando, golpeando e torturando a juventude. Nessa dinâmica, Díaz Ordaz pensava que um golpe contundente no movimento quebraria o ânimo do CNH. A tomada da Cidade Universitária em 18 de setembro e depois da área central de Santo Tomás e da unidade Zacatenco do Poli, em 24 e 25 do mesmo mês, ocorreram nessa lógica.

Mais de 10 mil soldados apoiados por carros blindados invadiram a universidade. Nesse mesmo dia, o CNH se reunia e em sua pauta havia um ponto crucial para o movimento, a aliança operário-camponesa-estudantil. A redação do documento ficou a cargo de uma comissão e justamente um dos que apresentaria esse ponto foi preso e trancafiado nos corredores de Lecumberri⁵. Nesse mesmo dia, o exército também tomou a Escola Nacional de Agricultura de Chapingo.

Muitos dos estudantes conseguiram escapar, os desafortunados foram reunidos em metade da esplanada da Cidade Universitária (as ilhas) e foram obrigados a se ajoelharem, muitos sendo cruelmente golpeados. Imediatamente se desenrolou uma caçada a ativistas, buscas e prisões. A retirada da Cidade Universitária dos estudantes foi um duro golpe. Contudo, o movimento não ficou paralisado, pelo contrário, isso serviu como um estímulo e imediatamente as brigadas saíram às ruas. Por sorte,

alguns Comitês de Luta haviam tomado medidas de segurança e isso os permitiu tirar, antes da invasão, mimeógrafos com os quais não paravam de imprimir panfletos.

Depois desse ato, era questão de tempo para que se tentasse tomar o Poli, e assim aconteceu. No dia 23, milhares de policiais e soldados do exército rodearam a área próxima ao centro de Santo Tomás. Acreditando que os estudantes não resistiriam às forças repressivas, entraram como loucos golpeando estudantes. Contudo, toparam com uma resistência exemplar.

Os estudantes organizados resistiram mais de 6 horas ao espesso tiroteio das forças repressivas. Não se tem certeza do número de mortos, mas seguramente não foram somente entre os estudantes. No dia seguinte foi a vez dos Comitês de Luta da área de Zacatenco, que resistiram firmemente às investidas da repressão. Outros pontos onde se intensificaram os conflitos foram, principalmente, as escolas de bacharelado do Poli. Os jovens de 13, 14 e 15 anos resistiram fe-



⁵ Penitenciária da Cidade do México (N.T.).

rozmente diante de cada golpe. Esses adolescentes se agigantavam.

A falta de uma resposta organizada diante de uma possível repressão em escala geral, como a que se viveu nesses momentos, fez com que o número de vítimas fosse maior. O CNH, que tinha que prever essa possível saída do conflito, desgraçadamente não se preparou para esses momentos e, em muitos casos, os Comitês de Luta locais improvisaram uma heroica resposta.

O apoio se estendeu de maneira imediata a outras universidades. Na Baixa Califórnia, Sonora, Yucatán, Nuevo León, Chihuahua, Veracruz, Puebla, Sinaloa, Guerrero, Morelos e Hidalgo, os estudantes saíram em protesto contra os atos de violência no Distrito Federal. O governo federal mandou cercar com batalhões do exército outras universidades e escolas normais e técnicas.

Os enfrentamentos se estenderam pela cidade em bairros operários como Iztapalapa, Tlatelolco, e em áreas próximas às escolas o exército foi recebido com barricadas, água fervente em suas cabeças e até tiros:

Em Iztapalapa ao meio-dia, os estudantes começaram cometendo desordens em grupos de 150, sendo os mesmos dispersados pela polícia destacada nesse lugar, entrando pelo mercado até onde foram perseguidos por elementos policiais. Ali lhes somaram outras pessoas, entre elas inquilinos e, já em número de 500, agrediram a este corpo com pedra, paus e garrafas, apoderando-se do batalhão do lugar.

Das 16h30 até as 20h, tropas do exército ocupam a área adjacente à fonte da Diana no Passeio da Reforma com o objetivo de impedir que se realizasse uma manifestação estudantil, com unidades policiais dispersando estudantes da Vocacional 7 que tentaram realizar uma manifestação entre o Hemiciclo e Juárez; muitos deles foram presos.

Na Praça das Três Culturas, cerca de mil estudantes realizaram uma manifestação. Ao finalizar, eles mar-

charam em protesto rumo ao centro. Foram dispersos por tiros de fuzil e gás lacrimogêneo, e 60 estudantes foram presos.

Em 24/09/1968 se realizou uma manifestação das 17h às 19h15 na Praça das Três Culturas, da Unidade Nonoalco-Tlatelolco, com a participação aproximada de 2 mil pessoas, em sua maioria de família e estudantes do IPN (relatório da polícia do Distrito Federal).

Os grupos fascistas também desempenharam seu papel completamente reacionário cercando a casa de lago e detendo dirigentes do movimento estudantil para depois os entregar à polícia. Por sua parte, o CNH respondeu com desespero, a repressão dispersou a direção e o reitor Barros Sierra apresentou sua renúncia, mas esta não foi aceita pelo Conselho Universitário. Em 27 de setembro houve uma manifestação na Unidade Habitacional Tlatelolco, onde se anunciou outra manifestação para o dia 2 de outubro às 17h pelo CNH.

2 DE OUTUBRO, O FIM DO MOVIMENTO

Em 30 de setembro devolveu-se as instalações da Cidade Universitária. Com isso o governo procurava estender a mão depois de bater. Díaz Ordaz pensava que o movimento tivesse aprendido a lição, que a greve iria acabar e caso encerrado. Mas o tiro saiu pela culatra. Os estudantes, embora dispersos, estavam muito radicalizados.

Por conta da repressão desmedida dos dias anteriores, muitos jovens foram obrigados pelos pais a abandonar o movimento, outros foram mantidos em outros estados da república. Essas medidas tomadas pelas famílias para salvar seus filhos dizimaram a participação, mas a raiva e a coragem agora eram maiores.

Em 1º de outubro se realizaram assembleias dos Comitês de Luta nas escolas, votando pela continuação da greve. A capacidade de recuperação do movi-

mento fazia parecer que ele podia se levantar de novo.

Na manhã de 2 de outubro, uma comissão do CNH se reuniu com o governo para negociar a solução do conflito. A direção do CNH não foi capaz de reconhecer o engano dessa proposta e, por boa vontade e disposição de negociar, cancelou a marcha que tinha previsto para esse dia à tarde depois da manifestação na Praça das Três Culturas, sendo o percurso da marcha entre a praça e a área central de Santo Tomás.

Os atos repressivos que se dobraram na tarde de 2 de outubro são por todos conhecidos. Uma bengala lançada de um helicóptero foi o sinal para que um grupo disfarçado vestido à paisana, o Batalhão Olímpia, começasse a disparar contra a multidão reunida na manifestação. Segundos depois a intervenção do exército desatou um dos massacres mais nefastos da história de nosso país.

Quantos mortos? Não se sabe exatamente, mas se calcula em 500, mais de 2 mil feridos e cerca de 2 mil detidos, além de um número não exato de desaparecidos políticos não somente durante a luta, mas depois dela. O exemplo mais claro foi Héctor Jaramillo Chávez, estudante da Escola Superior de Engenharia Mecânica e Elétrica (Esime), que foi detido em 2 de outubro em Tlatelolco. Foi acusado de querer assassinar o General Marcelino Barragán. A Direção Federal de Segurança já vinha reportando as atividades desse estudante pelo menos desde 12 de agosto em Hermosillo Sonora, onde foi detido por distribuir panfletos. Héctor foi detido novamente na Cidade do México em 23 de janeiro de 1969, desde então permanecendo como preso desaparecido.

Por que a mobilização foi massacrada? É possível responder a essa pergunta a partir de muitas variáveis. Uns dizem que foi pela proximidade das Olimpíadas (12 de outubro), outros explicam que

foi devido ao regime autoritário que pairava sobre o país, outros levantam a hipótese de que o governo tinha medo de que o ambiente de luta se propagasse entre os trabalhadores, como ocorrido na França. A resposta é uma mistura de tudo isso.

O que é certo é que essa ação não era só de dissuasão, o exército empregou contingente suficiente para empreender uma ofensiva de grande envergadura, tomando medidas para que os hospitais ao redor estivessem preparados para receber grandes quantidades de feridos e previamente desocupando pavilhões de diferentes prisões para colocar os presos. Essa operação de coordenação de forças repressivas foi conhecida como Operação Galeana.

Apesar do massacre, o movimento não terminou de maneira imediata. Foi, sim, um golpe definitivo, mas houve esforços pela reorganização. Em um ambiente de repressão e perseguição, realizaram-se assembleias na Unam e no IPN, mantendo a greve numa tentativa de fortalecer os Comitês de Luta. As brigadas de propaganda continuaram, mas vários estudantes foram assassinados ao realizar pichações. O movimento se encontrou desarticulado num ambiente de medo.

Os estudantes tentaram combater o impasse aberto, mas a desinformação generalizada foi contra o movimento e os infiltrados começaram a se declarar contra a luta e justificar a matança.

Sócrates Campos Lemus, da prisão, em suas declarações ministeriais de 5 de outubro, acusa o CNH de ter como objetivo desestabilizar o país, de manejar armas e de organizar colunas de choque para enfrentar a polícia e o exército. Em 6 de outubro, no jornal Excelsior, a matéria "Revelações do movimento" difunde essa versão oficial de Campos Lemus, com a que pretendia, a todo custo, justificar o massacre.

Na realidade, o ambiente era muito difícil, as escolas estavam

tomadas ou cercadas pela polícia, muitos estudantes não iam às assembleias ou qualquer ato convocado pelo CNH para juntar dinheiro para os presos por medo da repressão.

Apesar de tudo, a direção dizimada do CNH procurou o diálogo com o governo, mas este sabia que o movimento estava agonizando e só protelou as conversas.

Entre os dias 19 e 21 de novembro, a postura de manter a greve mudou e passou-se a defender o regresso das aulas. Ainda que os estudantes do IPN tenham recusado a proposta universitária, dias depois a decisão pela suspensão da greve também foi tomada nas instalações do IPN.

O passo seguinte na desarticulação do movimento estudantil foi a dissolução do CNH em 6 de dezembro, onde se acordou fortalecer os Comitês de Luta como último recurso do movimento.

Para muitos estudantes, principalmente os mais comprometidos e valentes, o ambiente era de frustração e coragem. Participaram da última manifestação, "A Grande Marcha de Protesto", onde novamente enfrentaram a polícia e os grupos fascistas que atacaram a manifestação, sendo a grande maioria de detidos garotos das voceacionais do Poli.

CONCLUSÃO

Os 100 dias que construíram um dos movimentos mais importantes da história recente do México não podem e não devem ficar reduzidos ao massacre de 2 de outubro. Seria um erro nosso dizer que o assassinato de 500 camaradas é o que agora nos incita a lutar.

Dentro da memória coletiva da juventude e dos trabalhadores, esses mortos são levados como símbolo de resistência e honra na luta.

Mas houve mais, milhares de quadros estudantis foram formados nas excitantes batalhas não

só contra os corpos repressivos, mas contra seu próprio passado, formando um mosaico maravilhoso de experiência, confiança e desafios.

Esses jovens que participaram da luta viviam numa sociedade mais fechada e repressiva que essa em que agora vivemos, sendo os direitos democráticos que temos devidos aos combativos camaradas.

Essa luta despertou milhares de aspirações em todos os trabalhadores que se recuperavam das rudes derrotas da década de 1950. O movimento estudantil inspirou a onda de lutas conhecidas como a "Insurreição Operária", jornadas heroicas dos trabalhadores dos anos 1970 que apertaram dos pés à cabeça a organização operária.

A chamada "Reforma Política" também foi fruto dessa luta, reforma que deu abertura política a partidos para a luta eleitoral.

A experiência dos participantes se transformou, por sua vez, em crítica implacável às políticas reacionárias do Partido Comunista estalinizado. Não era para menos. Na realidade, uma grande responsabilidade de que essa luta tenha fracassado foi da política do PCM.

Causava náuseas aos jovens escutar falar do PCM, porque nele se encontrava o pacto com os exploradores e a traição ao movimento. Essa foi também a causa do apoliticismo de muitos participantes na luta e, depois de 2 de outubro, de muitos jovens encontrarem na guerrilha uma alternativa de luta. Pode-se dizer, sem tirar a responsabilidade do governo assassino de Díaz Ordaz, que a política stalinista levou a juventude a um beco sem saída, sendo o PCM o único partido que teve a oportunidade de investir forças a favor do movimento e, com uma política correta, ajudar para que a luta não terminasse em tragédia, mas fez o contrário.

O que se resgata dessa luta não se limita à participação democrática

ca das novas gerações na vida de um país corrompido, podre e autoritário, mas toda uma experiência de organização como o CNH.

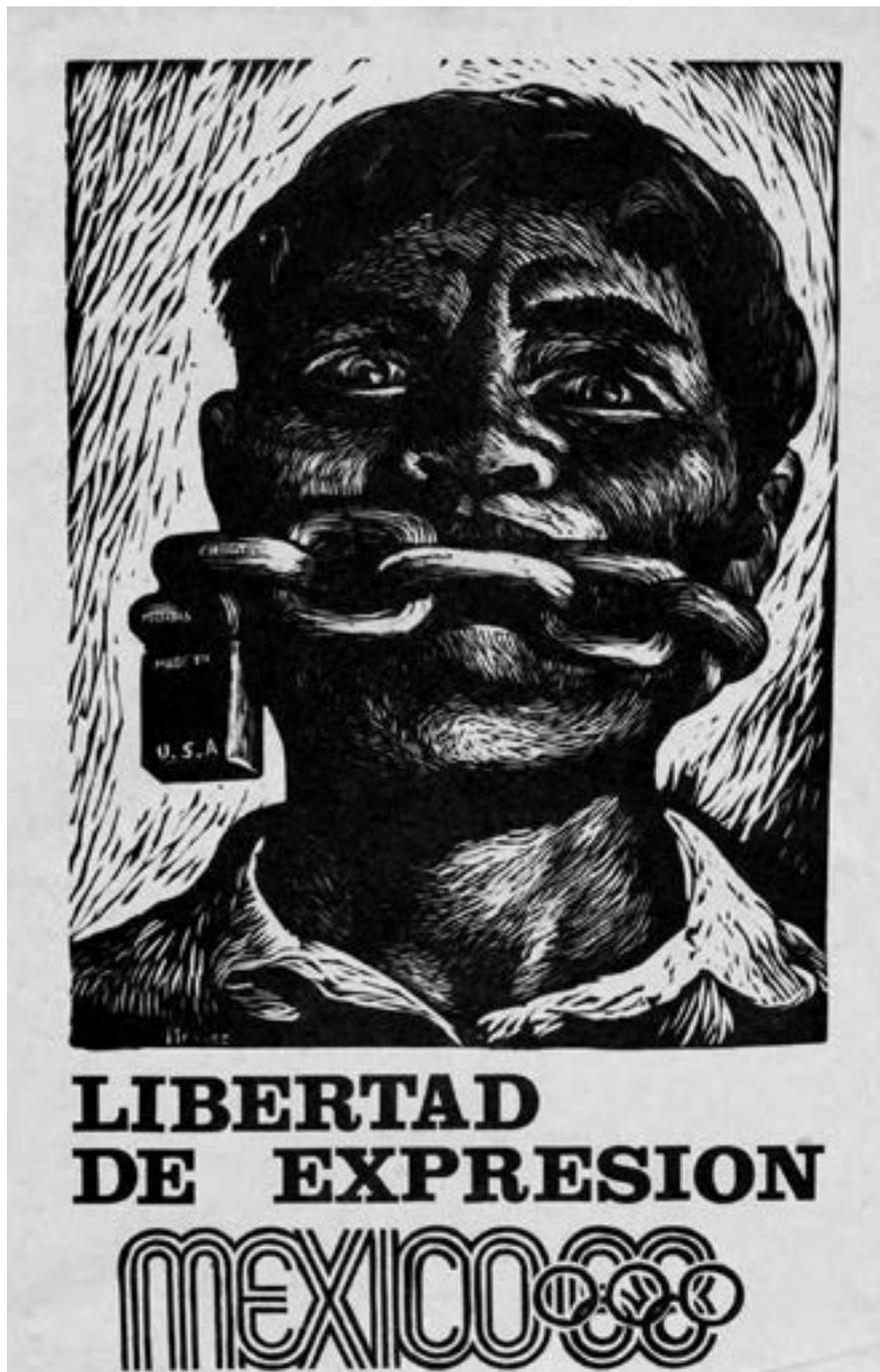
Na realidade, essa experiência serviu para que as gerações atuais iniciassem novas lutas, como a impulsionada pelo Conselho Geral de Greve (CGH) na luta universitária de 1999-2002.

Se falhou em algo que se possa criticar a direção dessa luta, foi em não integrar os trabalhadores à luta. Certamente existia um refluxo no movimento operário por conta da repressão da década anterior, mas era claro que a mobilização havia entusiasmado os trabalhadores. Em cada dia (especialmente no mês de setembro), trabalhadores e camponeses acompanhavam de maneira regular o CNH. A ampliação da lista de reivindicação ou programa de luta significaria a causa para a participação dos trabalhadores, não somente apoiando a luta, mas se integrando a ela com demandas próprias a defender.

Isso temos aprendido muito bem, sendo a mesma razão pela qual derrotaram ao movimento da Unam em 2000.

Qualquer problema da juventude, inclusive a educação, não pode ser resolvido à margem dos problemas vividos pelos trabalhadores. É por isso que a vinculação com os trabalhadores é tão importante. Compreender que uma luta em uma escola por si só não pode solucionar definitivamente os problemas nos leva a entender que a luta da juventude por melhor educação e por liberdades democráticas está intimamente ligada à luta contra o sistema capitalista que hoje rege nossas desgraças.

As palavras de ordem defendidas em 1968 não mudaram muito. Há hoje presos políticos (Oaxaca e Atenco), tentou-se regulamentar as manifestações, aprovou-se uma lei antiterrorista que criminaliza a luta social, a Polícia Federal Preventiva (PFP) é o gru-



po de choque que atua contra os jovens e os trabalhadores que não querem continuar vivendo na miséria, entre outras questões.

Marx dizia que a história se repete uma vez como farsa e outra como tragédia. As tradições das lutas passadas voltaram, mas agora com outras gerações. Em um ambiente não politizado, com graves problemas econômicos e com os trabalhadores dando demonstrações de que não

estão dispostos a aguentar mais, a luta da juventude poderia incendiar o terreno.

Nossa geração tem a possibilidade de se converter nos portadores de uma nova sociedade em que a miséria seja banida e as oportunidades para a juventude sejam abundantes. Isso só será alcançado sob o socialismo.

Temos que ser capazes de superar todos os nossos obstáculos, temos que ser a memória coletiva de nossa classe, a classe dos trabalhadores.

A revolução francesa de maio de 1968

Alan Woods

PREVISÃO E ASSOMBRO

A Greve Geral francesa de maio de 1968 foi a maior greve geral da história. Esse poderoso movimento aconteceu no ponto culminante do auge econômico capitalista do pós-guerra. Naquele momento, como agora, a burguesia e seus apologistas se vangloriavam, já que para eles as revoluções e a luta de classes eram coisas do passado. Portanto, quando chegam os acontecimentos franceses de maio de 1968, parecem a eles como relâmpagos em um límpido céu azul. Também a esquerda foi pega de surpresa, já que a maior parte dela havia descartado a classe trabalhadora europeia como força revolucionária. Em maio de 1968, *The Economist* publicou um suplemento especial sobre a França para comemorar os 10 anos do governo gaullista. Neste suplemento, Norman Macrae elogiava os êxitos do capitalismo francês, destacava que os franceses tinham níveis de vida mais altos que os britânicos, comiam mais carne, possuíam mais automóveis e outras coisas mais. Citava a “grande vantagem nacional” da França sobre seu vizinho do outro lado do canal: seus sindicatos eram “pateiticamente fracos”. Mal havia secado a tinta do artigo de Macrae e a classe trabalhadora francesa assombrou o mundo com uma insurreição social sem precedentes nos tempos modernos.

Os acontecimentos de maio não foram previstos pelos estrategistas do capital, nem na França nem em nenhum outro lugar. Não foram previstos pelos dirigentes estalinistas nem pelos reformistas. As damas e cavalheiros intelectuais que se consideravam marxistas (a maioria deles passou décadas



Assembleia Geral dos trabalhadores da Citroen em greve

falando de “luta armada”, insurreição etc.) não só deixaram de prever o movimento dos trabalhadores franceses, eles simplesmente negavam qualquer possibilidade de movimento dos trabalhadores.

Tomemos um dos “teóricos” marxistas acadêmicos, André Gorz. Esse indivíduo escreveu em um artigo o seguinte: “no futuro previsível não haverá nenhuma crise do capitalismo europeu radical o suficiente para levar as massas de trabalhadores a greves gerais revolucionárias ou insurreições armadas em apoio a seus interesses vitais” (A. Gorz, *Reform and Revolution*, Publicado em *The Socialist Register*, 1968). Essas linhas foram publicadas em meio à maior greve geral revolucionária da história.

Gorz não era o único que descartava a luta revolucionária da classe trabalhadora. O “grande marxista” chamado Ernest Mandel, apenas um mês antes desses grandes acontecimentos, discursou em uma reunião em Londres. Durante sua intervenção, falou sobre tudo

o que há abaixo do sol, mas não dedicou uma só palavra à situação da classe trabalhadora francesa. Quando na sala uma ou duas pessoas lhe perguntaram sobre essa contradição, sua resposta foi: “os trabalhadores estão aburguesados e ‘americanizados’”. Para eles os trabalhadores franceses não protagonizariam nenhum acontecimento revolucionário durante os próximos vinte anos.

O CONTEXTO

O que nenhum desses cavalheiros compreendia era que o longo período de auge capitalista que começou em 1945 transformou a correlação de forças de classe e fortaleceu enormemente a classe trabalhadora europeia. Depois da experiência da Comuna de Paris, a burguesia francesa passou a ter um medo mortal do crescimento do proletariado e tratou de evitá-lo desenvolvendo uma economia rentista e parasitária muito baseada no capital financeiro, nos bancos

e nas colônias. Contudo, depois da 2ª Guerra Mundial a indústria francesa se desenvolveu profundamente e provocou um rápido fortalecimento do proletariado e um declínio geral do campesinato.

O desenvolvimento da indústria tornou o proletariado muito mais forte do que nos anos 1930 e ainda mais forte do que na época da Comuna de Paris, quando praticamente todos os trabalhadores se encontravam em pequenas empresas. Inclusive, em 1931, quase dois terços de todas as empresas industriais da França não empregavam trabalhadores assalariados e o terço restante empregava menos de 10. Somente 0,5% das empresas industriais empregavam mais de 100 trabalhadores.

Na crise revolucionária de 1936, a metade da população francesa obtinha seu sustento da agricultura, hoje a população rural é inferior a 6% da população. Em 1968, a classe assalariada havia crescido não só em número, mas também em termos de seu potencial de luta. Em 1968 essa mudança fundamental pôde ser vista no papel chave desempenhado pelas gigantescas fábricas como a Renault de Flins, com uma planta de 10,5 mil trabalhadores, dos quais 10 mil participaram dos piquetes e com um mínimo de 5 mil trabalha-

dores assistindo regularmente às assembleias de greve.

Em 1936, quando a correlação de forças de classe era infinitamente menos favorável, numa situação onde nem um décimo havia avançado, Trotsky disse que o Partido Comunista Francês (PCF) e o Partido Socialista Francês (PSF) poderiam ter tomado o poder:

“Se o partido de León Blum realmente fosse socialista, poderia, baseando-se na greve geral, ter derrotado a burguesia em junho quase sem guerra civil, com mínimos transtornos e sacrifícios. Porém, o partido de Blum é um partido burguês, o irmão mais novo do padre Radicalismo”. (Leon Trotsky. *On France*, p. 178).

A correlação de forças em 1968 era imensamente mais favorável. Era possível a transformação pacífica se os dirigentes do PCF tivessem agido como marxistas. É importante insistir nesse ponto. Somente a traição dos dirigentes reformistas, que se negaram a tomar o poder quando existiam as circunstâncias mais favoráveis, impediu que os trabalhadores franceses o fizessem.

O PAPEL DOS ESTUDANTES

Os estudantes sempre são um barômetro sensível às tensões que estão se acumulando nas profundezas da sociedade. A onda de ma-

nifestações e ocupações estudantis que precederam os acontecimentos de maio foram como o relâmpago que anuncia a tormenta. Nos meses anteriores já havia uma eferescência entre os estudantes que havia se expressado em uma série de manifestações e ocupações.

Frente à onda ascendente de protestos estudantis, o reitor da prestigiosa universidade Sorbonne decidiu fechá-la, a segunda vez em seus 700 anos de história. A primeira aconteceu em 1940 quando os nazistas ocuparam Paris. A tentativa da polícia de liberar o pátio da Sorbonne em 3 de maio foi a centelha que acendeu o fogo.

A violência irrompeu no Bairro Latino, com o resultado de mais de 100 feridos e 596 presos. No dia seguinte, os cursos foram suspensos na Sorbonne. As principais organizações estudantis, a União Nacional dos Estudantes da França (UNEF) e o Sindicato Nacional do Ensino Superior (Snesup), convocaram greves indefinidas. Em 6 de maio houve novos enfrentamentos no Bairro Latino: 422 presos, 345 policiais e cerca de 600 estudantes ficaram feridos. A repressão provocou uma indignação generalizada.

Os estudantes enfurecidos arrancaram paralelepípedos para arremessar contra os policiais e levantaram barricadas seguindo a



“Viva a classe operária” - Renault em greve

boa e velha tradição francesa. Os estudantes das universidades de toda a França saíram em seu apoio.

Na noite de 10 de maio houve uma ampla revolta no Bairro Latino. Os manifestantes levantaram barricadas e a polícia os atacou com grande violência. Os bandidos armados da CRS (polícia antidistúrbios) tomaram de assalto apartamentos privados e golpearam selvagemmente gente simples e transeuntes, até mesmo uma mulher grávida. No entanto, se depararam com uma resistência que não esperavam. Os parisienses de suas janelas bombardearam a polícia com vasos de plantas e outros objetos pesados. Dos 367 hospitalizados, 251 eram policiais. Outras 720 pessoas ficaram feridas e 468 foram presas. Carros foram destruídos ou queimados. O Ministro da Educação insultou os manifestantes: “Ni doctrine, ni foi, ni loi” (“Nem doutrina, nem fé, nem lei”).

Durante a primeira semana, os dirigentes do PCF haviam menosprezado os estudantes e os dirigentes sindicais e tentaram ignorá-los. O jornal *L'Humanité* publicou um artigo daquele que seria o futuro líder do PCF, George Marchais, com o título: “Os falsos revolucionários têm de ser desmascarados”. Mas, ante a indignação geral da população e a pressão da base, a burocracia sindical teve que entrar em ação. No dia 11 de maio os principais sindicatos, Confederação Geral do Trabalho (CGT), Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT) e Federação Nacional da Educação (FEN), convocaram uma greve geral para 13 de maio. Cerca de 200 mil pessoas manifestaram-se gritando palavras de ordem tais como: “De Gaulle assassino!”.

George Pompidou, então primeiro-ministro, regressou rapidamente a Paris e anunciou a reabertura da Sorbonne no mesmo dia. Pretendia com esse gesto abrir as portas para um acordo visando evitar uma explosão social. No entanto, era demasiado pouco e dema-

siado tarde. As massas entenderam isso como um sinal de debilidade e seguiram adiante.

A GREVE GERAL

A efervescência entre os estudantes era apenas a manifestação mais evidente do descontentamento da sociedade francesa. Apesar do auge econômico, os empresários franceses haviam aplicado uma pressão violenta sobre os trabalhadores. Abaixo da superfície de aparente calma existia um enorme acúmulo de descontentamento, rancor e frustração. Já em janeiro havia acontecido violentos conflitos durante uma manifestação de grevistas em Caen.

A greve geral de 13 de maio marcou um ponto de inflexão qualitativo. Centenas de milhares de estudantes e trabalhadores se lançaram às ruas de Paris. Pode-se ter uma ideia da situação pela descrição da poderosa manifestação de 1 milhão de pessoas que tomaram as ruas de Paris no dia 13 de maio:

*“Fileiras passavam incessantemente. Havia seções inteiras de trabalhadores de hospitais com seus jalecos brancos, alguns carregavam cartazes onde se podia ler: ‘Où sont les disparus des hôpitaux?’ (Onde estão os desaparecidos dos hospitais?). Cada fábrica, cada centro de trabalho importante parecia estar representado. Havia numerosos grupos de ferroviários, carteiros, gráficos, metroviários, aeroportuários, comerciários, eletricitas, advogados, garis, bancários, trabalhadores da construção civil, vidreiros, químicos, faxineiros, empregados municipais, pintores e decoradores, trabalhadores do gás, balconistas, escriturários, trabalhadores do cinema, motoristas de ônibus, professoras, trabalhadores das novas indústrias de plástico, todos eles em fila, o sangue da sociedade capitalista moderna, uma massa interminável, uma força que podia arrastar tudo o que estivesse em seu caminho se assim o desejasse” (Citado em *Revolutionary Rehearsals*, p.12)*

Os dirigentes dos sindicatos esperavam que essa manifestação fosse suficiente para deter o movimento, não tinham intenção de continuar e estender a greve geral. Para eles a manifestação era apenas uma maneira de liberar vapor. Porém, uma vez iniciado, o movimento imediatamente ganhou vida própria. A convocatória de greve geral foi como uma grande rocha lançada sobre um lago tranquilo. As ondas se estenderam a cada canto da França. Ainda que houvesse apenas aproximadamente 3 milhões de trabalhadores organizados em sindicatos, participaram da greve cerca de 10 milhões e teve início uma série de ocupações de fábricas em toda França.

No dia 14 de maio, um dia depois da manifestação de massas em Paris, os trabalhadores ocuparam a Sud-Aviation em Nantes e a fábrica da Renault em Cléon, seguidos pelos trabalhadores da Renault em Flins, Le Mans e Boulogne-Billancourt. Greves foram iniciadas em outras fábricas por toda a França, bem como na RATP (empresa de transportes parisiense) e na SNCF (empresa de logística). Os jornais não saíram. No dia 18 de maio, os mineiros do carvão pararam de trabalhar e o transporte público ficou paralisado em Paris e em outras cidades importantes. Os trens foram os próximos, depois o transporte aéreo, os estaleiros, os trabalhadores do gás e da eletricidade (que decidiram manter o abastecimento doméstico), os correios e as barcas que atravessam o Canal da Mancha.

Os trabalhadores tomaram o controle dos recursos petrolíferos em Nantes, negaram a entrada a todos os caminhões tanques que não tivessem a autorização do comitê de greve. Foi formado um piquete no único fornecedor de gasolina que funcionava na cidade, assim garantiu-se que o único combustível liberado era para os médicos. Foram estabelecidos contatos com as organizações camponesas nas zonas periféricas, organizou-se o abastecimento de comida, os

preços foram fixados pelos trabalhadores e camponeses. Para evitar a especulação, as lojas tinham que deixar à vista um adesivo com as palavras: “Esta loja está autorizada a abrir. Os preços estão sob supervisão permanente dos sindicatos”. O adesivo ia assinado pela CGT, CFDT e a Confederação Geral dos Trabalhadores – Força Operária (FO). Um litro de leite era vendido por 50 centavos, seu preço normal era de 80 centavos. O quilo da batata baixou de 70 para 12 centavos. O quilo da cenoura passou de 80 para 50 centavos e assim sucessivamente.

Os estudantes, os professores, os profissionais, camponeses, cientistas, jogadores de futebol, até mesmo as bailarinas do *Follies Bergères* foram à luta. Em Paris, os estudantes ocuparam a Sorbonne. O teatro *l’Odeon* foi ocupado por 2.500 estudantes e os alunos do ensino médio ocuparam suas escolas:

“A febre de ocupação afetou a intelligentsia. Os médicos radicais ocuparam as sedes da Associação Médica, os arquitetos radicais proclamaram a dissolução de sua associação, os atores fecharam todos os teatros da capital, os escritores encabeçados por Michel Butor ocuparam a Société de Gens de Lettres no Hôtel de Massa. Inclusive os executivos das empresas participaram ocupando durante um tempo o edifício do Conseil National du Patronat Français, depois se deslocaram para a Confédération Generale des Cadres” (David Caute. *Sixty Eight, the Year of the Barricades*, p.203)

Como as escolas estavam fechadas, os professores e os estudantes organizaram vigílias, brincadeiras, comidas gratuitas e atividades para os filhos dos grevistas. Foram criados comitês de mulheres de grevistas que tiveram um papel importante na organização do abastecimento de alimentos. Não só os estudantes, como também os advogados profissionais estavam infectados pelo vírus da revolução. Os astrônomos ocuparam um observatório. Houve uma greve no centro de pesquisa

nuclear de Saclay, onde a maioria dos 10 mil empregados eram pesquisadores, técnicos, engenheiros e cientistas. Até a igreja foi afetada. No Bairro Latino, jovens católicos ocuparam a igreja e exigiam debates no lugar das missas.

O PODER NAS RUAS

Os distúrbios continuavam em Paris, os trabalhadores e estudantes desafiavam o gás lacrimogêneo e as baterias de policiais. Em uma só noite houve 795 presos e 456 feridos. Os manifestantes tentaram incendiar a Bolsa de Paris, considerada um símbolo odiado do capitalismo. Um comissário de polícia foi morto em Lyon por um caminhão.

Uma vez na luta, os trabalhadores começaram a ter iniciativas que iam além dos limites de uma greve normal. Um elemento fundamental na equação foram os meios de comunicação de massas. Formalmente, são armas poderosas nas mãos do Estado, mas também dependem dos trabalhadores, que fazem funcionar as emissoras de rádio e televisão. No dia 25 de maio, a rádio e televisão estatal ORTF entrou em greve. Suprimiram o jornal das 20h. Os gráficos e jornalistas impuseram uma espécie de controle operário sobre a imprensa. Os jornais burgueses tinham que submeter seus editoriais ao escrutínio e deviam publicar as declarações dos comitês de trabalhadores.



“Fábricas Ocupadas - Sim”

A Assembleia Nacional discutiu a crise universitária e as batalhas do Bairro Latino. Porém, os debates nos salões da assembleia já eram irrelevantes. O poder havia escapado das mãos dos legisladores e agora estava nas ruas. No dia 24 de maio, o presidente De Gaulle anunciou o referendo no rádio e na televisão. O plano de De Gaulle de celebrar um referendo foi frustrado pela ação dos trabalhadores. O general foi incapaz até mesmo de imprimir as cédulas do referendo devido à greve dos trabalhadores das gráficas francesas e a negativa de seus colegas belgas de atuar como fura-greves. Esse não foi o único exemplo de solidariedade internacional. Os condutores de trens alemães e belgas detinham seus trens na fronteira francesa para não romper a greve.

As forças da reação, até esse momento em estado de choque e obrigadas a estar na defensiva, começaram a se organizar. Foram criados Comitês de Defesa da República (CDR), como tentativa de mobilizar a classe média contra os trabalhadores e estudantes. A correlação de forças de classe não é uma questão puramente numérica do tamanho da classe trabalhadora em relação ao campesinato e à classe média em geral. Uma vez que o proletariado entre na luta decisiva e demonstre ser uma força poderosa na sociedade, atrai rapidamente a massa explorada de camponeses e de pequenos comerciantes que são vítimas dos bancos e dos monopólios. Esse fato era evidente em 1968, quando os camponeses levantaram bloqueios nas estradas ao redor de Nantes e distribuíram comida grátis aos grevistas.

O MITO DO “ESTADO FORTE”

O movimento pegou a classe dominante e o governo totalmente desprevenidos. Estavam aterrorizados ante o movimento dos estudantes, Pompidou admitia em suas memórias:

“Alguns... pensaram que, ao reabrir a Sorbonne e libertar os estudantes, eu havia demonstrado fraqueza e que havia posto a agitação em marcha novamente. Eu responderia simplesmente o seguinte: suponhamos que na segunda-feira, 13 de maio, a Sorbonne permanecesse fechada sob proteção policial. Quem poderia imaginar que a multidão, avançando até Denfert-Rochereau, não conseguiria entrar levando tudo à sua frente como um rio em uma inundação? Prefiro dar a Sorbonne aos estudantes que vê-la tomada pela força” (G. Pompidou. *Por Rétablir une Verité*, pp. 184-185).

Em outra parte, acrescenta:

“A crise era infinitamente mais séria e mais profunda; o regime se manteria ou seria derrotado, mas não poderia ser salvo com uma simples remodelação ministerial. Não era minha posição que estava em dúvida. Era o general De Gaulle, a Quinta República e, até certo ponto, o próprio poder republicano” (Idem, p. 197)

A que se referia Pompidou quando falava que “o próprio poder republicano” estava em perigo? O que queria dizer é que o Estado burguês estava em perigo de ser derrotado. E, nessa ideia, tinha bastante razão. Mais à frente Pompidou tentou acabar com a crise reabrindo a Sorbonne, mas o movimento simplesmente foi além, com uma manifestação de 250 mil pessoas. Aterrorizado com a possibilidade dos estudantes se unirem aos trabalhadores e tomar o Elysée, o palácio presidencial foi evacuado.

De Gaulle, inicialmente, depositou sua confiança nos dirigentes stalinistas para salvar a situação. Disse a seu ajudante de Campo Naval, François Flohic: “Não se preocupe, Flohic, os comunistas os manterão sob controle” (Phillippe Alexandre. *L'Elysée em péril*, p.299).

O que essas palavras demonstram? Nem mais nem menos que o sistema capitalista não poderia existir sem o apoio dos dirigentes operários reformistas (e stalinistas). Esse apoio lhes é muito mais valioso do que qualquer quantidade de

tanques e policiais. De Gaulle, como burguês inteligente, entendia isso perfeitamente. Em uma tentativa de demonstrar sua suprema indiferença em relação aos acontecimentos na França, o presidente De Gaulle fez uma visita de estado à Romênia, onde foi recebido de braços abertos pelo “comunista” Ceausescu. Contudo, a confiança do general não duraria muito.

A essência de uma revolução, o que a caracteriza, é o fato das massas começarem a participar ativamente dos acontecimentos, começarem a tomar os problemas em suas próprias mãos. Quando voltou à França, os dirigentes “comunistas” estavam perdendo o controle. A bandeira vermelha tremulava nas fábricas, escolas e universidades, nas agências de emprego e até mesmo em observatórios espaciais. O governo era impotente, estava suspenso no ar devido à insurreição. O “Estado forte” gaullista estava paralisado. O poder estava de fato nas mãos da classe trabalhadora.

Os informes da rápida deterioração da situação em Paris chocaram De Gaulle. Frente à maré crescente de rebelião o presidente teve que abandonar sua pose de indiferença, interromper sua viagem à Romênia e regressar rapidamente à França. No palácio de Elysée, o presidente De Gaulle proferiu as palavras imortais: “*La réforme, oui; la chienlit, non!*” (“Reforma, sim; pirralhos, não!”). A palavra *chienlit* é difícil de ser traduzida, mas se refere a uma criança que ainda não aprendeu a utilizar o sanitário.

Ao utilizar essa linguagem, De Gaulle expressou seu desprezo pelos “garotos” nas ruas. Porém, o movimento já havia ido mais além da etapa das manifestações estudantis. Era como uma enorme bola de neve descendo uma íngreme montanha, ganhando força e impulso a cada momento. As mais inesperadas camadas sociais se viram arrastadas pelo rodado do movimento da luta revolucionária. Os profissionais do cinema ocuparam

o festival de cinema de Cannes. Importantes diretores do cinema francês retiraram seus filmes da competição e o corpo de jurados renunciou, obrigando o cancelamento do festival.

Calcula-se que no dia 20 de maio, 10 milhões de pessoas estavam em greve, o país estava praticamente paralisado. No dia 22 de maio uma moção de censura apresentada pelos partidos da oposição não foi aprovada, faltaram-lhes 11 votos para obter a maioria na Assembleia Nacional. O governo estava em uma situação instável e De Gaulle recolhido ao desespero. Foi precisamente nesse momento que os dirigentes das confederações sindicais lançaram um bote salvavidas para De Gaulle, fazendo uma declaração na qual demonstravam sua disposição de negociar com a associação de empresários e com o governo.

A Assembleia Nacional aprovou uma anistia para os manifestantes. Naturalmente! Não conseguiram esmagar o movimento através da repressão, então as autoridades recorreram às concessões para tentar esfriar a situação e ganhar tempo. Dessa maneira, tanto o governo quanto os dirigentes sindicais colaboraram para desviar o movimento revolucionário e conduzi-lo por caminhos seguros. Enquanto oferecia concessões aos dirigentes estudantis e sindicais, o Estado continuava com a repressão seletiva dirigida contra aqueles que eram considerados elementos subversivos. Como no caso de Daniel Cohn-Bendit, em que retiraram deste estudante anarquista o visto de permanência no país. Foi um movimento estúpido, já que a influência real de Cohn-Bendit no movimento era mínima. Mas a ação do governo conseguiu provocar uma manifestação de massas em Paris para protestar contra essa medida.

DE GAULLE DESMORALIZADO

O biógrafo de De Gaulle, Charles Williams, descreve de maneira

gráfica seu estado de ânimo às vésperas de seu discurso à nação no dia 24 de maio:

“Não há dúvidas que depois da excitação na Romênia, o general estava profundamente abalado com o que encontrou em seu regresso à França. Durante os três dias seguintes, a alguém que o visitasse depois de algum tempo o general pareceria velho e indeciso, seu andar encurvado estava cada vez mais acentuado. Parecia que tudo isso estava sendo demais para ele.

“O discurso de 24 de maio, quando se deu, foi um fracasso total. O general parecia e soava pouco sincero, assustado. É verdade, anunciou um referendo sobre ‘participação’, mas não estava claro qual seria o conteúdo concreto da pergunta e pareceu um truque para aqueles que lhe escutaram. Disse que era o dever do Estado assegurar a ordem pública, mas faltava à sua voz a velha ressonância e suas frases, ainda que usasse a velha linguagem solene, de alguma maneira já não possuíam a mesma convicção. Apresentou-se como um homem velho, cansado e ferido. Sabia que tinha perdido. ‘Não alcancei o objetivo’, disse nessa noite. O melhor que Pompidou lhe disse foi: ‘Poderia ter sido pior’.

“Mas o estado de ânimo de De Gaulle na manhã do dia 25 de maio havia piorado. Estava, nas palavras de um de seus ministros, ‘prostrado, encurvado, envelhecido’. Repetia uma e outra vez, ‘isto é uma confusão’. Outro ministro se deparou com um homem velho que não ‘tinha planos para o futuro’. O general mandou buscar seu filho Phillippe, que encontrou seu pai ‘cansado’ e se deu conta de que quase não havia dormido. Phillippe sugeriu que o pai poderia partir para o porto atlântico de Brest – sombras de 1940 –, mas [De Gaulle] disse a ele que não se renderia.

“Do dia 25 ao dia 28 de maio, De Gaulle permaneceu em um estado de profundo pessimismo. As negociações de Pompidou com os sindicatos foi uma farsa. Simplesmente havia dado a eles tudo o que pediam: grandes aumentos salariais, benefí-

cios sociais e um aumento de 35% para o salário mínimo. O único obstáculo era que, inclusive depois de ter assinado, a CGT insistiu que tinham que ser ratificados por seus militantes. George Séguy, dirigente da CGT, foi rapidamente ao bairro parisiense de Billancourt, onde 12 mil trabalhadores da Renault estavam em greve. Quando apresentou o acordo aos trabalhadores, estes o humilharam rechaçando-o de imediato. Os ditos acordos de Grenelle foram abortados.

*“O conselho de ministros se reuniu às três da tarde do dia 27 de maio, pouco depois dos trabalhadores rechaçarem os acordos de Grenelle. O general presidia o conselho, mas notou-se que seu coração e sua mente estavam longe. Olhava seus ministros sem vê-los, seus braços jogados sobre a mesa à sua frente, ombros caídos, parecia ‘totalmente indiferente’ ao que se passava a seu redor. Houve uma discussão sobre o referendo, o general aparentemente só ouviu pedaços da discussão” (C. Williams, *The Last Great Frenchman, A life of General De Gaulle*, pp. 463-4-5).*

Esses fragmentos da biografia favorável a De Gaulle reproduzem uma imagem intensa de total desorientação, pânico e desmoralização em que estava imerso. Segundo o embaixador norte-americano, De Gaulle lhe havia dito: “o jogo acabou. Em poucos dias os comunistas estarão no poder”.

INTERVENÇÃO MILITAR?

A situação alcançou um ponto onde já não podia mais ser resolvida por métodos parlamentares normais. O que poderia ser feito? A intervenção militar foi uma das opções cogitadas por De Gaulle desde o começo da greve geral. Nas primeiras etapas da greve, planos foram elaborados para deter e aprisionar mais de 20 mil ativistas de esquerda no estádio de inverno, onde seriam vítimas de um destino similar ao de seus homólogos chilenos 5 anos mais tarde.

Porém, a operação nunca foi posta em prática. Esses planos do governo francês são idênticos aos planos de todas as classes dominantes na história quando se deparam com a revolução. O governo do Czar Nicolau (“o sangrento”, como era chamado) era repleto de tais planos militares de contingência antes de fevereiro de 1917. No entanto, outra coisa bem diferente era executar esses planos, como descobriu Nicolau a duras penas. O decisivo de uma revolução não são os planos dos regimes, e sim a correlação real de forças na sociedade. De Gaulle era um burguês muito astuto, plenamente consciente da situação real (a princípio, como veremos, subestimou o movimento e o resultado foi um erro muito sério. Como os demais, não esperava que os trabalhadores franceses entrassem em movimento).

De Gaulle estava à beira do abismo. Aterrorizado pelo imenso alcance do movimento, o general estava completamente pessimista. Estava convencido de que os dirigentes comunistas chegariam ao poder. Inúmeras testemunhas confirmam que De Gaulle estava totalmente atônito e desmoralizado, e que pelo menos duas vezes contemplou a ideia de fugir do país. Seu próprio filho havia pedido que ele escapasse por Brest, outras fontes dizem que considerou a possibilidade de permanecer na Alemanha Ocidental, onde visitaria o general Massu. De Gaulle era um político inteligente e calculista que nunca agia por impulsos e raramente perdia os nervos. Disse ao embaixador norte-americano: “o jogo acabou. Em poucos dias os comunistas estarão no poder”. Acreditava nisso. E não era só ele, a maioria da classe dominante também acreditava.

No papel, De Gaulle tinha à disposição uma formidável máquina de repressão. Havia cerca de 144 mil policiais (armados) de diferentes categorias, dos quais 13,5 mil eram da tristemente famosa polícia anti-distúrbios (CRS), e cerca de

261 mil soldados a postos na França e na Alemanha Ocidental. Se a questão for abordada de um ponto puramente quantitativo, então deveria ser descartada não só a possibilidade de uma transformação pacífica, como também da revolução em geral, e não somente na França de 1968. Por esse ponto de vista, nenhuma revolução jamais poderia triunfar em toda a história. Mas a questão não pode ser colocada dessa maneira.

Em toda revolução levantam-se vozes que tentam assustar a classe oprimida com o espectro da violência, o derramamento de sangue e a “inevitabilidade da guerra civil”. Kamenev e Zinoviev falavam exatamente da mesma forma nas vésperas da insurreição de Outubro. Hoje, Heinz Dieterich e os reformistas na Venezuela utilizam a mesma linha de argumentação para tentar colocar freios à revolução venezuelana.

“Os adversários da insurreição, até mesmo nas fileiras do Partido Bolchevique, encontravam muitos motivos para suas deduções pessimistas. Zinoviev e Kamenev advertiam que não se podia subestimar as forças do adversário. ‘Petrogrado decide, mas em Petrogrado os inimigos dispõem de forças importantes: 5 mil junkers perfeitamente armados e que sabem lutar; um Estado Maior; batalhões de choque; cosacos; e uma parte importante da guarnição, mais uma considerável artilharia disposta em leque ao redor de Petrogrado. Além disso, quase seguramente os adversários tentarão trazer tropas do front com a ajuda do Comitê Executivo Central...’”

Trotsky respondeu às objeções de Kamenev e Zinoviev da seguinte forma:

“A lista soa imponente, mas é apenas uma lista. Se um exército, em seu conjunto, é um reflexo da sociedade, então quando a sociedade se divide abertamente, ambos os exércitos são cópias dos bandos em combate. O exército dos possuidores levava dentro de si o verme do isolamento e da desagregação”

(Leon Trotsky, *História de la Revolución Rusa*, p. 1042).

Vítima do pânico, De Gaulle desapareceu de repente e viajou para a Alemanha, onde teve uma reunião secreta com o general Massu, o homem responsável pelas tropas francesas a postos em Baden-Württemberg. O conteúdo preciso dessas conversas nunca foi conhecido, mas não é necessária muita imaginação para se ter uma ideia do que foi perguntado: “Podemos contar com o exército?”. A resposta não está registrada em nenhuma fonte escrita por razões óbvias. Contudo, *The Times* enviou seu correspondente à Alemanha para entrevistar os soldados franceses, a grande maioria era de filhos da classe trabalhadora que cumpriam o serviço militar obrigatório. Um dos entrevistados respondeu quando perguntado se abriria fogo contra os trabalhadores: “Nunca! Acho que seus métodos (dos trabalhadores) podem ser um tanto duros, mas sou filho de um trabalhador”.

Em seu editorial, *The Times* fazia a seguinte pergunta: “De Gaulle pode utilizar o exército?”, e respondia sua própria pergunta dizendo que talvez pudesse utilizá-lo uma vez. Em outras palavras, bastaria apenas um enfrentamento sangrento para romper em pedaços o exército. Essa era a avaliação dos estrategistas mais duros do capital internacional daquela época. Não há nenhuma razão para duvidar de sua palavra nesta ocasião.

CRISE DO ESTADO

No dia 13 de maio, uma organização sindical da polícia que representava 80% do corpo policial publicou uma declaração em que “... considera a declaração do primeiro-ministro um reconhecimento de que os estudantes tinham razão, e uma renúncia total às ações da força policial que o próprio governo ordenou. Nessas circunstâncias, é surpreendente que não se buscasse um diálogo efetivo com os estudantes antes que se produzissem

estes lamentáveis acontecimentos” (*Le Monde*, 15/5/1968).

Se essa era a postura da polícia, o efeito da revolução sobre a base do exército seria ainda maior. E assim era. Apesar da falta de informação, existiam relatos de eferescência entre as forças armadas e inclusive um motim na Marinha. O porta-aviões Clemenceau, que deveria ir ao Pacífico para um teste nuclear, de repente deu meia volta e regressou a Toulon sem explicações. Chegaram notícias de um motim a bordo que dizia que haviam sido “perdidos no mar” vários marinheiros (*Le Canard Enchaîné*, 19/6/68; foi publicado um relato completo no *Action* no dia 14 de junho, mas este foi confiscado pelas autoridades).

Há um famoso aforismo de Mao: “o poder emana da ponta do fuzil”. Porém, os fuzis são empunhados por soldados que não vivem no espaço sideral, estes também são influenciados pelo estado de ânimo das massas. Em qualquer sociedade, a polícia é mais atrasada que o exército. Contudo, na França, a polícia, citando um editorial de *The Times* (31/5/1968), “ferve de descontentamento”.

“Ferve de descontentamento com o tratamento que o governo lhes dá” dizia o artigo, “e o departamento encarregado da informação sobre a atividade estudantil esteve deliberadamente privando o governo de informação sobre os dirigentes estudantis, em apoio a suas reivindicações salariais.

“... Tampouco a polícia esteve muito impressionada com o comportamento do governo desde que começaram os distúrbios. ‘Estão aterrorizados em perder nosso apoio’, disse um homem.

“Tal descontentamento é uma das razões da aparente inatividade da polícia de Paris nestes últimos dias. Na semana passada, homens de diferentes departamentos locais negaram-se a sair dos cruzamentos e praças da capital” (*The Times*, 31/5/1968).

Um panfleto publicado por membros do RIMECA (regimento

de infantaria mecanizada) localizada em Mutzig, perto de Estrasburgo, indicava que seções do exército já estavam sendo afetadas pelo ânimo das massas. Incluía os seguintes fragmentos:

“Como todos os soldados da leva, estamos confinados aos quartéis. Estão nos preparando para intervir como forças repressivas. Os trabalhadores e os jovens precisam saber que os soldados do contingente NUNCA DISPARARÃO CONTRA OS TRABALHADORES. Nós dos Comitês de Ação nos opomos a todo custo que os soldados cerquem as fábricas.

“Amanhã ou depois de amanhã esperam que cerquem uma fábrica de armamentos, cujos 300 trabalhadores querem-na ocupar. CONFRA-TERNIZAREMOS.

*“Soldados do contingente, formem vossos comitês!” (Citado em *Revolutionary Rehearsals*, p. 26).*

A publicação desse panfleto foi claramente um exemplo excepcional dos elementos mais revolucionários entre os conscritos. Mas, em meio a uma revolução de proporções tão massivas, é possível duvidar que a base do exército rapidamente se contagiasse com o vírus da rebelião? Os estrategistas do capital internacional não duvidavam disso, muito menos seus homólogos franceses.

QUEM SALVOU DE GAULLE?

Não foi absolutamente o exército nem a polícia (estes estavam tão desmoralizados que inclusive a reacionária inteligência, como vimos, se negou a colaborar com o governo contra os estudantes) que salvou o capitalismo francês, e sim a atuação dos dirigentes sindicais e stalinistas. Essa conclusão não é apenas nossa, também encontra apoio na Enciclopédia Britânica:

“De Gaulle parecia incapaz de controlar a crise ou de compreender sua natureza. Contudo, os dirigentes comunistas e sindicais proporcionaram-lhe um respiro, opuseram-se a qualquer levantamento mais ousado, evidentemente temiam a perda de seus

Depois da Noite das Barricadas, os sindicatos convocam a Greve Geral

seguidores frente a seus rivais mais extremistas e anarquistas”.

Acuado, Georges Pompidou aceitou negociar com todos. Quando a classe dominante está ameaçada de perder tudo, não se importa em alterar seus planos originais e torna-se disposta a fazer grandes concessões. Para tirar os trabalhadores das fábricas ocupadas e dissolver seu poder, não hesitaram em oferecer aos dirigentes sindicais coisas além do que estes últimos pediam originalmente, aumento do salário mínimo, redução da jornada de trabalho e da idade de aposentadoria, restauração do di-

reito de organização etc. Em uma tentativa de deter os estudantes, Pompidou aceitou a demissão do Ministro da Educação.

Tanto o governo quanto os dirigentes sindicais estavam alarmados com o alcance do movimento e estavam decididos a detê-lo. No dia 27 de maio chegou-se a um acordo entre os sindicatos, as associações de empresários e o governo. Mas os dirigentes sindicais tinham a árdua tarefa de apresentar o acordo aos trabalhadores. Apesar das grandes concessões, os trabalhadores da Renault e de outras grandes empresas negaram-se a voltar ao trabalho. Lembro-me que

estava em Paris em um bar com outras pessoas assistindo as assembleias de massas pela televisão dentro da gigantesca fábrica da Renault, onde se congregava um grande número de trabalhadores, alguns deles sentados nas gruas e nos caletes para escutar George Ségui, o secretário geral da CGT, que leu uma lista com aquilo que os empresários ofereciam: grandes aumentos salariais, pensões, redução da jornada e assim sucessivamente. Mas no meio de seu discurso foi interrompido pelos trabalhadores que cantavam: “*Gouvernement populaire! Gouvernement populaire!*” (“*Governo popular! Governo popular!*”). Lembro-me que ele não pôde terminar sua intervenção.

Nesse momento os trabalhadores já tinham consciência de sua própria força, tinham o poder a seu alcance e não estavam dispostos a abrir mão dele. Às 17 horas, 30 mil estudantes e trabalhadores marcharam desde Boelins até o estádio Chérléty, onde celebraram uma reunião com a presença de Pierre Mendés-France. Nesse mesmo dia a CGT convocou, anteriormente a esse acordo, uma manifestação que conseguiu meio milhão de trabalhadores e estudantes nas ruas de Paris. Uma vez mais, o objetivo dos dirigentes sindicais e do Partido Comunista era proporcionar uma válvula de escape ao movimento, controlar o que deslizava de suas mãos.

A INICIATIVA PASSA À REAÇÃO

No dia 30 de maio, no rádio, o presidente De Gaulle anunciou a dissolução da Assembleia Nacional e disse que as eleições seriam realizadas dentro do calendário habitual. George Pompidou continuaria sendo o primeiro-ministro. Insinuou também que usaria a força para manter a ordem, se necessário. Era uma mensagem dirigida aos dirigentes sindicais e ao Partido Comunista. Estava oferecendo a eles a tentadora perspectiva das eleições e uma futura secretaria ministerial sob o regime burguês. Ao mesmo

tempo, era uma advertência de que a burguesia não entregaria o poder sem lutar.

O gabinete foi remodelado e as eleições convocadas para os dias 23 e 30 de junho. Ao mesmo tempo, De Gaulle tentou mobilizar suas forças fora do parlamento. Algumas dezenas de milhares de apoiadores do governo se manifestaram desde a praça da Concordia até L'Étoile. Foram realizadas manifestações similares de apoio ao governo em toda a França. Mas uma olhada mais atenta nas fotografias revela imediatamente a verdadeira natureza dessas manifestações: prefeitos aposentados enrolados em faixas tricolores, cidadãos de classe média barrigudos, pensionistas e outras figuras parecidas indignadas e insatisfeitas com a sociedade.

Basta comparar essas fotografias com as manifestações massivas do proletariado alguns dias antes para descobrir a verdadeira correlação de forças. Tudo de vivo, forte e vibrante da sociedade francesa se reuniu sob a bandeira da revolução, enquanto que tudo de opaco, velho e decadente estava do outro lado das barricadas. Um bom empurrão bastava para derrubar tudo. O que faltava era um golpe de misericórdia, mas este nunca foi dado.

A classe trabalhadora não pode permanecer em uma situação de agitação constante. Não pode ser ligada ou desligada como uma lâmpada. Quando a classe se mobiliza para mudar a sociedade deve ir até o final ou fracassa. Ocorre o mesmo em uma greve. No início os trabalhadores estão entusiasmados e dispostos a participar nas assembleias de massas. Estão dispostos a lutar e fazer sacrifícios. Mas se a greve não tem um final à vista, o ambiente muda. Começando pelos elementos mais débeis, o cansaço finalmente chega. O comparecimento às assembleias de massas cai e os trabalhadores voltam ao trabalho.

Os dirigentes sindicais fizeram bom uso das concessões cedidas apressadamente pelos capitalistas, como um homem desesperado que lança um salva-vidas de um barco que afunda. O salário mínimo subiu para 3 francos a hora, os salários aumentaram e foram concedidas outras melhorias. Na ausência de outra perspectiva, muitos trabalhadores aceitaram o acordo que os dirigentes sindicais apresentaram como uma vitória. Na terça-feira, depois de um fim de semana com feriado no início de junho, a maioria dos grevistas pouco a pouco abandonou a luta, e os trabalhadores regressaram a seus trabalhos.

1968 FOI UMA REVOLUÇÃO

O que é uma revolução? Trotsky explica que uma revolução é uma situação tal onde a massa de homens e mulheres normalmente apática começa a participar de maneira ativa na vida da sociedade, quando adquire consciência de sua força e se move para tomar seu destino em suas mãos. Isso é uma revolução. E foi o que aconteceu em uma escala colossal na França em maio de 1968.

Os trabalhadores franceses estenderam os músculos, tiveram consciência do enorme poder que tinham em suas mãos. Vimos aqui o imenso poder da classe trabalhadora na sociedade moderna: não se acende nem uma lâmpada, nenhuma roda se move e nenhum telefone toca sem a permissão dos trabalhadores. O Maio de 1968 foi a resposta final a todos os covardes e cétricos que duvidam da capacidade do proletariado para mudar a sociedade.

A correlação de forças da classe se expressou não como um mero potencial ou uma estatística abstrata, e sim como um poder real nas ruas e nas fábricas. Na realidade, o poder estava nas mãos dos trabalhadores, mas eles não sabiam. Como qualquer

outro exército, a classe trabalhadora necessita de uma direção. E isso era o que estava ausente em maio de 1968. Aqueles que deveriam ter proporcionado a direção, os dirigentes das organizações de massas da classe, os sindicatos e o Partido Comunista, não tinham a perspectiva da tomada do poder. Sua única preocupação era terminar a greve o mais rápido possível, devolver o poder à burguesia e retornar à “normalidade”.

Uma greve geral é diferente de uma greve normal porque coloca a questão do poder. O que está em jogo não é esse ou aquele aumento salarial, e sim quem é que manda na casa. No transcurso da luta, a consciência dos trabalhadores aumentou a uma velocidade vertiginosa. Começaram a compreender que não se tratava de uma greve normal por reivindicações econômicas, mas algo maior. Tiveram consciência do poder em suas mãos e enxergavam a debilidade daqueles que se supunha representar todo o poder do Estado. A única coisa que faltou foi a eleição de delegados em cada centro de trabalho e a vinculação de comitês de greve em cada cidade e região, culminando na formação de um comitê nacional, que poderia ter tomado o poder em suas mãos, arremessando o velho poder estatal na lata de lixo da história.

Porém, nada disso foi feito e o enorme potencial revolucionário do movimento evaporou-se, como o vapor que se dissipa inofensivamente no ar se não há uma câmara de pistões que o concentre. Por fim, os trabalhadores regressaram ao trabalho e a classe dominante concentrou novamente o poder em suas mãos. Quando o movimento começou a minguar, o Estado iniciou sua vingança. Houve incidentes violentos, sobretudo no dia 11 de junho, com 400 feridos, 1.500 detidos e um manifestante morto com um tiro em Montbéliard.

No dia seguinte foram proibidas as manifestações na França, pouco depois os estudantes foram expulsos do Odéon e, dois dias mais tarde, da Sorbonne.

Começou então a criminalização. Na cadeia estatal de rádio e televisão, ORTF, foram demitidos 102 jornalistas por suas atividades durante os acontecimentos. Enviaram a polícia às universidades de Nanterre e Sorbonne para controlar os documentos de identidade dos estudantes e ela não saiu de lá antes de 19 de dezembro. Foi aprovado um pacote de medidas de austeridade no dia 28 de novembro na Assembleia Nacional. O Estado, que não hesitou em esmagar os crânios dos estudantes e grevistas nas manifestações, agora demonstrava clemência para com os fascistas, os terroristas de extrema-direita da Organização Armada Secreta (OAS). Enquanto Cohen-Bendit era expulso da França, Georges Bidault poderia regressar e Raoul Salan era libertado da prisão.



Os dirigentes reformistas e stalinistas foram castigados por sua covardia e a classe dominante negou-lhes os postos que almejavam intensamente. A campanha eleitoral começou em 10 de junho. No primeiro turno das eleições, a federação dos partidos de esquerda e os comunistas perderam terreno. No segundo turno, uma semana mais tarde,

os partidos de direita conseguiram uma esmagadora maioria. A esquerda perdeu 61 cadeiras e os comunistas 39. Pierre Mendès-France (uma figura histórica da esquerda francesa) não foi reeleito em Grenoble. O Partido Comunista, que em 1968 era o principal partido da classe trabalhadora francesa, entrou em declínio e foi superado mais tarde pelo Partido Socialista, que em 1968 conseguira apenas 4% dos votos e, portanto, parecia morto. O sindicato comunista, CGT, perdeu apoio frente à CFDT, que em 1968 manteve uma posição mais combativa.

O maravilhoso movimento dos trabalhadores terminou em derrota. Porém, as tradições de Maio de 1968 permanecem na consciência dos trabalhadores da França e do mundo. Hoje, depois de um longo período de *boom*, o sistema capitalista está entrando novamente em crise e sairão à superfície todas as contradições que se acumularam durante os últimos 20 anos. Em toda a Europa estarão na ordem do dia grandes enfrentamentos de classe.

Não temos tempo para aqueles ex-revolucionários pequeno-burgueses que falam de 1968 em termos sentimentais e nostálgicos, como se fosse história antiga sem relevância prática alguma para o mundo em que vivemos. Mais cedo ou mais tarde os acontecimentos de 1968 reaparecerão, mas em um nível até mesmo superior. Qual é o candidato mais provável para esse cenário? Poderia perfeitamente ser a França, mas também a Itália, a Grécia, Portugal, Espanha ou qualquer outro país, e não só na Europa. Esperamos com impaciência o futuro. Desejamo-lo e nos preparamos para ele. Estamos tentando preparar a vanguarda, assim da próxima vez triunfaremos. E diante deste glorioso aniversário dizemos:

A revolução não morreu. Viva a revolução!



Paquistão: a revolução de 1968-69

Adam Pal – Lal Salaam, seção paquistanesa da Corrente Marxista Internacional

Em 1968-69, uma onda revolucionária varreu tanto o Paquistão Ocidental como sua parte oriental, que mais tarde se converteu em Bangladesh. Estudantes e trabalhadores saíram em número de milhões contra a brutal ditadura do marechal de campo Ayub Khan, que havia governado o país com mão de ferro por mais de uma década. Os protestos e greves continuaram em quase todas as indústrias e todos os setores da sociedade se levantaram contra as leis draconianas e a repressão do regime de Ayub. Muitos analistas ainda afirmam que aquele foi um movimento por reivindicações democráticas e pelo fim da Lei Marcial de Ayub Khan. Mas os fatos mostram claramente que esse movimento revolucionário foi além das meras reivindicações democráticas e desafiou o sistema capitalista e a propriedade privada. As pessoas deixaram de pagar os aluguéis das casas e as tarifas dos trens argumentando que agora eram eles os proprietários. Os trabalhadores ocuparam muitas in-

dústrias importantes e as dirigiram através de comitês eleitos democraticamente. Os camponeses desafiaram seus brutais senhores feudais, ocuparam suas terras e alçaram o lema “a terra para quem a trabalha”. A principal palavra de ordem desse movimento foi o socialismo e o povo exigiu a derrubada completa do sistema para que fosse substituído por uma economia planificada.

A mobilização explodiu em escala massiva em 7 de novembro de 1968 quando a polícia abriu fogo contra uma manifestação de estudantes do Polytechnic College em Rawalpindi, matando dois estudantes. Este incidente imediatamente tocou o nervo sensível conectando com um clima de dissidência contra o regime e estudantes de todo o país se manifestaram contra essa brutalidade. Mais tarde, os trabalhadores se uniram a eles. Foi então que os dirigentes sindicais se decidiram a convocar uma greve geral no caso de que não renunciasse. Finalmente, em 25 de fevereiro de 1969, o di-

tador Ayub Khan teve que renunciar por medo do estado de ânimo insurrecional da classe trabalhadora.

Esses acontecimentos históricos no Paquistão mais tarde marcaram todo o curso de sua história e continuam obcecando a classe dominante desde então. A classe dominante sempre tratou de apagar estes acontecimentos da memória da consciência coletiva das massas e apresentou a história do país como a história de seus governantes. Mas esses fatos revolucionários mostram claramente que quando as massas entram em cena e tomam seus destinos em suas próprias mãos, todo o edifício do aparato estatal e as potências imperialistas começam a tremer.

Embora estes acontecimentos revolucionários parecessem como um raio em céu azul para muitos políticos, grupos de *experts* e estalinistas, na realidade o ódio e a ira em relação ao regime estava se gestando durante muitos anos.

A criação do Paquistão através da partição do subcontinente pelos

imperialistas britânicos em 1947 foi um crime contra a humanidade. Os governantes da Índia e do Paquistão também foram cúmplices desse crime e agiram como títeres dos imperialistas que dividiram o corpo vivo do subcontinente indiano sobre uma base religiosa. Isso desencadeou um frenesi e fúria de fanatismo religioso nunca visto na história. Segundo algumas estimativas, 2,8 milhões de pessoas morreram e muitos milhões resultaram feridas e foram expulsas de seus lares. Milhões de mulheres foram violadas por homens de outras religiões por vingança como ajuste de contas.

Estes atos criminosos assestaram um duro golpe à solidariedade de classe e ao movimento operário da Índia e do Paquistão. Todo esse crime da partição foi orquestrado pelos britânicos para dividir a classe trabalhadora e afogá-la em sangue, na medida em que esta ameaçava não só ao seu governo como também ao sistema capitalista em toda a região. Desde a década de 1920 houve greves e manifestações de massas por parte de trabalhadores de diversas indústrias, ferrovias e outros departamentos do setor público. A fúria contra os amos imperialistas havia se acumulado, proporcionando ao jovem Partido Comunista da Índia (PCI) um apoio de massas na década de 1930. Os julgamentos e punições de dirigentes sindicais da Índia, por parte dos imperialistas britânicos, ajudaram a estabelecer seu prestígio e apoio entre as massas.

No início da Segunda Guerra Mundial, o PCI estava na vanguarda da luta pela independência e quase começava a eclipsar ao Partido do Congresso, cuja direção representava a burguesia indiana. Mas o pacto de Stalin com os britânicos durante a guerra obrigou o partido a abandonar sua luta pela independência e a ajudar aos britânicos a recrutar soldados para a guerra.

O vazio deixado pelo PCI foi preenchido pelo Congresso que nunca quis uma derrubada completa do sistema. No final da guerra desenca-

deou-se outra onda de movimentos massivos de trabalhadores em toda a Índia exigindo melhores salários e níveis de vida e o fim do governo britânico. Esse movimento inclusive se ampliou à Armada Real da Índia, onde um motim de marinheiros, em fevereiro de 1946, se espalhou como um rastilho de pólvora. Os marinheiros ocuparam muitos barcos e portos navais e levantaram bandeiras vermelhas. O motim também se estendeu às cidades portuárias da Índia e recebeu o apoio das massas destas cidades. Porém, devido à falta de direção, esse movimento não logrou se conectar com as lutas dos trabalhadores e as greves que estavam acontecendo em toda a Índia e foi finalmente afogado em sangue. Depois disso, os britânicos decidiram abandonar a Índia, mas só depois de dividi-la em uma base reacionária. O Partido do Congresso e a Liga Muçulmana, que representavam a burguesia local, concordaram com este plano que conduziu a uma orgia de sangue e destruição. O PCI também desempenhou um papel reacionário apoiando esse plano e pedindo aos seus camaradas “muçulmanos” que fossem para o Paquistão e aos “hindus” para a Índia.

Depois da partição, o movimento operário e estudantil começou a se reagrupar no Paquistão sob novas organizações, principalmente sob a direção do Partido Comunista do Paquistão (PCP). Embora o PCP nunca tenha adquirido uma base de massas no Paquistão, estava oficialmente proibido devido aos vínculos com a União Soviética, já que o Paquistão havia abraçado o imperialismo estadunidense pouco depois de sua chamada “independência”. Alguns dos dirigentes comunistas também foram presos e torturados por planejarem um suposto golpe de Estado no notório caso da Conspiração Rawalpindi de 1951. Entre os detidos encontrava-se o legendário poeta urdu Faiz Ahmad Faiz.

Contudo, apesar de oficialmente proibidos, os comunistas criaram organizações como o National Awami Party (NAP), a Federação

Democrática de Estudantes (DSF), a Federação Nacional de Estudantes (NSF) e outras. Enquanto isso, a crise da classe dominante do novo país também se tornava cada vez mais aguçada, com novos conflitos que surgiam de vez em quando e que deram lugar a um golpe por parte do chefe do exército, general Ayub Khan, em 1958. Este ditador tentou dar estabilidade ao país, apoiando-se entre várias facções da classe dominante e deu uma nova constituição ao país. Durante seu reinado, houve uma rápida industrialização do país e a taxa de crescimento do PIB se aproximou dos 7%. Esta taxa de crescimento não se baseou na especulação ou no capital fictício, mas no crescimento industrial.

A maior parte do crescimento se baseou em projetos públicos que incluíram enormes barragens hidrelétricas, centrais elétricas, canais e muito mais. O governo outorgava enormes créditos aos industriais, que os utilizavam para investir em novos setores da economia. Mas tudo isso se baseou na exploração feroz da classe trabalhadora, o que ampliou a brecha entre ricos e pobres. Nesse momento, era um dito popular entre as massas que o crescimento econômico era só para as 22 famílias mais ricas do país, que aumentaram em várias vezes sua riqueza durante o governo de Ayub Khan. Todo o gasto oficial esteve acompanhado pela corrupção e pela pilhagem dos funcionários, o que provocou uma ira generalizada contra o regime.

Todo esse desenvolvimento sobre uma base capitalista não pôde resolver as contradições, e sim aguçou o conflito de classes na sociedade. Isso provocou um número crescente de greves e protestos por parte do movimento dos trabalhadores. O movimento estudantil, na era da Guerra Fria, também foi influenciado pelas ideias de esquerda e um grande número de estudantes em todo o país se radicalizou e começou a estudar livros provenientes de Moscou e Pequim. O NSF havia se convertido em uma organização de massas de



Ali Butho falando em Ato do PPP

estudantes que realizavam protestos contra o regime em todo o país por diferentes motivos. No Paquistão Oriental (hoje Bangladesh) houve um movimento contra a opressão nacional do Paquistão Ocidental dominado pela elite governante Punjabi. Houve grandes protestos e manifestações contra a exploração radicalizando camadas mais amplas de estudantes e trabalhadores. Nessa situação, o National Awami Party (NAP), dirigido pelo veterano comunista Maulana Bhashani, se converteu em um partido de massas no Paquistão Oriental.

Porém, a liderança estalinista desses partidos acreditava na teoria das duas etapas. Isso significava que sua estratégia era a de apoiar a burguesia local “progressista” para estabelecer o capitalismo e, em consequência, qualquer movimento contra os capitalistas era considerado como contrarrevolucionário. Ayub Khan também havia estabelecido vínculos estreitos com a China de Mao e era considerado amigo dos comunistas. A guerra de 1962 entre a Índia e a China e a guerra posterior de 1965 entre a Índia e o Paquistão ajudaram a unir ambos os governantes. Os estalinistas tampouco puderam vincular o movimento contra a opressão nacional

com a luta de classes. Muitos estalinistas no Paquistão Oriental, no Balochistão, Pushtoonkhwa e Sindh degeneraram eventualmente para o nacionalismo.

As relações amistosas entre Ayub e Mao tiveram um grande impacto no NAP dirigido por Bhashani, que foi um dos principais dirigentes comunistas. Negavam-se a reconhecer os distúrbios em massa e as greves crescentes da classe trabalhadora contra o regime de Ayub e permitiram que a direção de todo o movimento lhes escapasse das mãos. No Paquistão Oriental, isso conduziu à degeneração do movimento em linhas nacionalistas sob a direção de Mujibur Rahman, quem finalmente liderou a criação de Bangladesh em 1971. Isso também ajudou a classe dominante a afogar em linhas nacionalistas o movimento que havia emergido sob linhas de classe.

No Paquistão Ocidental, Zulfiqar Ali Bhutto surgiu como o líder do movimento com seu recém-fundado Partido do Povo do Paquistão (PPP), que se converteu em um partido de massas em um lapso de tempo de somente um ano. Bhutto era um latifundiário de Sindh e havia sido ministro de Assuntos Exteriores de Ayub Khan durante vários anos, mas que rompeu com ele e renunciou em

razão da guerra de 1965 entre a Índia e o Paquistão. Depois disso, tratou de se unir a um grupo de esquerda, mas sem êxito. Finalmente, fundou seu próprio partido em Lahore em 30 de dezembro de 1967 com o nome de Partido do Povo do Paquistão (PPP). A fundação do partido foi um assunto de pouca importância, com a participação de pouco mais de duzentas pessoas. O manifesto fundacional do PPP foi redigido por intelectuais e ativistas de esquerda, como JA Rahim, Dr. Mubashar Hassan e Sheikh Rashid. O manifesto foi o mais radical de qualquer partido em toda a região naquele momento. Ele afirmava abertamente que “o objetivo final da política do Partido é lograr uma sociedade sem classes, o que somente é possível através do socialismo em nosso tempo”. Por outro lado, todos os partidos estalinistas e outras organizações operárias e estudantis, controladas por eles, defendiam um programa que se limitava a reivindicações democráticas.

O manifesto do recém-fundado PPP eventualmente conectou com o movimento de massas existente que se expressava em protestos e greves em quase todos os setores da sociedade. Os trabalhadores da eletricidade, dos correios, da saúde, professores universitários, ferroviários, os trabalhadores da limpeza urbana, jornalistas, trabalhadores da indústria gráfica e todos os demais setores lutavam continuamente contra o governo e agitavam por suas reivindicações. Uma das greves mais importantes foi em fevereiro de 1967, quando os trabalhadores ferroviários de todo o país se declararam em greve. O governo tentou romper a greve utilizando alguns fura-greves para que conduzissem as locomotivas na estação de trens de Rohri em Sindh. Mas os trabalhadores se lançaram sobre as vias férreas para que a locomotiva não pudesse se mover. No entanto, a locomotiva não se deteve e cortou os trabalhadores em pedaços. Isso desencadeou a raiva e a fúria entre todos os trabalhadores e, finalmente, o

governo teve que aceitar as demandas dos ferroviários depois de uma greve sem precedentes de 13 dias. Ocorreram movimentos grevistas e ações similares em todo o país.

Os trabalhadores industriais exigiam direitos sindicais, já que não havia leis nem benefícios para os trabalhadores até então. As indústrias de Karachi, Lahore e outras cidades haviam visto uma grande afluência de trabalhadores das pequenas cidades e povoados de todo o país. Desde as áreas do Norte de Pushtoonkhwa até as aldeias de Punjab, centenas de milhares de camponeses pobres migraram às cidades onde a atividade industrial estava crescendo. Esses trabalhadores, que vieram para estas cidades em busca de emprego e vida melhor, tiveram que enfrentar duras condições. Passando rapidamente de uma vida de pobreza em seu pequeno povoado à feroz exploração por parte das máquinas, propriedade de industriais, aprenderam lições muito duras. Esses milhões de trabalhadores deram uma nova vida ao movimento operário do país e experimentaram lutas sindicais pela primeira vez. Criaram-se sindicatos e organizações de trabalhadores por todo o país e os operários se uniram a essas organizações em grande número em Karachi, Lahore, Faisalabad e outras cidades.

Da mesma forma, os camponeses estavam em estado de rebelião e em alguns lugares haviam começado a ocupar terras dos senhores feudais, se envolvendo em enfrentamentos armados. Os camponeses formavam um dos setores mais oprimidos da sociedade naquele período, com os senhores feudais utilizando todos os métodos brutais empregados na Europa Medieval para oprimi-los. Tinham cárceres privado e trabalho servil e os camponeses estavam literalmente encadeados em todo o país.

Todas as contradições vieram à superfície em 1968 e explodiram em um movimento revolu-

cionário. Naquele momento, Ayub Khan celebrava seus dez anos de governo com o lema da “Década do desenvolvimento”. Muitas celebrações foram iniciadas pelo governo, como um trem especial de Karachi a Peshawar mostrando as conquistas alcançadas durante o período. Mas quando o trem se encontrava em meio de sua viagem foi incendiado pelos manifestantes enraivecidos.

Os estudantes também foram contagiados pelo estado de ânimo revolucionário e protestaram contra o aumento de tarifas e outras medidas brutais do governo. Dirigentes estudantis, como o comunista e fundador do PPP, Meraj Muhammad Khan, foram expulsos muitas vezes de Karachi por provocarem distúrbios contra o regime. Logo se mudavam para outras cidades do país organizando estudantes. Em suas reuniões públicas, dirigiram-se a dezenas de milhares de estudantes que se reuniam em grandes concentrações.

Em 7 de novembro de 1968, dois estudantes foram assassinados em Rawalpindi, o que provocou imediatamente uma greve nacional de estudantes e manifestações em massa no Paquistão Oriental e Ocidental. Bhutto, que se hospedava em um hotel em Rawalpindi naquele momento, imediatamente foi aos estudantes que protestavam e expressou sua solidariedade total com eles. Poucos dias mais tarde chegou a Lahore de trem. Quando chegou à estação de trem de Lahore havia um oceano de pessoas para lhe dar as boas-vindas. As pessoas inclusive subiam em árvores para ver Bhutto. Imediatamente ele exigiu o fim do domínio de Ayub Khan e apoiou as demandas dos estudantes.

Mais tarde, em seus discursos, se dirigiu a milhões de trabalhadores, camponeses e estudantes de todo o país e apelou abertamente por uma revolução socialista. Em fevereiro de 1969, os sindicá-

tos exigiram a demissão de Ayub Khan e ameaçaram com uma greve geral se não concordasse. Esse foi o final de Ayub Khan. Em seu diário, ele escreveu que todas as decisões foram tomadas nas ruas e que a administração do Estado havia colapsado totalmente. Nessa vaga revolucionária, surgiram soviets ou comitês de trabalhadores em todo o país, que se adjudicaram o direito de tomar todas as decisões. Nas fábricas e nas terras ocupadas, trabalhadores e camponeses estavam organizando a sociedade, mas lamentavelmente não havia nenhum partido bolchevique que pudesse dirigir todo esse movimento para uma transformação socialista da sociedade.

Ayub Khan entregou o poder ao general Yahya Khan. Este convocou as primeiras eleições gerais do país em 1970. Também introduziu a primeira Ordenança de Relações Trabalhistas do país e muitas outras medidas para acalmar o crescente estado de ânimo de ressentimento no país.

O PPP poderia ter tomado o poder diretamente como a ala esquerda do partido exigia. De fato, milhares de estudantes, trabalhadores e camponeses de esquerda haviam se unido ao PPP deixando para trás os partidos estalinistas, já que podiam ver claramente um programa que apelava por uma transformação socialista completa da sociedade. Mas o PPP não era um partido bolchevique dirigido por Lênin e Trotsky. Não tinha estruturas organizadas, nem agrupações nem outras instituições. Era mais um movimento que havia atraído a dissidência e a ira na sociedade. Tudo estava centrado na personalidade de Bhutto, que detinha a última palavra em todos os assuntos.

Segundo o Dr. Mubashar Hassan, o fundador e secretário-geral do partido nesse momento e Ministro das Finanças sob Bhutto, o partido cresceu tão rapidamente que não tiveram tempo para organizá-lo. De meia dúzia de agru-

pações em Lahore, aumentou para mais de duzentas em cerca de um ano. Estavam simplesmente montados em uma vaga que não podiam controlar. Os dirigentes também tinham uma compreensão clara do marxismo e do caráter do Estado. Como se pode ver em O Estado e a Revolução, de Lênin, este tinha uma clara visão e compreensão do estado burguês e de como derrubá-lo. Mas a direção somente obteve essa compreensão através da experiência. Em vez de lançar uma insurreição de massas, a direção do PPP decidiu participar nas eleições. A esquerda obteve uma vitória clara no Paquistão Ocidental. O PPP se converteu no maior partido no Ocidente, enquanto que a Liga Awami de Mujib ganhou todas as cadeiras no Paquistão Oriental. Bhashani havia se retirado da política nesses tempos cruciais e todo o espaço político foi ocupado pelo nacionalismo de Mujib. A classe dominante e o imperialismo utilizaram a oportunidade para afogar a mobilização da classe trabalhadora em linhas nacionalistas. O movimento no Paquistão Oriental estava se espalhando também para Bengala Ocidental na Índia e ameaçava o sistema e o status quo de todo o subcontinente. Na Índia já existia uma raiva acumulada contra o governo de Indira Ghandi que, em 1975, se vira forçado a impor o Estado de Emergência, suspendendo todos os direitos básicos para esmagar a dissidência.

O general Yahya no Paquistão continuava se aferrando ao poder e não o transferiu aos representantes eleitos, e desencadeou uma guerra contra o Paquistão Oriental enviando tropas que mataram cerca de dois milhões de pessoas no que agora se chama Bangladesh.

Segundo algumas estimativas, cerca de trezentas mil mulheres foram violadas pelo exército e pelas milícias fundamentalistas islâmicas apoiadas por ele. No final, se produziu uma revolta de massas contra o exército paquistanês

que foi totalmente derrotado pelo povo de Bangladesh. O exército da Índia interveio para salvar a situação e instalou Mujib como novo chefe de governo em dezembro de 1971. Uns 90.000 soldados paquistaneses foram encarcerados ou, segundo alguns relatos, resgatados pelo exército indiano.

O general Yahya teve que entregar o poder a Bhutto no restante do Paquistão. Naquele momento, Bhutto poderia ter avançado para a transformação completa da sociedade. Todas as instituições do Estado haviam sido derrubadas e ele tinha o apoio total das massas. Porém, devido à falta de uma direção bolchevique, isso não pôde ser logrado. Bhutto tentou conciliar as duas classes aplicando as maiores reformas da história do país, por um lado, e restaurando as instituições estatais, por outro.

Um grande número de indústrias foi nacionalizado, os sindicatos foram legalizados, foram introduzidas as pensões e anunciados outros importantes benefícios para a classe trabalhadora. Houve um aumento significativo do orçamento da saúde e da educação e foram construídos centenas de novos hospitais, escolas, colégios e universidades. Mas, por outro lado, o exército foi reconstruído a partir de suas cinzas e foi-lhe dada nova vida. Outras instituições da burocracia e da magistratura também foram reorganizadas sob uma nova constituição em 1973. Apesar das grandes nacionalizações, as alavancas fundamentais da economia e das indústrias dominantes estavam ainda nas mãos dos capitalistas. Também se evitou a realização da reforma agrária e os senhores feudais continuaram com o seu domínio no campo como antes da revolução. Muitos capitalistas e senhores feudais também obtiveram posições importantes no PPP, onde os ativistas de esquerda e os trabalhadores mais comprometidos foram substituídos.

Isso levou à desilusão entre as

massas e a onda revolucionária começou a minguar. A economia capitalista não poderia continuar o seu crescimento, enquanto que a inflação era alta. Surgiu então um movimento de direita em 1976-77, que conduziu à derrubada de Bhutto pelo brutal ditador general Zia ul Haq, em 5 de julho de 1977. Bhutto foi posteriormente enforcado em 4 de abril de 1979, depois de uma farsa de julgamento.

Zia desatou o inferno sobre a classe trabalhadora e promoveu os terroristas fundamentalistas religiosos a partir do Estado. O Estado burguês, com o apoio do imperialismo estadunidense, tomou revanche da classe trabalhadora e, aos poucos, foi destruindo todas as conquistas que o movimento revolucionário havia ganhado. Os trabalhadores do PPP e outros ativistas de esquerda foram severamente torturados nos cárceres e muitos foram enforcados.

Depois da morte de Zia em um acidente aéreo em 1987, o PPP voltou ao poder em 1988 sob a direção da filha de Bhutto, Benazir. Contudo, ela aplicou uma política de privatizações e neoliberalismo. O colapso da União Soviética foi outro grande golpe para a classe trabalhadora e para os ativistas de esquerda. O refluxo do movimento revolucionário continuou durante décadas com pequenos períodos de ação de massas e revoltas. Durante todo esse tempo, o PPP e outros partidos de esquerda, sindicatos, organizações estudantis e grupos nacionalistas ficaram desacreditados e tiveram seu apoio perdido. Muitos foram completamente esquecidos.

A principal lição dessa revolução é a necessidade de se construir um partido bolchevique que possa levar a próxima onda revolucionária, que parece iminente, a completar a derrubada do capitalismo através de uma revolução socialista e acabar com toda a pobreza, exploração e miséria para sempre.

1968: A ofensiva do Tet e o ponto de virada da guerra do Vietnã

Alan Woods

Artigo originalmente publicado em janeiro de 2008, quando a Ofensiva do Tet completava 40 anos e a invasão americano ao Iraque estava no seu quinto ano.

De 30 a 31 de janeiro de 1968, 70.000 soldados norte-vietnamitas, juntamente com guerrilheiros da Frente de Libertação Nacional (FLN), lançaram uma das mais desafiadoras campanhas militares da história. A Ofensiva do Tet foi o verdadeiro ponto de viragem da Guerra do Vietnã. Alan Woods analisa os acontecimentos que levaram à Guerra do Vietnã e a importância da Ofensiva do Tet em provocar a derrota do imperialismo americano, e traça alguns paralelos com a invasão do Iraque.

Os vietnamitas a chamam de “Chien Tranh Chong My Curu Nuoc” ou “A Guerra contra os Americanos para salvar a nação”. No

curso dessa guerra, cerca de 58 mil soldados americanos foram mortos em ação, e cerca de 304 mil ficaram feridos. Mas esses números se tornam insignificantes ao lado das terríveis baixas sofridas pelos vietnamitas. Quase 1,4 milhão de norte e sul-vietnamitas foram mortos em ação.

A esse número devemos adicionar 2,1 milhões de feridos. Essa foi uma das mais sangrentas guerras da história e uma guerra que cobrou um alto preço em vidas civis. O número total de vietnamitas mortos nesse conflito nunca será conhecido, mas provavelmente não é inferior a 3 milhões, e o total de vítimas não é inferior a 8 milhões.

O número de soldados americanos no Vietnã passou de 23,3 mil em 1963 para 184 mil em 1966. Em janeiro de 1969, esse número alcançou seu máximo: 542 mil. Apesar disso, o exército dos EUA foi incapaz de submeter o Vietnã. Essa foi a primeira vez na história em que os EUA foram derrotados em uma guerra (a da Coreia foi um empate).

Em agosto de 1963, o novo presidente, Lyndon B. Johnson, ordenou o primeiro bombardeio ao Vietnã do Norte, a operação “Rolling Thunder”. Seu propósito era quebrar a vontade de luta dos vietnamitas através do “choque e do espanto”. O número de bombas lançadas sobre o Vietnã somente nessa campanha foi maior que o total lançado durante toda a 2ª Guerra Mundial: o equivalente a aproximadamente 15 kg de bombas para cada homem, mulher e criança do Vietnã. Armas químicas desmataram 10% da superfície do país.

Mas o número de mortos e feridos não conta toda a história. O país foi devastado durante anos pelo bombardeio tipo tapete. Milhares de milhas quadradas foram devastadas. Bilhões de dólares foram desperdiçados. Milhares de acres de floresta foram destruídos através do lançamento de substâncias químicas venenosas pela Força Aérea dos EUA (“desfolhantes”). Em linguagem clara, isso é conhecido como guerra química. Muitos soldados americanos desenvolveram enfermidades graves por causa do contato com esses agentes químicos. Para um enorme núme-



Ho Chi Minh no Congresso de fundação do Partido Comunista francês em 1920

ro de vietnamitas, isso significou gerações de bebês malformados, abortos espontâneos, câncer e todo tipo de enfermidades horríveis.

AS ORIGENS DA GUERRA

As origens da Guerra do Vietnã tiveram suas raízes na longa e amarga luta do povo vietnamita contra o domínio colonial francês. Em 1932, o fantoche Bao Dai retornou da França para reinar como imperador do Vietnã sob os franceses. Ho Chi Minh e seus seguidores fundaram o Partido Comunista Indochinês em 1930. Seu principal objetivo era lutar contra o domínio colonial francês e o partido sempre teve um pesado elemento nacionalista. Como na China, a luta pela emancipação social estava inseparavelmente ligada à luta pela libertação do domínio externo.

A 2ª Guerra Mundial lançou tudo no crisol. Em setembro de 1940, as tropas japonesas ocuparam a Indochina, mas permitiram aos franceses continuar sua administração colonial da área. O movimento dos japoneses na parte sul do Vietnã em julho de 1941 desencadeou um boicote petrolífero por parte dos EUA e da Grã-Bretanha. A escassez de petróleo resultante empurrou o Japão a se arriscar em uma guerra contra os EUA e a Grã-Bretanha. O resultado foi Pearl Harbour e a declaração de guerra por parte dos EUA.

A política dos EUA era ditada por suas ambições de dominar a Ásia e o Pacífico. Este objetivo estratégico significava que não somente o Japão, mas também as velhas potências imperiais (Grã-Bretanha e França) deviam ser expulsas. A política de Washington depois de 1945 foi ditada por esse objetivo. Essa é a razão da aparente amabilidade de Washington para com Ho Chi Minh naquele momento. De fato, os americanos ajudaram a salvar sua vida. Em 1945, o Escritório de Serviços Estratégicos (OSS, precursor da CIA) lançou um grupo de paraquedistas

sobre seu acampamento na selva do norte do Vietnã para tratar da saúde de Ho, que estava seriamente enfermo de Malária e outras enfermidades tropicais.

Em agosto de 1945, o Japão se rendeu e os colonialistas franceses retornaram para reivindicar suas antigas possessões. Os vietnamitas resistiram e um longo período de luta anticolonial começou. Ho Chi Minh fundou o Viet Minh, exército de guerrilha que derrubou Bao Dai em um levantamento geral. Em 2 de setembro de 1945, Ho Chi Minh declarou a independência do Vietnã depois de 80 anos de domínio colonialista sob a França e fundou a República Democrática do Vietnã em Hanói. Ho Chi Minh tentou negociar o fim do domínio colonial com os franceses, mas sem êxito. O imperialismo francês não tinha nenhuma intenção de desistir do Vietnã. Uma luta amarga começou, na qual o país se dividiu entre Norte e Sul. O exército francês bombardeou o porto de Haiphong, matando mais de 6 mil vietnamitas civis, e a guerra aberta entre a França e o Viet Minh começou.

Nessa altura, a Guerra Fria entre os EUA e a Rússia havia começado. A Revolução Chinesa alertou os EUA para o perigo do “comunismo” na Ásia. Portanto, Washington reconheceu o regime de Bao Dai como legítimo e começou a apoiar os franceses no Vietnã. Por outro lado, Mao, tendo ganhado a guerra civil em 1949, começou a abastecer o Viet Minh com armas. No fim, os EUA estavam financiando metade do custo do esforço de guerra da França no Vietnã. Mas de nada adiantou. Os imperialistas franceses foram derrotados de forma decisiva na famosa batalha de Dien Bien Phu em 7 de maio de 1954. Apesar do substancial apoio americano, os franceses finalmente perderam o controle de sua colônia vietnamita. Sofreram uma derrota humilhante nas mãos do exército de Vo Nguyen Giap, o comandante supremo do Viet Minh. Mais tarde, Giap comentou:

“A campanha de Dien Bien Phu foi uma grande vitória. Foi a primeira vez que uma pobre nação feudal derrotou uma grande potência colonial que tinha uma indústria moderna e um exército enorme. A vitória significou muito, não apenas para nós, mas para os povos de todo o mundo”

A guerra entre a França e a Indochina havia terminado. Depois da humilhante derrota em Dien Bien Phu, os franceses foram forçados a deixar o Vietnã depois de um século de domínio colonial. A Conferência de Genebra sobre a Indochina declarou uma zona desmilitarizada no paralelo 17, com o Norte sob o governo dos stalinistas vietnamitas e o Sul sob a liderança de Ngo Dinh Diem.

A divisão do país em duas metades deveria ser temporária.

O Partido Comunista Vietnamita poderia facilmente ter tomado o poder depois de Dien Bien Phu. Mas Stalin, temendo um conflito direto com os EUA, fez pressão sobre Ho Chi Minh para concordar com uma decisão pela qual os stalinistas receberiam a parte norte do país e os franceses o sul, enquanto se aguardava a realização de eleições gerais que decidiriam quem governaria o país.

O INÍCIO DA INTERVENÇÃO AMERICANA

A potência que sucedeu os franceses foi os EUA. O imperialismo americano já estava intervindo no Vietnã desde os anos 1950. Em junho de 1954, a CIA estabeleceu uma missão militar em Saigon. No mesmo ano, Bao Dai escolheu Ngo Dinh Diem, futuro ditador, como primeiro-ministro de seu governo. O novo regime no Vietnã do Norte se inspirou nos regimes stalinistas da China e da Rússia. Os norte-vietnamitas embarcaram em uma política de reforma agrária radical. Os proprietários foram expropriados e presos. Isso era inaceitável para Washington, que havia embarcado em um confronto mundial com o “comunismo”.

Havia-se negociado que as eleições nacionais seriam realizadas em 1956. Mas os EUA se opuseram às eleições, que nunca ocorreram. Em seu livro “Mandato para a Mudança”, o presidente Eisenhower disse mais tarde que pensava que Ho Chi Minh obteria 80% dos votos se as eleições fossem realizadas. O general Andrew Goodpastor, assessor do presidente Eisenhower, afirmou:

“Sentia-se que as eleições não podiam ser livres, no Norte em particular. Diria que fazia parte disso. A outra era o sentimento de que, mesmo que fossem realizadas eleições livres, elas provavelmente seriam dominadas pelos comunistas e os comunistas ganhariam o controle”.

Isso expressa de forma admiravelmente clara o conceito de democracia sustentado pelo imperialismo americano. As eleições são uma boa coisa desde que sirvam para eleger governos amigáveis aos EUA. No entanto, se eles não são amigáveis, elas não se recomendam. Desde então, essa se tornou a filosofia de Washington. Havendo dividido deliberadamente o país pela metade, os EUA respaldaram a cruel ditadura do presidente Diem no Vietnã do Sul, um anticomunista fanático. Diem reprimiu impiedosamente qualquer oposição. Mas Washington o apoiou apesar disso, considerando-o um “democrata”.

A decisão de não realizar as eleições tornou a guerra inevitável. Os americanos transferiram vastos recursos econômicos e militares ao Vietnã do Sul para construir um estado fantoche, exatamente como estão fazendo atualmente no Iraque. Os generais do Vietnã do Sul ficaram demasiado confiantes em consequência do apoio dos americanos e decidiram atacar o Vietnã do Norte. Em 1956, a luta começou entre o Norte e o Sul. As primeiras mortes de americanos em combate ocorreram em 1959, quando as guerrilhas vietnamitas atacaram os quartéis de Bien Hoa, matando dois soldados do exército



Ngo Dinh Diem nos EUA com o presidente Eisenhower, 1954

americano. Mas a luta só começou a sério na década seguinte.

Em 1960, a Frente de Libertação Nacional (conhecida por seus inimigos como “Vietcongue”) foi fundada por Hanói para lutar contra Diem e unificar o país. Isso era apoiado por Moscou. Os combatentes da Frente de Libertação Nacional (FLN) estavam ganhando nas áreas rurais do Sul. Para separar as guerrilhas dos camponeses, as tropas de Diem incendiavam aldeias inteiras até não sobrar nada. Os habitantes foram transferidos para “aldeias estratégicas” fortificadas, construídas sob a supervisão de conselheiros americanos. Essa política foi realizada sob coação brutal e era extremamente impopular entre os camponeses, que se uniram às fileiras das guerrilhas.

As razões do envolvimento dos EUA no Vietnã não têm nada a ver com “democracia”, como o mostram claramente suas ações. Foi ditado pela defesa dos interesses imperialistas e por questões estratégicas, como a necessidade de conter a Rússia e a China e deter o avanço do “comunismo” na Ásia. Já em 1954, o artigo “Por que os EUA se arriscam em uma guerra na Indochina?” foi publicado em 4 de abril no “Notícias dos EUA e Informe Mundial”. O artigo declarava:

“Uma das mais ricas áreas do mundo será aberta ao vitorioso na Indochina. É isso o que está por trás do crescente interesse dos EUA... estanho, borracha, arroz, produtos primários estratégicos são as verdadeiras razões dessa guerra. Os EUA

consideram essa área valiosa para manter o controle – por todos os meios necessários”

Em Washington, crescia o medo de que o Vietnã caísse, causando um “efeito dominó” por toda a Ásia. Robert McNamara, secretário de defesa dos EUA à época, explicou:

“O objetivo era evitar que as pedras do dominó caíssem. A perda do Vietnã desencadearia a perda do Sudeste Asiático, inclusive a perda da Índia, e fortaleceria a posição chinesa e soviética em todo o mundo”

Em 1961, o presidente John F. Kennedy foi eleito. Como era um democrata, alguns supuseram que estaria a favor de uma política externa mais pacífica. Hoje em dia, tornou-se moda pintar Kennedy como um homem progressista e pacífico. Mas isso destoa flagrantemente dos fatos. Um ano após sua eleição, ele apoiou a invasão de Cuba, que terminou no fiasco da Baía dos Porcos. Arrastado pelos efeitos dessa humilhação, Kennedy se propôs a mostrar a força do imperialismo americano na Ásia.

Os primeiros passos do envolvimento militar americano no Vietnã foram extremamente limitados e cautelosos. A escalada militar dos EUA no Vietnã começou com assessores militares. Esses assessores foram enviados inicialmente para treinar o exército sul-vietnamita para contra insurgência. No entanto, o presidente Kennedy declarou que responderiam ao fogo se lhes disparassem. Eles encorajaram o uso de métodos brutais contra os insurgentes, nos quais as tropas de Diem já eram bastante habilidosas. De fato, a violência era a arma normalmente utilizada para amparar um regime brutal e impopular contra o seu próprio povo. Tudo isso foi justificado por Washington com seu costumeiro cinismo. Discursando em 23 de maio de 1962, Robert McNamara disse:

“As ações do governante, o presidente Diem, foram consideradas

autocráticas e talvez suas ações pessoais o sejam até certo ponto, mas imaginando o caos que ele enfrentou, a total anarquia que existia lá, é concebível que esses métodos autocráticos, dentro de um marco democrático, fossem necessários para restaurar a ordem”

Mas “esses métodos autocráticos dentro de um marco democrático” não eram tão populares em Saigon quanto o eram em Washington. Houve uma oposição crescente. Os objetores sul-vietnamitas organizaram uma onda de manifestações. No verão de 1963, monges budistas se incendiaram até a morte em protesto contra a intolerância religiosa de Diem. O descontentamento se espalhou ao topo do exército, onde um grupo de generais armou um golpe contra Diem. Washington sabia tudo sobre o golpe, mas não fez nada para detê-lo, na esperança de um regime mais fortemente pró-EUA em Saigon. Ficou claro para Washington que o exército sul-vietnamita não poderia derrotar as guerrilhas e isso forçou os EUA a lançar uma intervenção militar direta no Vietnã. Como no Iraque, os imperialistas estavam excessivamente confiantes. Segundo McNamara, eles esperavam retirar a força de 16 mil assessores militares no final de 1965, e que a retirada da primeira unidade seria completada dentro de 90 dias, no final de dezembro de 1963. Não foi a primeira nem a última vez que os imperialistas calcularam mal.

Em 1º de novembro de 1963, o governo foi derrubado por um grupo de generais dissidentes. Diem foi morto por seus próprios soldados. O povo de Saigon saiu às ruas para comemorar sua queda. Três semanas depois da morte de Diem, o próprio presidente Kennedy foi assassinado. Seu substituto, Lyndon Johnson, era um anticomunista virulento e, como Kennedy, totalmente comprometido em continuar a guerra no Vietnã. A intervenção militar direta americana no Vietnã começou no mesmo

ano com o objetivo declarado de impedir que o Sul caísse em mãos “comunistas”. Em agosto, Lyndon Johnson, que havia assumido a presidência dos EUA na sequência do assassinato de Kennedy, ordenou os primeiros ataques aéreos sobre o Norte.

O INCIDENTE DO GOLFO DE TONKIN

Em 4 de maio de 1964, foi imposto um embargo comercial ao Vietnã do Norte. Isso representou um notável aumento das hostilidades. Dizem que embargos comerciais são a melhor alternativa à guerra, mas na verdade, quando funcionam, os embargos comerciais normalmente levam à guerra. Essa não foi nenhuma exceção.

No Vietnã do Sul, a FLN tinha agora 170 mil homens e mulheres no campo. Podiam-se mover e operar na maior parte do país. Eram capazes de realizar ataques no coração de Saigon sempre que desejassem. Tran Bach Dang, ativista da Frente de Libertação Nacional em Saigon, relembra:

“As pessoas estavam reagindo. Estabelecemos contatos com elas e as orientamos. O movimento de protesto dos estudantes e intelectuais, incluindo católicos e budistas, era generalizado. Quando as pessoas viam que nossos métodos eram eficazes, juntavam-se a nós”

A putrefação do regime burguês em Saigon era clara para todos. O governo se encontrava em uma constante situação de crise. Os golpes se sucediam. A ininterrupta ascensão e queda de ministros, cada um mais impopular e corrupto que o outro, era um sintoma do impasse do regime. Sem o apoio americano, não duraria uma semana.

Johnson aumentou a presença militar americana no Vietnã. Enviou o general William Westmoreland, veterano da Guerra da Coreia e da 2ª Guerra Mundial, para se encarregar das operações militares. Johnson estava determinado a levar a intervenção militar ame-

ricana no Vietnã a um nível qualitativamente diferente. Mas, para convencer o público americano da necessidade de ações drásticas no Sudeste Asiático, Johnson necessitava de uma desculpa. Ele a encontrou no chamado Incidente do Golfo de Tonkin, que teve o mesmo propósito que Pearl Harbour e o 11 de Setembro: um *causus belli*, uma desculpa para a guerra.

Em agosto de 1964, um destróier americano, o USS Maddox, em patrulha no Golfo de Tonkin, trocou disparos com um bote torpedeiro norte-vietnamita. O presidente Johnson deu instruções para que, na eventualidade de um novo ataque contra navios americanos em “águas internacionais”, eles respondessem com o objetivo de destruir os agressores. Dois dias mais tarde, o capitão do barco pensou que estava sob ataque novamente. Mas um dos pilotos não estava tão seguro. Em uma entrevista televisiva, o vice-almirante James Stockdale, que era piloto em Tonkin, fez a seguinte declaração:

“Bom, eu passei ao largo... esses destróieres, durante mais de uma hora e meia, a menos de mil pés, com as luzes apagadas, observando tudo o que faziam. Pude ouvi-los conversar através do rádio, o Maddox e o Joy, eles pareciam ter captado alguns alvos intermitentes no radar. Propus-me a ir onde pensava que se encontrava o barco e tentar liquidá-lo se eles não o fizessem. Mas foi infrutífero... fui lá e não havia nada”

Ignorando o conflito de evidências, o Pentágono insistiu que houve um segundo ataque. Em 5 de agosto de 1964, o secretário de defesa dos EUA declarou:

“Em retaliação a esse ataque não provocado em alto mar, nossas forças atacaram as bases utilizadas pelo barco de patrulha norte-vietnamita”

Era uma clara provocação. Não houve nenhum ataque vietnamita ao barco de guerra americano. Mas Johnson se utilizou do incidente do Golfo de Tonkin para impor

uma resolução no Congresso permitindo ao presidente empreender a guerra no Vietnã. Em 7 de agosto de 1964, o Congresso aprovou a Resolução do Golfo de Tonkin, que permitia ao presidente adotar todas as medidas necessárias para repelir ataques futuros e para proporcionar assistência militar a qualquer membro da Organização do Tratado do Sul da Ásia (SEATO). Os senadores Wayne L. Morse, do Oregon, e Ernest Gruening, do Alasca, votaram contra. O presidente Johnson ordenou o bombardeio do Vietnã do Norte. Entre 8 e 9 de março de 1965, as primeiras tropas de combate americanas chegaram ao Vietnã.

MOSCOU E PEQUIM

A guerra foi uma batalha entre o país mais poderoso e rico do mundo e um exército de guerrilheiros descalços, armados com sobras da 2ª Guerra Mundial. O Vietnã do Norte era um país pobre e agrícola sem praticamente nenhuma indústria. Ho Chi Minh foi, portanto, obrigado a buscar ajuda da China e da União Soviética. Moscou concordou em aumentar a ajuda militar aos norte-vietnamitas. Três semanas depois do desembarque dos fuzileiros navais americanos, forças da FLN bombardearam a embaixada dos EUA em Saigon. Johnson acusou a China de ser responsável por esses ataques. Em 3 de maio de 1965, ele disse:

“Seu alvo [da China] não é meramente o Vietnã do Sul – é a Ásia. Seu objetivo não é a realização do nacionalismo vietnamita, é erodir e desacreditar a capacidade da América de ajudar a impedir o domínio chinês sobre toda a Ásia”

Não havia um pingão de evidências para essa acusação. Na verdade, era a URSS e não a China que agora estava fornecendo a maior parte da ajuda aos vietnamitas. Os pilotos norte-vietnamitas estavam sendo treinados na União Soviética, que também proporcionava dinheiro e armas a Hanói. Moscou

buscava uma vantagem sobre os EUA na Ásia e, ao mesmo tempo, estava ansiosa para evitar que o Vietnã caísse sob a influência da China. Esse foi o período da divisão sino-soviética, em que duas burocracias stalinistas rivais se confrontavam e competiam por influência no movimento “comunista” mundial.

A URSS ofereceu ajuda considerável ao Vietnã do Norte. Moscou enviou mísseis ao país e mais de mil assessores militares soviéticos trabalharam na defesa aérea contra os americanos. Esse foi um sério fator limitante das possibilidades de uma agressão dos EUA contra o Norte. No entanto, a escala dessa ajuda se viu negativamente afetada pelas crescentes tensões entre as burocracias russa e chinesa, que se encontravam então engajadas em uma amarga luta ditada pelos estreitos interesses nacionalistas de ambos os lados. Fyodor Mochulski, embaixador-adjunto soviético na China, comenta:

“Os chineses exigiam que entregássemos todos os equipamentos militares para o Vietnã na fronteira soviético-chinesa e que a China, por seu lado, os passaria aos vietnamitas. Descobrimos mais tarde que os chineses não estavam entregando tudo. Alguns dos equipamentos eram descarregados para eles mesmos”

Essa visão é confirmada por Igor Yershov, conselheiro militar soviético no Vietnã:

“O que me surpreendeu foi que podíamos enviar os mais modernos mísseis antiaéreos ao Egito, um país capitalista, mas não ao Vietnã. Nossos comandantes costumavam dizer que era assim porque havia o risco de eles caírem nas mãos dos chineses”

OPERAÇÃO ROLLING THUNDER

Em março de 1965, as primeiras tropas terrestres dos EUA desembarcaram em Da Nang. O primeiro combate entre as forças dos EUA e as norte-vietnamitas aconteceu en-

tre 14 e 16 de novembro de 1965. Os EUA estavam mergulhando inexoravelmente em uma guerra no continente asiático. Como Bush no início da invasão do Iraque, Johnson e seus generais estavam sofrendo delírios de grandeza. Cometeram o erro de superestimar o seu próprio poder e subestimar o poder do inimigo. Imaginavam que a mera presença dos fuzileiros navais dos EUA no Vietnã aterrorizaria o inimigo e levaria à rendição. Foi um erro grave. A avaliação otimista de Johnson da situação no Vietnã do Sul – que se parece muito com a de George W. Bush com relação ao Iraque – foi rapidamente desfeita pelos acontecimentos. A situação militar piorava diariamente.

Em junho, um posto militar em Dong Suay foi destruído. Um regimento de elite sul-vietnamita foi dizimado, e houve muitas baixas civis. McNamara voltou ao Vietnã para reavaliar a guerra. Um simples olhar sobre a situação foi suficiente para convencê-lo de que, sem o comprometimento de massivas forças americanas, o governo fantoche do Vietnã do Sul estava condenado ao fracasso. O general Westmoreland temia que o Vietnã do Sul fosse cortado em dois. A primeira grande batalha da guerra foi travada no vale de Ia Drang, na região das Terras Altas do Centro. Essa batalha revelou as tremendas capacidades de combate dos vietnamitas. Os EUA derrotaram os norte-vietnamitas em Ia Drang, mas as baixas foram pesadas: 2 mil soldados norte-vietnamitas foram mortos, mas 300 soldados americanos da infantaria de elite morreram na batalha. O general Vo Nguyen Giap, comandante das forças norte-vietnamitas, comentou:

“A batalha de Ia Drang foi nossa primeira grande vitória. Vimos que podíamos lutar contra os americanos e ganhar. O principal foi forçar os americanos a lutarem da forma que queríamos – isto é, no mano a mano”

As forças da FLN lançaram um ataque à base de Pleiku, na qual

oito americanos foram mortos e mais de 100 ficaram feridos. Johnson respondeu lançando a Operação *Rolling Thunder*, uma campanha massiva de bombardeio contra o Norte. Ele esperava levantar o moral do Sul e trazer Ho Chi Minh à mesa de negociações. O Norte estava abastecendo as forças da guerrilha no Sul através das selvas impenetráveis do Vietnã Central, do Laos e do Camboja. Os vietnamitas, revelando grande coragem, transportavam suprimentos ao longo dessa trilha dia e noite, constantemente mudando suas táticas para se manterem um passo à frente do inimigo. Um condutor do tráfego nas trilhas, Kim Nuoc Quang, recorda as condições extremamente perigosas em que trabalhavam:

“Em uma noite, contamos 14 canhões disparando, avermelhando e acendendo todo o horizonte com explosões. Era como as noites de fogos de artifício em Hanói. Estávamos constantemente dirigindo através das balas e da fumaça”

Foi a incapacidade do exército americano de infligir uma derrota séria aos vietnamitas em terra que levou Johnson a intensificar o bombardeio aéreo massivo contra o Norte, embora ocasionalmente detivesse o bombardeio para “encorajar” os vietnamitas do Norte a negociar. Mas nada disso deu certo. A guerra continuou.

A história nos mostra que somente bombardear não ganha guerra alguma. O bombardeio de Hitler contra as cidades britânicas não forçou os britânicos à rendição, somente aumentou o ódio e a amargura do povo britânico contra a Alemanha nazista. O mesmo ocorreu no Vietnã do Norte. No final, como previsto, os EUA foram obrigados a comprometer grandes forças em terra para deter o colapso do regime fantoche em Saigon, o que, de resto, seria uma conclusão inevitável. Como McNamara declarou:

“Tornou-se cada vez mais claro que o presidente Johnson teria que escolher entre a perda do Vietnã do

Sul e tentar salvá-lo introduzindo forças militares dos EUA e assumindo a maior parte das missões de combate”

A GUERRA DE GUERRILHA

Logo os americanos abandonaram a ideia de defender território e, em vez disso, utilizaram sua mobilidade superior para lançar as chamadas missões de busca e destruição. Essas missões deixaram para trás uma sangrenta trilha de sangue e destruição, de aldeias incendiadas e camponeses e gado morto. As forças que asseguravam estar “salvando” o Vietnã do Sul na verdade o estavam sistematicamente destruindo. E esse fato, longe de enfraquecer as forças guerrilheiras, somente serviu para fortalecer-las. Isso também é verdadeiro no Iraque.

O líder revolucionário francês Robespierre disse uma vez que ninguém gosta de missionários com baionetas. Disseram, à época, aos soldados americanos que eles tinham ido ao Vietnã do Sul para lutar contra o comunismo, exatamente como dizem aos soldados americanos que foram enviados ao Iraque para lutar pela democracia. No entanto, da mesma forma que no Iraque atualmente, no Vietnã os soldados americanos encontraram a hostilidade daqueles que supostamente deveriam ajudar.

Mao Tsé-Tung disse que a guerrilha deve aprender a nadar no meio do povo como um peixe na água. O apoio da população é a primeira e mais importante condição para o êxito das guerrilhas. É da natureza de uma guerra de guerrilha a dificuldade de se diferenciar entre combatentes e não-combatentes. Os combatentes guerrilheiros atacam repentinamente e logo se misturam à população geral. Assim como no Iraque, no Vietnã as tropas americanas achavam impossível dizer quais vietnamitas eram amigos e quais eram inimigos. O potencial de abusos e atrocidades contra civis estava, dessa forma,

sempre presente. Isso, por sua vez, tende a levar a população ainda mais firmemente aos braços das guerrilhas.

Todo exército é constituído por elementos contraditórios, como a própria sociedade. A casta de oficiais deve manter vivos a disciplina e o espírito bélico das tropas. Nas condições concretas de uma guerra de guerrilha, onde as linhas de frente estão apagadas e o inimigo está misturado à população, as tropas devem ser endurecidas com a ideia de matar civis. As tropas americanas no Vietnã foram instruídas a não se preocupar demasiado com quem estavam matando: “se está morto e é vietnamita, está tudo bem”, foi o que lhes disseram. O resultado inevitável foi que muitos civis que não eram combatentes guerrilheiros foram mortos. Isso produziu um ressentimento incendiário contra as forças de ocupação.

Apesar de um número cada vez maior de tropas americanas no Vietnã, as operações guerrilheiras continuavam irrefreáveis. Em resposta ao acúmulo de tropas americanas, Hanói enviou milhares de norte-vietnamitas para se juntarem aos combatentes guerrilheiros no Sul. O que o Pentágono pensava ser uma operação fácil e rápida acabou sendo um conflito prolongado e sangrento.

Em geral, um exército guerrilheiro envolvido em uma guerra de libertação nacional tem uma grande vantagem sobre as forças de ocupação. Eles estão dispostos a sacrificar a vida e essa arma é, potencialmente, mais poderosa que as mais sofisticadas armas modernas. Isto foi verdadeiro no Vietnã e permanece verdadeiro no Iraque hoje. O que os estrategistas militares do Pentágono não podem entender é que, quando todo um povo se ergue e diz não, nenhuma força sobre a Terra pode obrigá-lo a se submeter. Foi essa a lição que os britânicos aprenderam na Índia e os franceses tiveram que aprender, da pior maneira, na Argélia e em Dien Bien Phu. Os americanos

ainda estão aprendendo a mesma lição no Iraque. Eles deveriam ter prestado mais atenção à experiência no Vietnã, ou mesmo à sua própria história. Afinal, os próprios EUA nasceram de uma guerra revolucionária de independência em que agricultores armados com espingardas de caça enfrentaram o poderio do exército britânico. Este último era um dos exércitos mais poderosos do mundo naquele tempo, mas no final os agricultores venceram.

De muitas formas a luta guerrilheira no Vietnã faz lembrar a atual guerra no Iraque. Basta ouvir as memórias de um antigo combatente guerrilheiro, Tong Viet Duong, da Frente de Libertação Nacional, na área de Saigon:

“Às 8h de 23 de março, nós os atacamos. Nossa artilharia destruiu os aviões. Não matamos somente os guardas, mas também o intendente americano. Nossa unidade especial também atacou a escola de treinamento de policiais. Matamos muitos policiais estagiários enquanto assistiam a um filme”

Numa tentativa de justificar seu brutal estupro do Vietnã, os apologistas do imperialismo dos EUA frequentemente se referem à alegada crueldade da FLN. É um fato que qualquer guerra civil ou luta de libertação nacional se caracterize pela crueldade. Lembremo-nos de que não faltou selvageria na guerra civil americana. Parcialmente isso reflete as condições de um tipo de guerra onde não há limites claramente definidos, linha de frente definida, regras para o confronto, direitos e leis. É uma guerra que ocorre mais frequentemente em meio à população civil.

Ademais, as forças guerrilheiras lutam contra um exército profissional muito superior e em condições de extrema inferioridade. As forças americanas detinham toda a parafernália da guerra moderna de alta tecnologia. Os vietnamitas tiveram que confiar em métodos mais primitivos, como buracos ocultos com espetos metálicos afiados no fundo.

É um mecanismo simples, mas bastante efetivo, como muitos outros métodos da guerra de guerrilha. E não esqueçamos que o objetivo de toda guerra é matar o inimigo. Em condições de inferioridade militar, as forças da guerrilha não podem renunciar a nenhum dos métodos que logre esse objetivo e que cause terror no coração do invasor. Em todo caso, os métodos utilizados pelas forças americanas – inclusive a utilização indiscriminada de napalm para incinerar pessoas vivas, ou o ainda mais indiscriminado uso de agentes químicos lançados sobre grandes extensões pelo ar – eram infinitamente mais cruéis e devastadores do que qualquer uma das táticas utilizadas pelos vietnamitas.

O MOVIMENTO CONTRA A GUERRA

A guerra no Sul se prolongou sem um fim à vista. No início de 1967, os americanos utilizaram bombardeiros estratégicos B-52 para bombardear as bases da FLN próximas a Saigon, em um esforço inútil para limpar a área de guerrilheiros. Em agosto, em um esforço desesperado para colocar mais pressão sobre Hanói, Johnson ampliou o bombardeio ao Norte a 16 quilômetros da fronteira chinesa. Isso era o mesmo que brincar com fogo. Em vão, Johnson argumentou que isso não estava dirigido contra a China:

“Primeiro, gostaria de tornar claro que esses ataques aéreos não significam qualquer ameaça à China comunista e, de fato, eles não representam qualquer ameaça àquele país. Acreditamos que Pequim sabe que os EUA não buscam ampliar a guerra no Vietnã”

O otimismo oficial entrava em confronto a cada passo com a crua realidade das listas de baixas e do conflito sem fim. Enquanto a selvageria e a inutilidade da guerra se tornavam claras, havia a dissidência cada vez maior em casa. As forças americanas estavam tendo agora graves perdas. A taxa das baixas

americanas aumentava de forma constante a cada ano. Jack Valenti, assessor do presidente Johnson, recorda a situação:

“Entrava na habitação do presidente às 7h. Todas as manhãs ele estava ao telefone, com uma diferença de 12h, examinando as baixas do dia anterior. ‘Senhor presidente, perdemos 18 homens ontem; senhor presidente, perdemos 160 homens, tivemos 300 baixas’ – manhã após manhã, manhã após manhã”

No final, Johnson ficou totalmente debilitado com o crescimento rápido do movimento contra a guerra nos EUA. Um dos elementos mais importantes da equação era o número desproporcional de jovens pobres da classe trabalhadora e negros entre as vítimas. Em todas as guerras, sempre são as camadas mais pobres e mais oprimidas da população que proporcionam a maior quantidade de carne de canhão. Dentro dos EUA, houve uma onda crescente de descontentamento. Os negros americanos estavam cansados de ser cidadãos de segunda classe. Nos estados do Sul, o movimento de direitos civis

estava engajado em uma luta feroz contra a discriminação e o racismo, por direitos iguais. Mas a guerra no Vietnã destacou de forma extrema a opressão dos negros. Os dois assuntos ficaram indissolavelmente ligados. Em 15 de abril de 1967, o líder do movimento negro pelos direitos civis, Martin Luther King Jr., disse:

“Essa guerra confusa causou estragos em nossos destinos domésticos. Apesar dos fracos protestos contrários, as promessas da grande sociedade foram derrubadas nos campos de batalha do Vietnã. A busca da ampliação da guerra reduziu as dimensões prometidas dos programas domésticos de bem-estar, fazendo com que os pobres – brancos e negros – suportem os encargos mais pesados no front e em casa”

Há muito que Napoleão explicou a grande importância do moral na guerra. Nenhum soldado gosta de lutar e de colocar sua vida em risco quando sente que não é apoiado pela opinião pública em casa. Os soldados americanos no Vietnã sentiam de forma crescente a reação da oposição nos EUA.

Começaram a sentir que estavam travando uma guerra injusta e impossível de ganhar. O tenente-coronel George Forrest, do exército americano, recorda:

“Quando você liga a TV e vê distúrbios nas ruas, ou qualquer outra coisa, os caras ficam dizendo: ‘Esperem um pouco. Por que estou lutando aqui e esses caras em casa estão dizendo que isso é a coisa errada a se fazer?’”

A crescente oposição à guerra até encontrou expressão na música pop. Havia uma canção muito popular naquela época, de Country Joe McDonald, que continha os seguintes versos:

*“Venham, mães, de todo o país
Mandem seus filhos para o Vietnã
Vamos, pais, não hesitem
Mandem seus filhos antes que seja tarde demais*

*Seja o primeiro no seu quartirão
A ter seu filho de volta para casa em uma caixa*

*1, 2, 3, pelo que estamos lutando?
Não me pergunte, eu não dou a mínima.*

A próxima parada é o Vietnã.

5, 6, 7, abram os portões do Céu



Martin Luther King Jr. dirige marcha contra a guerra do Vietnã em Chicago, 1968

Sim, não há tempo para se perguntar por que

Hurra! Todos iremos morrer!”

Em 17 de abril de 1965, realizou-se em Washington a primeira marcha importante contra a guerra. Em outubro do mesmo ano, realizaram-se protestos contra a guerra em cerca de 40 cidades americanas. Como costuma acontecer, a fermentação começou entre os estudantes, que sempre agem como um barômetro sensível do ânimo da sociedade. Cerca de 25 mil pessoas marcharam em Washington, 20 mil em Nova York e 15 mil em Berkeley, Califórnia, para se manifestarem contra a guerra. Em abril de 1967, 50 mil pessoas se manifestaram contra a guerra em Washington. O movimento contra a guerra estava se espalhando rapidamente. Estima-se que mais de 5 milhões de pessoas estavam envolvidas de uma forma ou de outra.

A OFENSIVA DO TET

Reconhece-se hoje de forma generalizada que Vo Nguyen Giap foi um dos generais mais brilhantes do século 20. Ele se aperfeiçoou nas táticas da guerra de guerrilha durante a longa luta contra o imperialismo francês, na qual suas pequenas forças lutavam contra uma força maior, bem treinada e bem equipada. Sob tais condições, Giap desenvolveu uma estratégia para derrotar oponentes superiores. Não se tratava apenas de superá-los no terreno, mas de minar sua determinação infligindo derrotas políticas desmoralizantes através de táticas ousadas e inesperadas. Seu ponto de partida era o mesmo de Danton: “audácia, audácia e ainda mais audácia!”. Em nenhum momento isso ficou mais evidente do que na Ofensiva do Tet.

Giap também era um general implacável. Sempre estava preparado para fazer uma aposta, independentemente do custo em vidas. Ele devia saber que, em um combate convencional, estaria em desvantagem. Sempre que encon-

travam as forças americanas em batalha aberta, suas divisões eram golpeadas. No Sul, a guerra não estava indo bem. As guerrilhas, embora ainda ativas, estavam recuando lentamente. Em setembro de 1967, Giap chegou à conclusão de que a guerra havia chegado a um impasse e que algo precisava ser feito. Por outro lado, Hanói podia ver o crescente movimento contra a guerra nos EUA. Giap decidiu que era necessário um golpe de força que quebrasse a vontade de Washington de continuar a guerra.

Foi essa a origem da Ofensiva do Tet – uma campanha de grande amplitude, velocidade e alcance. Ela abalou o imperialismo dos EUA até os alicerces e teve um efeito dramático e duradouro na opinião pública americana. Ele planejou cuidadosamente a ofensiva, utilizando as técnicas que aprendeu na luta com os franceses, quando aprendeu a atacar as forças inimigas explorando suas debilidades. Já em 1944, Giap enviou suas minúsculas forças contra o exército francês na Indochina. Na Ofensiva do Tet, escolheu atacar quando menos se esperava: a véspera do Natal. Em 1954, na batalha de Dien Bien Phu, Giap atraiu os superconfiantes franceses para uma batalha desastrosa e obteve uma vitória retumbante através de movimentos brilhantes. Agora, quase um quarto de século depois, em 1968, Giap aspirava uma vitória rápida e decisiva para influenciar o resultado da campanha presidencial dos EUA de 1968.

Ele preparou uma ofensiva audaz em dois fronts. A primeira foi um ataque à base de fuzileiros navais dos EUA em Khe Sanh. Simultaneamente, o Exército do Vietnã do Norte (EVN) e a FLN organizariam ataques coordenados sobre as principais cidades e capitais provinciais do Vietnã do Sul. Isso apresentaria aos americanos um dilema militar. Se optassem por defender Khe Sanh, ele se veriam forçados ao limite quando as batalhas irrompessem por todo o Sul.

Giap definiu os objetivos mínimos e máximos da campanha. Como objetivo mínimo, a Ofensiva do Tet forçaria a suspensão do bombardeio aéreo do Vietnã do Norte e obrigaria os americanos a entrar em negociações. Como objetivo máximo, a ofensiva poderia expulsar os americanos do Vietnã abrindo o caminho para a libertação e a unificação.

A BATALHA DE KHE SANH

Os vietnamitas escolheram uma estratégia ousada, mas de alto risco. Elaboraram um plano de ataques combinados por todo o Vietnã do Sul no início de 1968. Com consumada habilidade e tremenda audácia, eles transportaram grandes quantidades de armas, munições e suprimentos ao Sul para uma ofensiva planejada para o Ano Novo vietnamita – conhecido como Tet. Esperavam desencadear um levantamento geral por todo o país.

Uma das batalhas mais sangrentas da ofensiva ocorreu em Khe Sanh, onde havia uma pequena base do exército americano. O general Westmoreland acreditava que as tropas de Giap estavam convergindo sobre Khe Sanh como parte da política de ganhar o controle das províncias do Norte. Ele estava se baseando em uma analogia com a batalha de Dien Bien Phu. Mas a analogia com Dien Bien Phu era enganosa. Os EUA estavam em posição muito mais forte do que a dos franceses em 1954. Na “Operação Niagra”, os EUA haviam desencadeado o maior ataque aéreo da história militar. Bombardeiros B-52 causaram imensas perdas aos vietnamitas, que chegaram a sofrer 10 mil mortes, com a perda de apenas 500 fuzileiros navais americanos.

O ataque a Khe Sanh estava vinculado à estratégia geral. Uma vez que a ofensiva geral estivesse em pleno apogeu, as forças americanas, demasiado forçadas, seriam incapazes de vir em socorro de Khe Sanh e impedir que a base fosse in-



Soldados norte-americanos detêm um guerrilheiro Viet Cong em Saigon durante a ofensiva do Tet

vadida. Dessa forma, Giap poderia ter repetido o seu triunfo de Dien Bien Phu. Mas não era essa a ideia central. Na verdade, os vietnamitas não estavam tentando reeditar Dien Bien Phu, mas organizaram uma ação de distração bem-sucedida para atrair os americanos para longe das grandes cidades, deixando-as vulneráveis ao ataque.

Westmoreland caiu na armadilha preparada por Giap. Em consequência, os americanos foram pegos com a guarda baixa pela rapidez e alcance da ofensiva. Anos mais tarde, um livro-texto da academia militar de West Point comparou a falha da inteligência americana em ver o que estava acontecendo com o choque do ataque dos japoneses a Pearl Harbour em 1941. Um relatório da CIA de 1968 concluiu: “A intensidade, a coordenação e a sincronia dos ataques não foram previstas”, adicionando que a capacidade das forças guerrilheiras da FLN para atacar tantos objetivos de forma simultânea foi “outro grande ponto inesperado”.

A aldeia de Khe Sanh estava no extremo noroeste do Vietnã do Sul, próxima à fronteira do Laos, logo abaixo da zona desmilitarizada.

Foi guarnecida pelos franceses durante a primeira guerra indochinesa e mais tarde se tornou uma importante base das Forças Especiais dos EUA. Devido à sua proximidade com a Trilha Ho Chi Minh, a artilharia americana em Khe Sanh podia bombardear a trilha e observar o tráfego do EVN movendo-se para o Sul. Em 1967, os fuzileiros navais assumiram Khe Sanh e a converteram em uma enorme base de operações, enquanto as forças especiais mudaram sua base para a montanhosa aldeia de Lang Vei.

Perto do final de 1967, duas divisões do EVN – a 325ª e a 304ª – foram descobertas movimentando-se na área de Khe Sanh e uma terceira se posicionou ao longo da Rota 9, onde poderia interceptar reforços provenientes de Quang Tri. As mesmas divisões do EVN combateram em Dien Bien Phu. A mensagem era clara e o general Westmoreland não tinha nenhuma intenção de repetir os erros franceses em Dien Bien Phu. Ele começou a reforçar a base. Pelo final de janeiro, cerca de 6 mil fuzileiros navais foram levados para Khe Sanh e milhares de reforços moveram-se para o norte de Hue.

Era isso exatamente o que Giap queria que eles fizessem. O EVN continuou sua mobilização: pelo menos 20 mil norte-vietnamitas finalmente se movimentaram em torno de Khe Sanh. Algumas estimativas indicam que este número era duas vezes maior. A Casa Branca e a mídia americana foram enganadas por esse estratagema. Convenceram-se de que estavam testemunhando a preparação para a batalha decisiva da guerra. Dia após dia, Khe Sanh se convertia na história principal. As reportagens de TV ficaram obcecadas com a suposta reencenação de Dien Bien Phu por Giap. Finalmente, pouco antes do início de 21 de janeiro, começou o primeiro ataque quando o EVN tentou cruzar o rio que atravessava a base.

O ataque foi detido, mas foi seguido por uma barragem de artilharia que danificou a pista de decolagem, explodiu os principais arsenais de munição e danificou algumas aeronaves. Foram lançados outros ataques contra as Forças Especiais americanas em Lang Vei e contra os fuzileiros navais entrenchados nas colinas em torno de Khe Sanh. Esses ataques eram claramente dirigidos para testar as defesas. Mas todo o episódio era uma tática de distração que teve muito êxito. A atenção dos comandantes americanos estava concentrada em Khe Sanh, enquanto as forças do EVN e da FLN preparavam uma ofensiva total nas cidades do Vietnã do Sul.

O ataque vietnamita a Khe Sanh só foi derrotado graças aos bombardeios aéreos massivos das posições do EVN. Os B-52 e os aviões de ataque lançaram toneladas de bombas e napalm com grande precisão a poucas centenas de metros do perímetro de Khe Sanh. Apesar do mau tempo e do crescente fogo antiaéreo, aviões e helicópteros continuaram a lançar suas cargas. A batalha se converteu em um cerco. A situação em Khe Sanh foi finalmente mitigada em 6 de abril. A luta ainda continuou em Khe Sanh

por um tempo, mas qualquer esperança de invadir a base teve que ser abandonada. Mas serviu ao objetivo proposto, que era o de agir como um engodo para dar cobertura à preparação de uma ofensiva geral no Sul.

PREPARAÇÃO DA OFENSIVA

Até essa altura, a guerra transcorrerá principalmente nas selvas e pântanos e nas áreas rurais onde as guerrilhas da FLN tinham sua principal base de apoio. Agora planejavam e executavam uma ofensiva audaz, que estava destinada a penetrar nas supostamente inexpugnáveis áreas urbanas do Vietnã do Sul. O general lançou a principal ofensiva contra as forças dos EUA e do Vietnã do Sul às vésperas das celebrações do Ano Novo Lunar, o Tet, com o objetivo de aproveitar o elemento surpresa.

Enquanto a atenção mundial estava focada em Khe Sanh, as tropas regulares do EVN e as forças da FLN também se dirigiam para Saigon, Hue e para a maioria das outras cidades do Vietnã do Sul. Elas chegavam em pequenos grupos de dois a três, disfarçados de refugiados, camponeses, trabalhadores e soldados do Exército da República do Vietnã do Sul (ERVS) de licença. Pouco a pouco, o equivalente a cinco batalhões do EVN/FLN infiltrou-se em Saigon sem que nenhuma das onipresentes forças de segurança percebesse ou que alguém informasse sobre eles. Isso foi uma façanha notável dada a enorme escala da operação.

Já existia uma rede guerrilheira em Saigon e em outras cidades importantes que havia armazenado reservas de armas e munições há muito tempo, expropriadas através de ataques provocados ou compradas livremente no mercado negro. Através de contatos e da espionagem, na preparação do ataque, os guerrilheiros conseguiram estocar as armas, a munição e os explosivos em locais secretos. Era do conhecimento geral que os

guerrilheiros que partiam de suas unidades entravam e saíam das cidades. Alguns deles, que foram capturados durante a fase de preparação do Tet, foram confundidos com turistas ou desertores. Na multidão geral e ruidosa do Ano Novo, o exército secreto de infiltrados da FLN passou completamente despercebido.

As armas eram transportadas separadamente em carroças de flores, caixões enfeitados e caminhões aparentemente lotados de verduras e arroz. Tong Viet Duong, um guerrilheiro da Frente de Libertação Nacional em Saigon, descreve a preparação da Ofensiva do Tet:

“Os táxis levavam crisântemos para o mercado do Tet em Saigon. Ocultos debaixo deles estavam as AK-47. As pessoas apoiavam a revolução. Elas nos ajudavam – fomos capazes de penetrar a segurança da cidade. Mudávamos nossas roupas e carregávamos documentos falsos de identidade. O povo de Saigon nos escondeu em suas casas”

O Tet era tradicionalmente um tempo de trégua na longa guerra e tanto Hanói quanto Saigon haviam anunciado que nesse ano não seria diferente – embora estivessem em desacordo quanto à duração. A inteligência americano percebeu que algo estava se preparando através da captura de documentos e de uma análise geral dos acontecimentos recentes, mas a equipe de Westmoreland tendia a ignorar esses relatórios geralmente vagos. A pedido do general Frederick Weyand, comandante americano da área de Saigon, vários batalhões foram retirados de suas posições próximas à fronteira cambojana.

O general Weyand colocou suas tropas em alerta pleno, mas – devido à política americana de deixar a segurança das principais cidades nas mãos do ERVS – havia somente algumas centenas de tropas dos EUA de serviço na própria Saigon na noite antes de começar o ataque. Mais tarde, o general Westmoreland alegou que sabia de todos esses preparativos. Toda a evidên-

cia mostra que ele não estava preparado para qualquer coisa que se aproximasse da intensidade do ataque que veio e que ele ainda estava concentrando sua atenção no desenvolvimento da batalha em Khe Sahn, onde ele pensava que Giap aplicaria seus maiores esforços. Na realidade, o exército dos EUA foi pego com a guarda completamente baixa.

O INÍCIO DA OFENSIVA

Em 30 de janeiro de 1968, o exército norte-vietnamita e a FLN lançaram a Ofensiva do Tet. A FLN rompeu a trégua estabelecida para as festividades do Ano Novo e abriu caminho em mais de uma centena de cidades, incluindo Saigon, a capital do Vietnã do Sul (em 31 de janeiro). Por todo o país, as capitais provinciais foram ocupadas e as guarnições atacadas de forma simultânea. Os soldados guerrilheiros vietnamitas invadiram as cidades altas de Banmethout, Kontum e Pleiku e então, de forma simultânea, invadiram 13 das 16 capitais provinciais do altamente populoso Delta do Mekong. A dimensão e o alcance da ofensiva espantaram os generais dos EUA, um dos quais comentou que o acompanhamento do padrão do ataque em um mapa era como uma “máquina de pinball, iluminando cada incursão”.

O exército guerrilheiro chegou a penetrar na embaixada dos EUA em Saigon. Através de contatos e espões, a FLN havia logrado estocar armas, munição e explosivos em um local secreto durante a preparação para o ataque. Às 3h15, um grupo de soldados guerrilheiros chegou à embaixada de táxi. Dentro de 5 minutos eles mataram os cinco guardas de serviço e penetraram no prédio. Não conseguiram derrubar os portões principais da embaixada com foguetes anti-tanque e se viram imobilizados pelos guardas. Começou uma intensa troca de tiros que durou por toda a manhã e terminou com os corpos dos 19 guerrilheiros espalhados

por todo o pátio da embaixada.

Embora os danos à embaixada tenham sido leves, esse ataque a “solo americano” foi divulgado nos EUA e em todo o mundo e teve um enorme significado psicológico. Outros esquadrões guerrilheiros atacaram o palácio presidencial, a estação de rádio, o quartel dos chefes do Estado-Maior do ERVS e inclusive o próprio posto de comando de Westmoreland na base aérea de Tan Son Nhut. Durante a pesada luta que se seguiu, as coisas ficaram tão ruins que Westmoreland ordenou sua equipe a procurar armas e se juntar à defesa do posto de comando. Quando a luta cessou, 23 americanos estavam mortos, 85 ficaram feridos e 15 aviões de combate estavam seriamente avariados.

Dois batalhões do EVN/FLN atacaram a base aérea dos EUA em Bien Hoa e destroçaram 20 aviões a um custo de aproximadamente 170 baixas. Lutaram com grande bravura. As unidades guerrilheiras lutaram até a morte no cemitério francês e na pista de corridas de Pho Tho. O subúrbio de Cholon se tornou uma base de operações para os ataques dos guerrilheiros em Saigon e seus arredores. Os 14 guerrilheiros que atacaram a principal estação de rádio de Saigon ficaram cercados durante 18h, após o que se explodiram junto com o prédio.

Em todos os lugares os ataques aconteceram com surpresa total. A grande escala e a ferocidade da Ofensiva do Tet foram um grande choque para Westmoreland, como o foi para o atordoado público americano, que observava com incredulidade como seus aliados sul-vietnamitas se engajavam em uma luta homem a homem desesperada com os guerrilheiros nas ruas de Saigon. Foi preciso uma semana de combates ferozes para liquidar os bolsões de resistência espalhados pela cidade. Os guerrilheiros entrincheirados lutaram contra tanques, helicópteros de artilharia e aeronaves, que destruíram pré-

dios e reduziram partes da cidade a escombros. Usando táticas de guerrilha, lutavam como podiam e em seguida escapavam para lutar em outro local. A estação de rádio, fábricas e um grande bloco de habitações públicas de baixo custo foram destruídos juntamente com os lares de incontáveis civis que foram forçados a fugir enquanto a cidade se dissolvia no caos.

Grandes áreas de Saigon e de Hue subitamente se viram libertadas. Os guerrilheiros marchavam pelas ruas portando armas e proclamando a revolução enquanto outros reuniam as listas de colaboradores e simpatizantes do governo. Os americanos utilizaram o poder aéreo para pulverizar o inimigo. Os ataques dos B-52 contra as posições do exército norte-vietnamita e da FLN fora de Saigon se produziam a poucos quilômetros da cidade. Mesmo quando os guerrilheiros foram finalmente expulsos de Saigon, eles continuaram a exercer uma decidida ação de retaguarda nas aldeias governamentais circundantes, forçando os EUA e o ERVS a bombardear e destruir suas próprias aldeias fortificadas, isolando ainda mais a população rural. Um mês depois do início da ofensiva, os americanos calcularam o número de civis mortos em torno de 15 mil e o número de novos refugiados em algo próximo a 2 milhões e a luta ainda continuava.

A BATALHA POR HUE

O êxito da Ofensiva do Tet variava de um lugar para outro. Em algumas áreas, os ataques foram detidos em curto espaço de tempo, mas em outros houve enfrentamentos encarniçados. Em cidades como Ban Me Thuot, My Tho, Can Tho, Ben Ter e Kontum, os insurgentes se entrincheiraram nos bairros mais pobres e repeliram obstinadamente os esforços para expulsá-los. Em 5 de fevereiro, a maior parte da luta dentro de Saigon havia terminado, mas ela conti-

nuou em Cholon até o fim do mês. Embora Cholon fosse bombardeada e metralhada, os guerrilheiros continuavam com determinação férrea, inclusive lançavam contra-ofensivas contra as posições dos EUA e do ERVS dentro da cidade. Os combates na cidade turística de Dalat continuaram até meados de fevereiro e deixaram mais de 200 guerrilheiros mortos. O total de mortes do EVN/FLN em Saigon durante a Ofensiva do Tet foi de quase 1,2 mil.

No entanto, a batalha mais feroz ocorreu na antiga cidade de Hue, que foi capturada pelos insurgentes e que somente foi recuperada pelo exército americano com grande dificuldade. Hue era também uma cidade sagrada para os vietnamitas e a violenta repressão aos protestos antigovernamentais dos monges budistas devido à crise havia afastado a população do governo de Saigon. Assim, os insurgentes encontraram considerável apoio entre a população. Os insurgentes apoiados por uns 10 batalhões do EVN infiltraram Hue, a antiga capital vietnamita, e dentro de poucas horas tomaram toda a cidade, exceto o quartel da 3ª divisão do ERVS e a guarnição de assessores americanos. Milhares de prisioneiros políticos foram libertados e milhares de funcionários e simpatizantes do governo foram detidos e muitos deles fuzilados.

Os fuzileiros navais dos EUA e do ERVS contra-atacaram, mas a resistência foi pesada e as duras lutas aconteceram rua a rua, lentas e custosas em vidas. No final, as forças dos EUA e seus aliados bombardearam a histórica Cidade-la, que foi ferozmente defendida pelos insurgentes. Em seguida, as forças dos EUA cruzaram o Perfume River numa frota de embarcações de assalto e, em 20 de fevereiro, lançaram o ataque final. Os insurgentes, que resistiram até o dia 23 de fevereiro, foram finalmente esmagados. Mesmo assim a resistência em Hue continuava nos bolsões isolados de grupos de fran-

co-atiradores. A luta por Hue terminou em 25 de fevereiro ao custo de 119 americanos e 363 soldados do ERVS mortos. Os americanos feridos durante a batalha por Hue chegaram a um pouco menos de mil, comparados aos 1,2 mil soldados do ERVS. Os mortos do EVN e dos insurgentes foram de cerca de dezesseis vezes esse número.

A grande diferença em mortes faz com que a batalha pareça um assunto unilateral. Mas não foi. A diferença nos números das baixas provém, em grande parte, do pesado uso de artilharia e de bombardeios aéreos para devastar as posições do EVN/FLN. Grandes setores da antiga e reverenciada cidade de Hue foram reduzidos a pilhas de escombros semeados de cadáveres. Sem isso, as baixas dos EUA/ERVS teriam sido mais altas. Perto de 6 mil civis foram assassinados, a maioria pelo bombardeio indiscriminado e pelo fogo de artilharia, e quase 120 mil cidadãos de Hue foram deixados sem teto. As partes de Hue que escaparam relativamente intactas foram mais tarde destruídas pela pilhagem dos soldados da guarnição original do ERVS, que não desempenharam qualquer papel na luta.

A OFENSIVA DO TET TEVE ÊXITO?

A Ofensiva do Tet mostrou um considerável grau de preparação militar, habilidade e bravura por parte dos vietnamitas. Ela abalou o moral do exército dos EUA, que foi obrigado a tomar consciência de sua própria vulnerabilidade, e produziu um profundo impacto na opinião pública americana. No entanto, do ponto de vista militar, ela deve ser vista como uma derrota para a FLN. Um dos principais objetivos era abrir uma brecha entre os americanos e os sul-vietnamitas. O ataque à embaixada destinava-se a revelar a vulnerabilidade das forças americanas. A FLN esperava que a libertação de cidades levasse a uma revolta contra os americanos pelos soldados do Sul cansados da

guerra, pelo campesinato descontente ou pela juventude rebelde. No entanto, essa perspectiva não se materializou ou se materializou apenas de forma esporádica.

Foi um plano audaz, mas a perspectiva de uma revolta em escala nacional estava baseada numa leitura incorreta da situação. A liderança da FLN esperava que grandes setores da população urbana se erguessem em revolta. Mas, embora a FLN tivesse apoio nessas cidades, sua principal base era o campesinato. Os moradores urbanos do Vietnã do Sul não apoiavam o governo de Saigon, mas suspeitavam dos stalinistas. No geral, permaneceram inativos e os guerrilheiros não obtiveram o apoio que esperavam. As execuções em massa de católicos em Hue também alienaram um setor da população que, de outra forma, poderia tê-los apoiado.

Quando a ofensiva terminou, os americanos permaneciam no controle e a FLN havia sofrido pesadas perdas. O EVN/FLN totalizaram cerca de 45 mil mortos e o número de prisioneiros se aproximou de 7 mil, enquanto os americanos e os sul-vietnamitas perderam 6 mil. Em uma questão de dias, foram expulsos da maioria das posições que conquistaram. Esse foi ao mesmo tempo o ponto mais alto das ações guerrilheiras na guerra e o início de seu declínio. Como os planejadores da ofensiva esperavam um levante popular, as células mais secretas foram autorizadas a emergir da clandestinidade. Quando a

ofensiva foi derrotada, os membros das células tiveram que fugir para a selva. Assim, a Ofensiva do Tet terminou com a destruição de grande parte da infraestrutura da FLN no Sul. Foi um golpe pesado. Depois da Ofensiva do Tet, o exército regular do Vietnã do Norte realizou a maior parte da luta contra os EUA.

Contudo, a Ofensiva do Tet trouxe um tipo de diferente de ponto de inflexão. Influenciou fortemente a opinião do público americano. Pela primeira vez em uma grande guerra, o poder da televisão se tornou evidente. Mais de 50 milhões de pessoas assistiam diariamente à destruição provocada pela guerra. O governo dos EUA não era mais capaz de retratar a guerra como limpa, simples e fácil de ganhar. Johnson e os generais afirmavam que o inimigo estava em declínio. Isso foi negado pelos acontecimentos. No momento em que as forças especiais vietnamitas penetraram a embaixada americana em Saigon, toda a propaganda oficial desmoronou.

Durante o Tet, os americanos e seu aliado, o ERVS, sofreram mais de 4,3 mil mortes em ação, cerca de 16 mil feridos e mais de mil desaparecidos em ação. É verdade que o inimigo sofreu muito mais, mas, para um público americano já cético, isso pouco importava. O que importava era que a guerra agora parecia não ter fim, exatamente como no Iraque atualmente. E, exatamente como no Iraque, já não



Na faixa, veteranos do Vietnã contra a guerra, dizem: "Não lutaremos em outra guerra dos ricos"

tinha mais qualquer objetivo definido e realista. As cenas de massacres e devastações em Saigon, Hue e em outras cidades horrorizaram a média dos cidadãos americanos, para quem o conflito agora parecia insensato. Sua insensatez se refletiu no conhecido comentário de um oficial americano que explicou assim a destruição de cerca de um terço da capital provincial de Ben Tre: “Tornou-se necessário destruí-la para salvá-la”. As mesmas palavras poderiam servir muito bem como um epitáfio para a invasão do Iraque.

Em Washington, algo parecido com o pânico reinava nas altas esferas. Os congressistas agora estavam se voltando contra o presidente. Em 7 de fevereiro de 1968, o senador Robert Kennedy, que estava se preparando para vestir o manto de seu irmão morto, comentou:

“Dizem que o vietcongue não será capaz de manter as cidades e isto provavelmente é verdade. Mas eles demonstraram que, apesar de todos os nossos relatórios de progresso, da força governamental e da fraqueza do inimigo, de termos meio milhão de soldados americanos, com 700 mil aliados vietnamitas, com o comando total do ar, com o comando total do mar, apoiados por enormes recursos e pelas armas mais modernas, somos incapazes de proteger uma só cidade dos ataques de um inimigo cuja força total é de cerca de 250.000”

O general Westmoreland, comandante supremo das forças dos EUA, comparou a Ofensiva do Tet à Batalha do Bulge da 2ª Guerra Mundial, onde os alemães fizeram uma tentativa desesperada de irromper através das linhas dos EUA antes de enfrentar uma derrota inevitável. Mas essa analogia era completamente falsa. Não eram os vietnamitas, mas os americanos que se dirigiam inexoravelmente à derrota. Depois da guerra, o general Giap disse:

“Para nós, você sabe, não existe algo como uma estratégia única. A nossa sempre é uma síntese, ao mes-

mo tempo militar, política e diplomática – e é por isso que, com toda clareza, a Ofensiva do Tet teve múltiplos objetivos”.

Embora a Ofensiva do Tet tenha fracassado em seus objetivos principais, produziu um profundo e duradouro impacto no curso da guerra. O custo para os norte-vietnamitas em baixas foi horrendo, mas a jogada de Giap provou ser um ponto de virada na guerra. Foi um desastre midiático para a Casa Branca e efetivamente terminou com a presidência de Lyndon Johnson, comandante-em-chefe da América. De acordo com o secretário de estado americano, Henry Kissinger:

“De agora em diante, sem importar o quanto seja eficaz nossa ação, a estratégia predominante não poderia mais alcançar seus objetivos dentro de um período ou dentro de níveis de forças politicamente aceitáveis para o povo americano”

A escala da ofensiva abalou o presidente Johnson até o núcleo. A onda de choque da luta minou sua vontade de continuar. McNamara, um homem desiludido, renunciou como Secretário de Estado para a Defesa e foi substituído por Clark Clifford. Mas, a partir das declarações subsequentes, descobrimos que este último não tinha absolutamente a menor ideia de para onde estava indo:

“Gostaria de fazer perguntas como ‘quando a guerra vai terminar?’. Bom, não sabemos. ‘Quantos homens você pensa que vamos perder?’. Bom, realmente não sabemos. Então fui fundo nisso e disse ‘Qual é o nosso plano para ganhar a guerra no Vietnã?’. Resultou que não havia nenhum. O plano era exatamente o de ficar nisso mesmo e, em último caso, esperar que o inimigo se desse por vencido”

Para se ganhar mesmo que seja um jogo de xadrez é necessário algum tipo de estratégia. E a guerra – a mais complicada de todas as equações, como disse Napoleão – é muito mais difícil que um jogo de xadrez. Um estado-maior geral ne-

cessita da combinação de uma estratégia clara e bem definida e de táticas flexíveis e inteligentes. Os americanos não tinham nada disso. A “estratégia” esboçada acima nas palavras de Mr. Clifford (“ficar nisso mesmo e, em último caso, esperar que o inimigo se desse por vencido”) é o equivalente militar da filosofia do incorrigível personagem de Charles Dickens, Mr. Micawber, durante sua falência, que sempre estava “esperando confiantemente que algo apareça”. Essa é uma atitude muito ruim para a economia e ainda pior para a doutrina militar.

A QUEDA DE JOHNSON

Em 1963, quando chegou ao poder na sequência do assassinato de Kennedy, a taxa de aprovação de Lyndon Johnson estava em mais de 80%. Em 1967, caiu para 40%. Stanley Karnow escreveu: “Mas então veio o Tet – e sua taxa de aprovação despencou – como se o Vietnã fosse um pavio aceso que incendiou de repente uma explosão de dissidência”. No início de março, a popularidade do presidente era de somente 30% enquanto o respaldo por sua gestão da guerra era de somente 6%. Como George W. Bush, sua credibilidade entrou em colapso. Uma sondagem de 1971 mostrou que 60% dos americanos com títulos universitários estavam a favor de uma retirada americana do Vietnã. No entanto, 75% dos que detinham somente diplomas do secundário e 80% daqueles sem qualquer educação secundária apoiavam a retirada. Isso mostrava uma mudança radical na atitude da classe trabalhadora americana.

Até mesmo a cabeça de mula texana de Johnson entendeu finalmente que a guerra não seria ganha no campo de batalha e que ele deveria negociar. Depois de anos de bombardeio do Vietnã do Norte, ele subitamente anunciou o fim: “Renovo a oferta que fiz em agosto passado de deter o bombardeio do Vietnã do Norte.

Pedimos que as negociações comecem logo, e que sejam conversas sérias sobre a substância da paz”. No entanto, apesar da abertura das negociações entre os norte-vietnamitas e os EUA, o número das tropas permaneceu em cerca de 500 mil e a guerra ainda seria travada por mais cinco anos. Foram mortos mais americanos depois do Tet do que antes, e os próprios EUA ficariam divididos pelas piores convulsões internas em um século.

Westmoreland estava pressionando Washington por mais 206 mil soldados para continuar a campanha no Sul e inclusive para realizar uma invasão limitada do Vietnã do Norte logo acima da linha desmilitarizada. Quando se encerrou a batalha de Hue, Johnson pediu a Clark Clifford para encontrar formas e meios de atender o pedido de Westmoreland. Clifford consultou o diretor da CIA, Richard Helms, que lhe apresentou o prognóstico pessimista da agência. Em 4 de março, Clifford disse a Johnson que a guerra estava longe de ser ganha e que mais homens não fariam muita diferença.

Clifford não estava só. Os principais conselheiros de Johnson, inclusive os generais Omar Bradley, Matthew Ridgway e Maxwell Taylor, Cyrus Vance, Dean Acheson e Henry Cabot Lodge, tinham todos se voltado contra a guerra. Análises recentes da CIA revelaram que o programa para ganhar os “corações e mentes” vietnamitas estava fracassando em 40 das 44 províncias do Vietnã e que os recursos humanos da FLN eram na verdade o dobro do número que haviam estimado anteriormente.

A extrema-direita naturalmente apoiou a guerra e condenou o governo por não tentar a vitória. Mas essa era uma opinião cada vez mais minoritária. Os sombrios informes da CIA esfriaram o entusiasmo inclusive dos membros mais belicosos do governo. Johnson estava em um dilema. Satisfazer as solicitações dos generais de mais combatentes significaria ou transferir

tropas americanas da Europa ou convocar reservas ativas. Nenhuma das opções era politicamente viável. Westmoreland, portanto, teve que se contentar com a meta de dos mais de 200 mil soldados adicionais que estava exigindo.

No primeiro período da guerra, qualquer oposição era vista normalmente como antipatriótica e antiamericana. Mas agora a percepção do público americano mudou dramaticamente. Burgueses liberais como Robert Kennedy conquistaram popularidade da noite para o dia discursando contra a guerra. O senador Democrata Eugene McCarthy, um desconhecido que levantou uma credencial posicionando-se contra a guerra, desafiou Johnson para a indicação presidencial. Ele era apoiado por milhares de estudantes e jovens americanos que se opunham à guerra.

Nas primárias do Partido Democrata de New Hampshire, Johnson só obteve 300 votos a mais que Eugene McCarthy. Foi uma humilhação sem precedentes. Normalmente, um presidente em exercício de funções poderia esperar ser reeleito sem oposição. O resultado foi o último prego no caixão do governo de Lyndon Johnson. Em 31 de março, Johnson foi à TV para anunciar o fim dos bombardeios do Norte e o desejo da América de se encontrar com os norte-vietnamitas para buscar um acordo de paz. Agora, totalmente desmoralizado, Johnson anunciou a um mundo assombrado sua decisão de não se apresentar novamente à presidência: “Não buscarei e não aceitarei a indicação de meu partido para outro período como presidente”. Johnson disse que dedicaria o restante de seu mandato à busca da paz na Indochina.

Logo depois, o general Creighton Abrams substituiu Westmoreland como comandante das forças dos EUA no Vietnã. Westmoreland foi chamado para se tornar Chefe do Estado-Maior do Exército – teoricamente uma promoção, mas na verdade uma jogada para tirá-lo

do caminho. O subcomandante de Westmoreland, Abrams, esteve presente na sessão especial da CIA que convenceu Johnson de que uma mudança de curso era necessária. Abrams foi enviado a Saigon com uma missão: instituir um programa de “vietnamização”, isto é, tomar todas as medidas necessárias para capacitar o ERVS a assumir todo o peso da luta e, gradualmente, ir reduzindo o papel dos americanos ao de conselheiros. A mesma tática que estão tratando de realizar no Iraque. No entanto, desde 1965 já era bastante claro que Saigon era incapaz de realizar o trabalho. Vemos agora exatamente o mesmo padrão emergindo no Iraque e o resultado final também será igual.

NIXON INTENSIFICA A GUERRA

A renúncia de Johnson não acabou com a guerra. De fato, se intensificou até se espalhar por todo o Sudeste Asiático. Em 10 de maio de 1968, as conversações de paz entre os EUA e os vietnamitas começaram em Paris. Mas a sangrenta guerra continuava no terreno. A eleição do falcão republicano Richard Nixon nada fez para melhorar as coisas. A mobilização de tropas americanas que havia começado com somente 23,3 mil soldados em 1963 aumentou irremediavelmente para 184 mil em 1966 e alcançou o pico de 542 mil em janeiro de 1969 sob a presidência de Nixon. A guerra estava agora custando US\$ 30 bilhões ao ano: uma enorme drenagem de sangue e ouro mesmo para o país mais rico e mais poderoso da Terra. E crescia a percepção entre os americanos de que ela era impossível de ganhar. O ânimo estava se virando contra a guerra inclusive na classe dominante americana. Mas Richard Nixon pertencia àquela ala que acreditava que “um último esforço” daria fim à guerra, ou pelo menos compeliaria o Vietnã do Norte a negociar um acordo aceitável para Washington. Isso nos lembra de George Bush e a notória

teoria do aumento de apoio entre os independentes ao candidato em vantagem na corrida eleitoral; e da famosa observação de Karl Marx: “a história se repete: a primeira vez como tragédia e a segunda vez como farsa”.

Em abril de 1970, os exércitos dos EUA e do Vietnã do Sul invadiram o Camboja, alegando a presença de tropas norte-vietnamitas em solo cambojano. O objetivo real era interromper o fluxo de suprimentos à FLN ao longo da Trilha Ho Chi Minh e intimidar Hanói. A Trilha passava através do neutro Laos e do Camboja. Em consequência, ambos sofreram pesado bombardeio americano. O general William Westmoreland declarou:

“Ao longo dos anos, o Camboja, a área fronteira do Camboja e o Laos foram utilizados livremente pelo inimigo, mas em virtude da política de meu governo, não conseguimos travar uma guerra aberta ou mobilizar tropas abertamente, tropas militares, nesses países”.

No entanto, na prática, os EUA intervieram militarmente no Camboja e no Laos, violando sua neutralidade. O Camboja, em particular, foi submetido a um selvagem bombardeio aéreo que matou um grande número de camponeses cambojanos. Esse fato nunca é mencionado como uma das principais causas que levaram à brutalidade das forças do Khmer Vermelho de Pol Pot quando finalmente entraram em Phnom Pen. Os americanos não podiam, contudo, invadir o Vietnã do Norte por medo dos russos, como McNamara afirmou:

“Em uma ou duas ocasiões, os chefes recomendaram intervenção militar americana no Vietnã do Norte e declararam que reconheciam que isso poderia levar a uma resposta militar chinesa ou soviética; em um caso ou em outro, disseram eles, ‘podemos ter que considerar o uso de armas nucleares’”

Jack Valenti, assessor do presidente Johnson, disse sobre o mesmo assunto:

“O presidente estava preocupado com a China e a Rússia. Ele não sabia... na Coreia ninguém achava que os chineses iriam cruzar o Yalu com 1 milhão de homens, e fomos pegos de surpresa. E me lembro, mais de uma vez, quando os militares sugeriram minar Haiphong ou enviar aviões de guerra para bombardear Haiphong, ele disse: ‘Nem pelo diabo’. Ele disse: ‘Algum maldito aviador lançará uma bomba numa chaminé russa e então tenho a 3ª Guerra Mundial em minhas mãos’”

Mas Nixon não estava preocupado com esses detalhes. Como George W. Bush, ele era uma estranha combinação de mente provinciana estreita com aventureiro irresponsável. E, como Bush, ele mostrou a determinação de seguir sua própria agenda, independentemente das consequências. As políticas de Nixon e de sua camarilha na Casa Branca desencadearam uma série de acontecimentos que levaram a um pesadelo para o povo do Camboja e tiveram sérios impactos dentro dos EUA. O resultado foi uma maior intensificação do movimento contra a guerra. A invasão do Camboja detonou protestos nos *campi* universitários de todos os EUA. Em 4 de maio de 1970, a Guarda Nacional matou quatro estudantes da Kent State University, em Ohio. Os assassinatos provocaram centenas de atividades de protesto em universidades dos EUA. Na Universidade do Novo México, a polícia também usou violência assassina contra os manifestantes. Mais de 100 faculdades foram fechadas em consequência das manifestações estudantis contra a invasão do Camboja.

A opinião pública dos EUA foi mais tarde abalada pelas notícias do infame massacre em My Lai, onde soldados americanos massacraram uma centena de camponeses, incluindo mulheres e crianças. No início da manhã de 16 de março de 1968, um grupo de soldados americanos entrou em uma pequena aldeia no Vietnã do Sul. Em “O massacre de My Lai: uma Tragédia Ame-

ricana”, Adam Silverman e Kristin Hill relembram os acontecimentos:

“Os soldados americanos disparavam contra qualquer coisa que se movia, incluindo gado, galinhas, pássaros e, pior ainda, civis. Os aldeões não ofereceram qualquer resistência; apesar disso, os soldados lançavam granadas de mão nas cabanas, gritavam ordens e matavam sem distinção. As atrocidades continuaram por toda a manhã. Foram mortos bebês, atiraram em crianças e estupraram mulheres sob a mira das armas. Em pouco tempo, 500 civis jaziam mortos no terreno. Mas seu trabalho não terminou... depois disso a aldeia foi incendiada. Corpos, casas, suprimentos, comida – tudo foi queimado”

Esses eventos foram abafados até 13 de novembro de 1969. Em março de 1970, o capitão Ernest Medina foi acusado de assassinato pelo massacre em My Lai. Isso iniciou uma cadeia de acontecimentos que levaram à Corte Marcial de My Lai, terminando com a condenação do tenente William Calley em 29 de março de 1970. Quando os horríveis fatos sobre o massacre de My Lai se tornaram conhecidos, a visão de muitas pessoas sobre a guerra mudou fundamentalmente. Funcionários americanos de alto escalão eram culpados tanto do massacre quanto de seu subsequente encobrimento. No entanto, no final somente quatro soldados foram julgados e só um deles, Calley, foi condenado. Esse assassino de mulheres e crianças não pagou um preço sério por seus crimes de guerra. O presidente Nixon o perdoou depois de apenas três anos sob prisão domiciliar.

Isso não foi um caso isolado. O massacre brutal de civis vietnamitas desarmados em My Lai foi apenas a ponta do iceberg de terríveis atrocidades perpetradas contra o povo vietnamita pelo imperialismo. Em seu livro “O Julgamento de Henry Kissinger”, Christopher Hitchens escreveu que o exército dos EUA admite ter matado 10.899 inimigos durante a operação “Spee-

dy Express” no início de 1969, mas afirma que somente encontraram 784 armas.

O mito da missão humanitária e civilizadora da América recebeu um golpe do qual nunca se recuperou. Nesse momento, não apenas o povo americano, mas também um crescente setor da classe dominante dos EUA já estavam fartos da guerra. A opinião pública dos EUA, que já estava contra a guerra depois do Tet, se sentiu ainda mais distanciada devido à repugnante insensibilidade revelada no caso judicial. Nesse ponto, a oposição à guerra se encontrava não só entre os jovens e estudantes como também aumentava entre os trabalhadores americanos.

Inexoravelmente, os EUA estavam sendo puxados para um conflito mais amplo que se espalhava por todo o Sudeste Asiático. Em fevereiro de 1971, tropas sul-vietnamitas e americanas invadiram o Laos em uma tentativa de cortar a Trilha Ho Chi Minh. Isto resultou em uma maior intensificação das atividades contra a guerra. As maiores manifestações foram realizadas em 24 de abril de 1971. Em San Francisco, cerca de 300 mil pessoas marcharam contra a guerra; em Washington, entre 500 mil e 750 mil. Foram as maiores manifestações políticas da história dos EUA. Em dezembro de 1972, a força aérea dos EUA começou seu bombardeio natalino de Hanói e do Vietnã do Norte em uma tentativa de forçar os vietnamitas à mesa de conferências. No final de dezembro, os norte-vietnamitas anunciaram que retornariam a Paris se Nixon cessasse o bombardeio. A campanha de bombardeio foi detida e os negociadores se reuniram durante a primeira semana de janeiro de 1973.

IMPLICAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Do ponto de vista militar, os EUA sempre gozaram de uma clara superioridade sobre os vietnamitas. Tinham o comando completo

do ar e estavam bombardeando continuamente o país, no Norte e no Sul. Teoricamente, os americanos poderiam ter ficado no Vietnã por muitos anos mais. Podiam mesmo ter ganho. Mas, para isso, teriam necessidade de um exército de meio milhão de soldados, e teriam de ser soldados como os da SS de Hitler. Esse exército não existia. A mudança no ânimo da classe trabalhadora e dos soldados provenientes de famílias da classe trabalhadora tornou impossível continuar a guerra. Se o governo tivesse prolongado o conflito, teria levado os EUA à beira da revolução.

Um total de 2,59 milhões de americanos foram enviados para lutar no Vietnã. As angustiantes experiências desses soldados tiveram um efeito extremamente demoralizador sobre eles. A partir dos soldados que regressavam para casa, o conhecimento de primeira mão da situação no Vietnã vagarosamente começou a se infiltrar em muitas famílias da classe trabalhadora americana, produzindo uma mudança na psicologia da classe trabalhadora. Havia uma simpatia crescente pelo povo vietnamita. O *New York Times/CBS News* publicaram os resultados de uma pesquisa de opinião em junho de 1977. A pergunta era: “Se o presidente recomendasse ajudar o Vietnã, você gostaria que seu representante no congresso aprovasse ajudar o Vietnã na forma de alimentos e remédios?” 66% responderam sim e somente 29% disseram não.

Em seu livro “As mentiras que meu professor me contou”, James Loewen descreve uma experiência que realizou durante palestras realizadas nos anos 1990, quando pediu ao público para adivinhar o nível de educação entre os que se opunham à guerra do Vietnã em 1971. A maioria pensava que 90% dos universitários graduados eram contra a guerra, mas somente 60% dos que tinham educação secundária. Os números reais são precisamente o oposto. A crescente oposição à guerra entre a classe traba-

lhadora americana foi o resultado de uma dura experiência. Os filhos de lares pobres da classe trabalhadora formavam a esmagadora maioria dos recrutados para lutar no Vietnã. Eram os mais propensos a serem mortos e mutilados. Como no Iraque, havia um número desproporcional de negros e latinos. Os filhos dos ricos e os estudantes universitários geralmente podiam evitar o recrutamento – como mostra o caso de um certo George W. Bush.

O movimento contra a guerra nos EUA influenciava crescentemente o ânimo dos soldados no Vietnã. Uma coisa é lutar e morrer por uma causa justa, quando se ganha o louvor e a admiração das pessoas na volta para casa. Outra coisa inteiramente diferente é arriscar a vida e sofrer riscos e dificuldades diárias por uma causa em que não se acredita mais e que seus concidadãos detestam. A desmoralização entre as tropas dos EUA no Vietnã está bem documentada. O coronel Robert D. Heinl Jr. escreveu em “O colapso das Forças Armadas” logo após a retirada dos EUA do Vietnã:

“O moral, a disciplina e as condições de combate das forças armadas são, com poucas exceções, mais baixas do que nunca neste século e talvez mais baixas do que nunca em toda a história dos EUA. De todas as formas possíveis, as forças armadas ainda no Vietnã estão à beira do colapso. Algumas unidades evitam ou recusam a batalha, matam seus oficiais, estão totalmente drogadas e só se entusiasmam quando estão à beira de um motim.

“Embora nenhum oficial de alto escalão (particularmente quando não está de serviço) possa fazer abertamente avaliação semelhante, as conclusões... acima são de forma quase unânime confirmadas por uma série de entrevistas anônimas com comandantes de nível médio e alto, bem como oficiais de menor escalão em todas as posições.

“No Vietnã, as tropas restantes de um exército de 500 mil homens,

anteriormente o melhor exército jamais enviado à batalha pelos EUA, estão tentando sair de uma guerra parecida com um pesadelo – que eles sentem que foi lançada sobre eles por civis espertos. Agora os civis nas universidades da América estão escrevendo livros sobre a estupidez de todo o empreendimento.

“Um soldado americano estacionado em Cu Chi é citado no *New York Times*. Ele fala de ‘unidades separadas para soldados que se recusam a lutar. Já não é um grande problema simplesmente se recusar a participar da batalha. Se um soldado é enviado a algum lugar, não se preocupa mais com o problema de recusar. Simplesmente vestirá sua camiseta e irá de visita a um amigo em outra base. Muitos rapazes sequer usam mais o uniforme... As guarnições americanas das maiores bases estão de fato desarmadas. Soldados profissionais confiscam suas armas e as guardam’.

“Pode isso ser normal ou mesmo verdade? A resposta é sim, infelizmente. Por enquanto, o ‘fragging’ [matar deliberadamente um oficial superior impopular, usualmente com uma granada de mão – NDT] é a forma preferida entre os soldados para assassinar ou tentar assassinar oficiais autoritários, impopulares ou agressivos. Quando se informa da morte de oficiais há aplausos nas trincheiras ou nos cinemas de alguns regimentos.

“Na publicação *underground* ‘GI Says’, editada por soldados, uma recompensa de US\$ 10 mil é oferecida pela morte do tenente coronel Weldon Honeycutt, pouco depois do custoso ataque em Hamburger Hill em meados de 1969, que foi liderado e iniciado por Honeycutt.

“A questão da recusa ao combate, um eufemismo oficial para rejeitar a batalha e para o pior crime que um soldado pode cometer, recentemente veio de novo à tona quando a Tropa B da Primeira Cavalaria na fronteira laosiana se recusou a recuperar o veículo de seu capitão comandante contendo dispositivos de comunicação, códigos e ordens secretas.

No entanto, já em 1969, toda uma companhia da 196ª Brigada Ligeira de Infantaria oficialmente se sentou no meio do campo de batalha. Mais tarde naquele ano outra unidade da famosa 1ª Divisão de Cavalaria Aérea se recusou – durante transmissão televisiva da CBS – a avançar por um caminho perigoso.

“Encontro e fuga (quando uma unidade evita silenciosamente a batalha) é praticamente um princípio agora. A expressão dos soldados para isto é ‘CYA (cubra seu traseiro) e vá para casa’. Que essa prática de encontro e fuga não passou despercebida pelo inimigo é comprovado pelo fato de a delegação vietcongue nas negociações de paz em Paris ter declarado que: ‘as unidades comunistas na Indochina foram orientadas para não atacar unidades americanas, a menos que sejam provocadas’”



Combatente do Viet Cong, 1972 [Foto: Le Minh Trung]

Os soldados americanos estavam matando seus próprios oficiais. Essa prática deu origem a uma nova palavra na língua inglesa: “fragging”, derivada de “bomba de fragmentação”. Uma página não-oficial da polícia militar dos EUA fornece a seguinte estimativa do número de vítimas:

“Entre 1969 e 1973, houve uma crescente incidência de fragging, afirma o historiador Terry Anderson da Universidade A&M do Texas. O exército dos EUA não dispõe de estatísticas precisas de quantos oficiais foram mortos dessa forma. Mas sabem de pelo menos 600 casos de fragging confirmados, e de outros 1,4 mil em que os oficiais morreram sob circunstâncias suspeitas. Como resultado, o exército americano não estava em guerra com o inimigo no início de 1970. Estava em guerra consigo mesmo”

Foi essa a principal razão pela qual o imperialismo dos EUA foi compelido a abandonar a guerra no Vietnã. Se tivessem continuado, poderia haver consequências revolucionárias nos próprios EUA. Os imperialistas, portanto, tiraram a conclusão e jogaram a toalha. Em 23 de janeiro de 1973, os EUA, o Vietnã do Sul e o Vietnã do Norte assinaram os Acordos de Paz de Paris, pondo um fim ao papel combativo da América no Vietnã. O plano militar dos EUA terminou e cinco dias mais tarde o cessar fogo teve início. No final de março, a última das tropas de combate dos EUA deixou o Vietnã. A guerra realmente terminou nesse ponto, embora o regime fantoche em Saigon tenha se aferrado ao poder por quase dois anos mais. Mas, privados do apoio militar americano, estava condenado.

A QUEDA DE SAIGON

Nixon, que estava cada vez mais mostrando sintomas de instabilidade mental, parecia fora de controle. O *establishment*, portanto, organizou um golpe de estado legal para removê-lo do poder em

agosto de 1974, utilizando-se do escândalo *Watergate* como uma desculpa conveniente para se desfazer dele. A classe dominante dos EUA estava agora buscando alguma fórmula para salvar as aparências, reduzir suas perdas e sair do Vietnã da forma mais indolor possível. Mas no final foram obrigados a se retirar sob as mais humilhantes circunstâncias.

Em 21 de abril de 1975, Thieu renunciou como presidente sul-vietnamita. As ratazanas já estavam abandonando o barco que afundava. Pouco mais de uma semana depois, em 30 de abril, tanques da FLN abriram caminho através dos portões do palácio presidencial, o coração do governo de Saigon apoiado pelos EUA. Os EUA finalmente se retiraram do Vietnã em condições de caos, pânico e confusão incríveis. Como uma indignidade final, a equipe diplomática dos EUA teve que escapar em helicópteros a partir do teto da embaixada em Saigon. Todas as tardes, helicópteros americanos – Chinooks, Hueys e os gigantescos Jolly Green – davam meia volta por cima, aterrissando precariamente nos tetos de prédios altos para retirar vietnamitas e outros evacuados. Em um artigo intitulado “Os EUA abandonam Saigon aos comunistas”, o correspondente do *The Guardian* em Saigon, Martin Wollacott, informou na quarta-feira, 29 de abril de 1975:

“Mais de 80 helicópteros transportaram os americanos que restavam, bem como milhares de vietnamitas, incluindo o ex-vice-presidente Ky, para uma esquadra de navios no Mar da China Meridional. Pilotos eram retirados da água quando abandonavam seus helicópteros para abrir espaço para outros na plataforma de aterrissagem. Outros milhares de vietnamitas foram evacuados em botes de Vung Tao e outros levados por avião para a Tailândia e as Filipinas. O último embarque veio sob as ordens de Washington e ante a insistência do presidente Duong Van Mihn. Logo cedo

pela manhã, um helicóptero com 11 fuzileiros navais dos EUA, que ajudavam na evacuação, finalmente decolou depois de ter se atrasado devido a uma escaramuça com armas de fogo leves na embaixada dos EUA”

O repórter do *The Guardian* continuou:

“A forma como os americanos se foram foi todo um espetáculo. Já havia muito tempo que o Vietnã não via tantos helicópteros, e eles se precipitavam velozmente, com Phantoms voando sobre suas cabeças. Fumaça alaranjada e vermelha se elevava da embaixada americana e de outros pontos de recolhida do pessoal dos EUA.

“A evacuação era uma cena fantástica à medida que os helicópteros rugiam contra um céu cinza e pesado, às vezes duas dezenas deles visíveis desde o centro de Saigon, e o ar se enchia do barulho de suas hélices.

“Informou-se que o general Cao Van Vien, Chefe do Estado-Maior, e outros oficiais superiores e políticos deixaram a cidade a bordo de helicópteros americanos, enquanto os norte-vietnamitas se aproximavam para matá-los como pareciam estar decididos a fazer.”

Ninguém sabia se as tropas da FLN iriam irromper na capital. Havia rumores que o Governo Revolucionário Provisório e a nova administração de Saigon haviam chegado a um acordo para convocar um cessar-fogo. Mas ninguém podia confirmar ou negar qualquer coisa. A cidade esperava o seu destino. Todos sabiam que a guerra havia terminado agora e que a ocupação americana estava agonizando.

Os colaboradores de Saigon, sem dúvida, se arrependiam dos dias em que aceitaram o conselho de Nixon para “esperar” na expectativa de obter um acordo melhor. Agora o único acordo que lhes restava era uma viagem cheia de solavancos em um helicóptero americano e um futuro incerto de exílio no estrangeiro. Em uma tentativa desesperada de salvar algo dos destroços, o velho regime elegeu um novo líder, o presidente

Duong Van Mihn, que se ofereceu para negociar. Mas o tempo de negociações havia acabado há muito. Agora tudo seria resolvido pela força das armas e o regime de Saigon não tinha armas para usar.

Lenin explica que o Estado, em última análise, é uma organização de homens armados. E o velho estado estava se desintegrando diante de nossos próprios olhos. A ordem estava vindo abaixo e o caos reinava enquanto a polícia e a milícia desapareciam das ruas. Em meio a cenas indescritíveis de pânico, centenas de vietnamitas que haviam colaborado com as forças ocupantes e com o velho regime lutavam para entrar na embaixada americana. Soldados do ERVS percorriam a cidade, destruindo propriedades e saqueando.

O Governo Revolucionário Provisório naturalmente rejeitou o cessar-fogo e a oferta de negociação feita pelo presidente Minh. Por que deveriam aceitar quando todas as cartas agora estavam em suas mãos? “Querem pelo menos que Saigon fique de joelhos”, disse um diplomata ocidental antes de fugir, “querem ver esses M16 empilhados na rendição”. Essa tarefa agora já não era mais muito difícil. Os desmoralizados soldados do ERVS não conseguiriam mais lutar. A maioria jogou fora as armas e fugiu para salvar suas vidas ou virou a casaca e se juntou à FLN.

O objetivo da guerra, como explicou Clausewitz há muito, é desarmar o inimigo e fazê-lo se submeter à sua vontade. A única tarefa que ficava para a FLN era liquidar o pouco que restava das forças do ERVS e organizar um novo poder estatal em Saigon. Mas esse estado, nas condições dadas, seria necessariamente modelado de acordo com as linhas do Vietnã do Norte stalinista.

Um dos diplomatas responsáveis pela evacuação americana e vietnamita – arrumando as coisas depois – teria dito: “Sinto-me como alguém com uma pá de lixo e uma vassoura, mas pelo menos

estamos tentando cumprir com nossas últimas obrigações”. Um comentário bastante preciso. Tudo o que ficou depois de 20 anos de política americana na Indochina foi um desperdício inútil a ser varrido da forma mais ordenada possível. Os imperialistas dos EUA sem dúvida cumpriram suas obrigações com os colaboradores suficientemente afortunados para serem evacuados para destinos mais ou menos confortáveis nos EUA. Isto se aplicava aos altos escalões, mas o restante foi abandonado sem cerimônias ao seu destino.

Depois de 28 anos de guerra, o imperialismo dos EUA foi finalmente forçado a sair do Vietnã nas circunstâncias mais humilhante imagináveis. A queda de Saigon marcou o fim oficial da guerra. Depois de gastar US\$ 150 bilhões e de perder 50 mil vidas americanas, os EUA foram derrotados por um pequeno país asiático de camponeses pobres. O mais poderoso exército do mundo foi forçado a fugir do Vietnã com o rabo entre as pernas. O que deixaram para trás?

AS CONSEQUÊNCIAS

“Criam um deserto e chamam-no de paz” (Tácito)

A derrota do imperialismo dos EUA no Vietnã foi um desenvolvimento progressista que foi acolhido com entusiasmo pelos trabalhadores do mundo e pela Corrente Marxista. Ela permitiu a reunificação entre o Norte e o Sul e que o povo vietnamita determinasse seu próprio destino. Mas uma década de guerra brutal reduziu o Vietnã a escombros, suas cidades foram bombardeadas, suas indústrias destruídas, sua agricultura, transporte e infraestruturas desorganizadas. A maior parte de sua população de 82 milhões de habitantes, de maioria agrária, permanece pobre com uma renda per capita rondando os US\$ 550 ao ano. A expropriação dos latifundiários e capitalistas foi um grande passo à frente, embora o novo regime nada

tenha em comum com o regime de democracia operária estabelecido por Lenin e Trotsky na Rússia depois de 1917. Era uma caricatura totalitária burocrática inspirada na Rússia stalinista. Contudo, graças às vantagens de uma economia nacionalizada e planejada, o Vietnã se recuperou de forma notável das devastações da guerra.

Talvez o pior de tudo tenha sido a herança da guerra química que os EUA travaram contra o povo vietnamita. Durante a guerra do Vietnã, 80 milhões de litros de herbicida com altas concentrações de dioxina, conhecido como “agente laranja”, foram repetidamente pulverizados sobre 12% das florestas e manguezais do Vietnã do Sul na tentativa de destruir a folhagem que proporcionava cobertura aos guerrilheiros vietcongues. Os herdeiros dessa guerra química são milhares de crianças, vítimas das nuvens de veneno que seus pais inalaram. Pesquisas recentes ligaram o agente laranja a uma terceira geração. A guerra do Vietnã foi longa, mas seu legado tóxico ainda está envenenando a cadeia alimentar nos “pontos quentes” próximos às antigas bases dos EUA, causando câncer e deformidades congênitas. Escrevendo no *The Guardian* 30 anos depois, Tom Fawthrop escreve:

“Tran Anh Kiet, cujos pés, mãos e membros estão retorcidos, mora a uma hora da Cidade de Ho Chi Minh, no distrito de Cu Chi. Ele tem 21 anos de idade, mas seu corpo parece pertencer a um jovem de 15 anos e ele tem a idade mental de uma criança de aproximadamente seis anos. Ele tem que ser alimentado de colher e suas tentativas de falar estão limitadas a grunhidos.

“Hoje, no Vietnã, existem 150 mil crianças como Kiet, cujos pais acreditam que seus defeitos congênitos são resultado da exposição ao agente laranja durante a guerra, ou ao consumo de alimentos e água contaminados pela dioxina desde 1975. Há informações de que outros 800 mil vietnamitas sofrem de doen-

ças relacionadas à dioxina, incluindo vários tipos de câncer.”

Quem é o responsável por essas atrocidades? Em primeiro lugar o governo e as forças armadas dos EUA; em segundo lugar, as grandes empresas dos EUA que forneceram esses agentes venenosos e fizeram fortuna com eles. No entanto, 30 anos depois, os EUA se recusam a aceitar a responsabilidade pelas consequências da guerra química. Há pouco tempo foi iniciado um processo nos tribunais dos EUA, acusando empresas químicas de cumplicidade em crimes de guerra e exigindo indenização. Um juiz dos EUA decidiu contra os vietnamitas. Enquanto isso, duas das empresas envolvidas, Monsanto e Dow Chemical, foram autorizadas a criar filiais na Cidade de Ho Chi Minh, em linha com o desejo do Vietnã de atrair investidores estrangeiros.

Hoje o Vietnã enfrenta uma nova ameaça: a restauração capitalista, que já está bem avançada na China. As lojas de departamento vendem perfumes franceses e sapatos italianos para uma emergente classe média urbana vietnamita. Um hotel 5 estrelas de propriedade francesa foi aberto em frente ao consulado dos EUA. Mesmo no desfile anual da vitória, alguns carros alegóricos, patrocinados por bancos vietnamitas, levam o logotipo das empresas americanas de cartão de crédito. Permite-se que navios de guerra dos EUA visitem portos vietnamitas. Na Cidade de Ho Chi Minh, a capital rebatizada, uma nova elite de empresários vietnamitas goza da boa vida em bares e restaurantes da moda, brindando pelo êxito comercial e pela nova economia de mercado. As empresas de propriedade privada estão engajadas na exploração implacável dos trabalhadores, exatamente como fazem agora na Rússia e na China.

Os EUA se converteram no maior sócio comercial do Vietnã. O imperialismo americano ainda pode alcançar, através do comércio



Combatente Viet Cong capturado pelas tropas norte-americanas

[Foto: PCF David Epstein]

e do investimento, o que não obtive com bombas e napalm. Foi para isso que os trabalhadores e camponeses do Vietnã lutaram com tanta inspiração heroica e derrotaram o poder imperialista mais poderoso que o mundo já viu? Permitirão eles que a burocracia privatize a economia e, como na China, leve o Vietnã de volta ao capitalismo? Ou a classe trabalhadora lutará contra os elementos pró-capitalistas e levará o Vietnã ao caminho do genuíno socialismo leninista, baseado no controle e na administração democráticos dos próprios trabalhadores? Essa questão ainda não foi respondida pela história. Temos a fervorosa esperança de que será a segunda variante e não a primeira. Os trabalhadores do Vietnã não merecem nada menos do que isso.

Londres, 30 e 31 de janeiro de 2008

Post-scriptum: Os trabalhadores do mundo nunca esquecerão os crimes perpetrados pelo imperialismo dos EUA contra o povo do Vietnã. Somente na campanha aérea “*Rolling Thunder*” foram lança-

das mais bombas sobre o Vietnã do Norte do que as lançadas durante toda a 2ª Guerra Mundial. Nos cinco anos seguintes, os dois Vietnãs receberam o equivalente a 22 toneladas de explosivos por cada quilômetro quadrado de território, ou cerca de 150 kg para cada homem, mulher e criança. No total, 7 milhões de toneladas de bombas e desfolhantes foram lançadas e aproximadamente 3 milhões de vietnamitas foram mortos. Hoje, 40 anos mais tarde, o imperialismo dos EUA está envolvido em outra ocupação criminoso, dessa vez no Iraque. Os paralelos vão se evidenciar imediatamente para quem se preocupe em estudar a Guerra do Vietnã.

Durante quase uma década os EUA bombardearam o Iraque. A razão para invadir o país, de acordo com o governo dos EUA, era, entre outras coisas, destruir suas armas químicas. No entanto, o governo dos EUA não hesitou em usar a guerra química quando lutava contra os guerrilheiros vietnamitas escondidos sob o manto da selva. São esses as damas e cavalheiros que tentaram justificar o estupro

do Iraque com o argumento de que Saddam Hussein supostamente possuía meios para travar uma guerra química – algo que o imperialismo americano esteve fazendo durante décadas e ainda faz. Os militares dos EUA ainda estão realizando o mesmo tipo de guerra química na Colômbia, sob a desculpa de uma “guerra contra as drogas”. Obviamente, para eles, as armas químicas só são uma coisa muito desagradável quando não são eles que as estão usando.

Alguém disse certa vez que não se pode fazer esse paralelo porque no Iraque não existem selvas. Mas existem desertos e cidades que também podem acolher as forças guerrilheiras. O infame discurso “*Missão Cumprida*” de Bush fez lembrar as declarações mais triunfalistas do presidente Johnson nas primeiras etapas da Guerra do Vietnã. As forças americanas estão envolvidas em uma guerra impossível de ganhar e isso está se tornando cada vez mais evidente para o povo dos EUA. Como no caso do Vietnã, será o povo americano que dará um fim à invasão criminoso das terras de outro povo.

As palavras de ordem democráticas e questão nacional

Nesta pequena carta publicada a seguir, Trotsky traça de forma concisa e clara a estratégia revolucionária para a Espanha dos anos 30, mas também para a Catalunha, sempre envolta pela luta por sua própria autodeterminação. É impressionante notar como sua carta se encaixa perfeitamente na atual situação da Espanha e da Catalunha.

Sua descrição das classes em luta, seus partidos e de suas políticas, se reproduzem hoje com a mesma clareza, mesma covardia e falta de vergonha política e histórica, não só entre a burguesia espanhola e catalã, mas igualmente entre os que reivindicam o socialismo, a liberdade e o progresso social, seja o PSOE, Esquerda Unida, Podemos e outras formações pequeno burguesas existentes. Todos se curvam frente ao Estado Espanhol e seu pivô, a monarquia re-entronizada pelo fascista Franco, com o apoio do PSOE, dirigido por Felipe Gonzáles e do PCE, dirigido por Santiago Carrillo, em 1978.

Mas, as lições que Trotsky dá aos comunistas espanhóis servem inteiramente para os comunistas brasileiros de hoje em que a política do partido de tipo socialdemocrata no Brasil, o PT, se concentra em lutar contra Temer e o judiciário bandido “defendendo a democracia” e o “Estado democrático de direito”, ou seja, o Estado burguês e sua enorme tralha podre e corrompida que sob domínio do imperialismo governa o Brasil. Como disse Trotsky sobre a Espanha, também o Brasil “deixou muito atrás de si o estágio de um revolução burguesa”. A luta em defesa das liberdades democráticas é a luta pela revolução proletária e não uma luta pela “Democracia”.

Assim como na Catalunha e em toda Espanha hoje as consignas de direito à autodeterminação da Catalunha, a defesa das liberdades democráticas, de libertação de to-

dos os presos políticos, defesa dos Comitês de Defesa da Revolução (CDRs), pelo fim da monarquia e pela República, é uma orientação integralmente revolucionária. É a única orientação em ruptura total e irreconciliável com a monarquia, o capitalismo e suas instituições. Uma ruptura integral com a prisão de povos que é o Estado Espanhol franquista.

Nota do editor.

CARTA À REDAÇÃO DE CONTRA A CORRENTE

*León Trotsky, junho
de 1930*

Saúdo calorosamente a aparição do primeiro número de vosso jornal. A Oposição Comunista espanhola entra na arena política num momento particularmente propício e não menos decisivo.

Agora, a crise que atravessa a Espanha se desenvolve com uma regularidade notável, o que permite à vanguarda proletária preparar-se durante um certo tempo ponto. Mas, é muito duvidoso que esse tempo seja de larga duração.

A ditadura de Primo de Rivera caiu sem revolução, por esgotamento interior. Isso quer dizer, em outros termos, que em sua primeira etapa a questão foi resolvida pelas enfermidades da velha sociedade e não pelas forças revolucionárias de uma sociedade nova. Isso não é um simples acaso. O regime da ditadura, que, para as classes burguesas, não encontra sua justificação na necessidade do esmagamento imediato das massas revolucionárias, se encontra simultaneamente em contradição com as necessidades da burguesia nos terrenos econô-

mico, financeiro, político e cultural. Mas, a burguesia postergou a luta com todas as suas forças até o último momento; deixou à ditadura o tempo de apodrecer e de cair como uma fruta bichada.

A BURGUESIA E A DITADURA

Depois deste acontecimento, as classes dirigentes, na pessoa de seus grupos políticos, se encontram obrigadas a adotar uma posição clara frente às massas populares. E assim observamos um fenômeno paradoxal. Os mesmos partidos burgueses que, graças a seu conservadorismo, renunciaram a levar a cabo qualquer luta seria contra a ditadura militar, rechaçam atualmente toda responsabilidade desta ditadura pela monarquia e se declaram republicanos. De fato, se poderia crer que a ditadura esteve durante todo tempo suspensa um fino fio do balcão do Palácio Real, e que só se apoiava sobre a sustentação, em parte passivo, das camadas mais sólidas da burguesia, que paralisava com todas as suas forças a atividade da pequena burguesia e pisoteava os trabalhadores da cidade e dos campos.

E qual é o resultado? Enquanto que não somente os trabalhadores, mas o pequeno burguês urbana, jovens intelectuais e quase toda a grande burguesia são republicanos, ou se declaram como tal, a monarquia continua existindo e age. Se bem que Primo de Rivera só mantinha por um fio a monarquia de que fio se manterá a monarquia num país tão “republicano”?

À primeira vista isso parece um enigma insolúvel. Mas, o segredo de maneira alguma é tão complicado. A mesma burguesia que “sofria” Primo de Rivera, o sustentava, com efeito, como sustenta atualmente a monarquia mediante os únicos

meios que lhe restam, ou seja, declarando-se republicana e adaptando-se assim à psicologia da pequena burguesia, para engana-la e paralisá-la o melhor possível.

Para quem observa de longe, esta cena, apesar do seu aspecto dramático profundo, não está desprovida de um aspecto cômico. A monarquia está sentada sobre costas da burguesia republicana, que não tem muita pressa em tira-la daí. A burguesia desliza, com sua preciosa carga, entre as massas populares que se agitam, grita como resposta aos protestos, as reclamações e as maldições, com uma voz de bufão: “Como vêm, esta criatura sobre as minhas costas é meu inimigo maldito, vou enumerar seus crimes, prestem atenção atentamente”, e quando a multidão, divertida por esta apresentação, se põe a brincar, a burguesia aproveita o momento para levar um pouco mais longe sua carga. Se isto significa uma luta contra a monarquia, então o que seria, então, uma luta pela monarquia?

As manifestações ativas dos estudantes são só uma tentativa da jovem geração da burguesia, sobretudo da pequena burguesia, para dar uma saída ao equilíbrio instável em que o país se encontra depois da pretendida liberação da ditadura de Primo de Rivera, da que se conservou integralmente a herança em seus elementos fundamentais. Quando a burguesia renuncia consciente e obstinadamente em resolver os problemas que derivam da crise da sociedade burguesa, quando o proletariado não está ainda pronto para assumir essa tarefa, são os estudantes que ocupam o cenário.

No desenvolvimento da primeira revolução russa, observamos este fenômeno mais de uma vez; este fenômeno sempre teve para nós uma significação enorme e sintomática. Esta atividade revolucionária o semirrevolucionária, significa que a sociedade burguesa atravessa uma crise profunda. A juventude pequeno-burguesa,

sentindo que uma força explosiva se acumula nas massas, tende a encontrar a sua maneira a saída desse atoleiro e impulsionar para frente o desenvolvimento político.

A burguesia considera o movimento dos estudantes, metade com aprovação, metade com precaução; se a juventude dá alguns empurrões na burocracia monárquica, não está de todo mal, contanto que essa garotos não vão demasiado longe e que não arrastem as massas trabalhadoras.

Ao apoiar o movimento estudantil, os operários espanhóis mostraram um positivo instinto revolucionário. Ainda aqui claro está que deve atuar sobre sua própria Bandeira e sob a direção de sua própria organização proletária. O comunismo espanhol é o que deve assegurar isto, E para isso é indispensável uma política justa. Para o qual aparição de voz jornal, como disse antes, coincide com um momento extraordinária mente importante e crítico no desenvolvimento de toda a crise, precisamente ainda, num momento em que a crise revolucionária está a caminho de transformar-se em uma revolução.

Movimento grevista dos Operários, a luta contra a racionalização e o desemprego, adquire uma importância muito diferente, incomparavelmente mais profunda e-mail aos comportamentos extraordinários das massas pequeno-burguesas uma crise aguda de todo sistema Esta luta Operária deve estar estreitamente ligada a todas as questões que derivam da crise nacional o fato de que os operários tenham se manifestado com os estudantes é o primeiro passo, Claro está, ainda insuficiente irmão assegurado, no caminho da luta da Vanguarda proletária pela hegemonia revolucionário.

AS PALAVRAS DE ORDEM DEMOCRÁTICA

Este caminho supõe, por parte dos comunistas uma luta resolvida, audaz e enérgica, pelas palavras de

ordem democráticas. Não compreender isso seria cometer a maior falta sectária. Na etapa atual da revolução, no terreno das palavras de ordem políticas, o proletariado se distingue de todos os outros grupos esquerdistas da pequena burguesia, não pelo fato de que nega a democracia, como fazem os anarquistas e sindicalistas, senão pelo fato de que lutam resoluta e abertamente por estas palavras de ordem, ao mesmo tempo que denunciam implacavelmente as vacilações da pequena burguesia. Pondo na frente as palavras de ordem democráticas o proletariado não quer com isso dizer que a Espanha vai em direção a revolução burguesa. Só poderia colocar assim a questão pendentes afogados em fórmulas rotineiras. A Espanha deixou muito atrás de si o estágio de um revolução burguesa.

Se a crise revolucionária se transforma em revolução, superará fatalmente os limites burgueses e, caso de vitória, deverá entregar o poder ao proletariado; mas o proletariado não pode dirigir a revolução nesta época, ou seja reunir em torno de si as mais amplas massas de trabalhadores e oprimidos e converter-se em seu guia, a não ser com a condição de desenvolver atualmente, junto com suas reivindicações de classe e em relação com elas, todos as palavras de ordem democráticas integralmente e até o fim.

Isso teria antes de tudo uma importância decisiva no que concerne ao campesinato. Esse não pode conceder ao proletariado sua confiança a priori, aceitando como garantia verbal a ditadura do proletariado. O campesinato, como classe numerosa e oprimida, inevitavelmente, em uma certa etapa, verá nas consignas da democracia a possibilidade de dar preponderância aos oprimidos sobre os opressores. O campesinato relacionará, inevitavelmente, a consigna de democracia política com a repartição radical das terras. O proletariado assume abertamente o apoio a estas duas reivindicações e, no momento oportuno, os comunistas explicam à vanguarda proletária

por qual caminho essas reivindicações podem ser realizadas, plantando desta maneira o sistema soviético futuro. Inclusive nas questões nacionais, o proletariado defende até o fim as consignas democráticas, declarando que está disposto a apoiar, por um caminho revolucionário, o direito dos diferentes grupos nacionais à sua livre autodeterminação, inclusive chegando da separação.

A QUESTÃO NACIONAL

Entretanto a Vanguarda Comunista faz sua a palavra de ordem de separação da Catalunha? Se for a expressão da maioria da população, sim. Entretanto, como pode expressar-se esta vontade?

Claro está que por meio de um plebiscito Livre, por uma assembleia dos representantes da Catalunha, pelos partidos que as massas catalãs seguem e, finalmente, por uma rebelião nacional catalã. Isto nos demonstra de novo, e aqui é preciso fazer notar isto de passagem, todo o pedantismo reacionário que significaria por parte do proletariado renunciar às palavras de ordens democráticas, entretanto, até o momento em que a vontade da minoria nacional não se tenha expressado, o proletariado não deve fazer sua a consigna de separação, mas garantirá antecipadamente, abertamente, seu apoio integral e sincero a esta consigna, na medida que expressa a vontade da Catalunha.

Inútil dizer que os operários catalães não têm nesta questão a última palavra. Se chegam à conclusão de que seria inoportuno gastar suas forças, nas condições da crise atual que abre ao proletariado espanhol os caminhos mais amplos e mais audazes, os operários catalães devem levar a cabo a propaganda pela manutenção da Catalunha, sobre determinadas bases, no seio da Espanha, e quanto a mim, creio que o sentido político atual sugere tal solução. Semelhante solução seria momentaneamente aceitável, inclusive para os separatistas mais ardo-

rosos, posto que é muito claro que, em caso da vitória da revolução, seria imensamente mais fácil que hoje chegar à livre autodeterminação da Catalunha, como também das outras regiões.

Apoiando todo movimento verdadeiramente democrático e revolucionário das massas populares, a vanguarda comunista leva a cabo uma luta sem compromissos contra a chamada burguesia republicana, desmascarando sua perfídia, sua traição e seu reacionarismo, resistindo a sua tentativa de submeter as classes trabalhadoras à sua influência.

Os comunistas não renunciam jamais, e nenhuma condição, à liberdade de sua política. Não há que esquecer aqui que durante uma revolução, tentações deste gênero são muito grandes; a história trágica da revolução chinesa é um testemunho irrefutável. Ao mesmo tempo que salvaguardam a completa Independência de sua organização e de sua propaganda, os comunistas aplicam, entretanto, da maneira mais ampla, a política da Frente Única, para a qual a revolução abre um amplo campo.

O PAPEL DA OPOSIÇÃO DE ESQUERDA

A Oposição de Esquerda começa a aplicação da política de Frente Única com o Partido Comunista oficial. Não há de permitir aos burocratas criar a impressão de que a Oposição de Esquerda tem relações hostis com os operários que seguem a bandeira do Partido Comunista oficial. Inversamente, a Oposição está disposta a tomar parte de toda ação revolucionária do proletariado e a lutar conjuntamente ao seu lado. Se os burocratas renunciam a levar a cabo a ação com a Oposição, para a classe trabalhadora a responsabilidade deve recair sobre eles.

A continuação do desenvolvimento da crise espanhola significa o despertar revolucionários de milhões de homens entre as massas trabalhadoras. Nada permite crer que se alistaram de um só golpe so-

bre a bandeira do comunismo. Pelo contrário, é muito provável que reforçarão antes de tudo o partido do radicalismo pequeno burguês, ou seja, em primeiro lugar o Partido Socialista, sobretudo sua ala esquerda, no espírito, por exemplo, dos Independentes alemães durante a revolução de 1918-1919.

Nisso é que a radicalização efetiva e ampla das massas encontrará sua expressão e de maneira alguma no crescimento do “social-fascismo”. O fascismo não poderá de novo triunfar – e desta vez de uma forma mais “social” que “militar”, ou seja, principalmente o social-fascismo a maneira de Mussolini – a não ser como consequência da derrota da revolução e da decepção das massas enganadas que acreditavam nela. Mas, frente ao desenvolvimento regular dos acontecimentos atuais, uma derrota só pode ter lugar em consequência dos erros extraordinários da direção comunista.

É preciso desacreditar politicamente a socialdemocracia ante as massas, mas não é por meio de insultos que se pode chegar a isto. As massas só têm fé em sua própria experiência coletiva. Há que dar a possibilidade às massas, durante o período preparatório da revolução, de comparar nos fatos a política do comunismo com a da socialdemocracia.

Sinto muitíssimo até que ponto as considerações anteriores são pouco concretas. É muito provável, inclusive verossímil, que tenha omitido uma série de circunstâncias de uma importância extraordinária. Vocês verão isso por vocês mesmos. Armados da teoria de Marx e o método revolucionário de Lenin, vocês encontrarão vosso caminho. Vocês saberão captar os pensamentos e sentimentos da classe operária e dar-lhes uma clara expressão política. O objetivo dessas linhas é somente a recordar em seus grandes traços gerais os princípios da estratégia revolucionária, verificados mediante a experiência das três revoluções russas.

Timor Leste e Indonésia: História de um massacre

Serge Goulart

Observações sobre a questão nacional e a luta contra o imperialismo em 1999

GEOGRAFIA DA INDONÉSIA

Localização: sudeste da Ásia, arquipélago da Indonésia

Características: arquipélago com 17.500 ilhas (Bali, Java, Sumatra, Bornéu, Irian Jaya, Célebes e Molucas, principais), relevo montanhoso com mais de 70 vulcões ativos, planícies (Sumatra e Bornéu), recifes de coral (Célebes)

Clima: equatorial

Área: 1.948.732 km²

População: 200,6 milhões (1996)

Composição demográfica: composição etno-linguística: javaneses 39,4%, sudaneses 15,8%, malaios indonésios 12,1%, madurais 4,3%, outros 28,4% (1990)

Cidades principais (hab.): Jacarta (8.259.266), Surabaya (2.421.016), Bandung (2.062.893), Medan (1.685.972), Semarang (1.005.316) (1990)

DADOS GERAIS

Nome oficial: República da Indonésia (Republik Indonesia)

Capital: Jacarta

Nacionalidade: indonésia

Idioma: indonésio (oficial), línguas e dialetos regionais (javanês, principal)

Religião: islamismo 87,2%, cristianismo 9,6% (católicos 3,6%), hinduísmo 1,8%, budismo 1%, outros 0,4% (1990)

Moeda: rúpia; cotação para 1 US\$: 2.330,00 em out. /1996

GOVERNO

República presidencialista. Atual presidente Habibie, em

transição orquestrada frente à revolução que depôs o presidente general Haji Mohamed Suharto (partido Golkar) (desde 1968, reeleito em 1973, 1978, 1983, 1988, 1993). Até o final deste ano a Câmara de Representantes deve sancionar um novo presidente (provavelmente Megawati Sukarnoputri, opositora filha do ex-presidente Sukarno).

Divisão administrativa: 27 províncias

Legislativo: Câmara de Representantes, com 500 membros (400 eleitos por voto direto e 100 indicados pelas Forças Armadas), para mandatos de 5 anos.

Constituição em vigor: 1945 (reinstituída em 1959 e 1969)

ECONOMIA

Agricultura: arroz (46,2 milhões t), cana-de-açúcar (31,5 milhões t), mandioca (15 milhões t), coco (14,8 milhões t), milho (6,6 milhões t), legumes (5,2 milhões t) (1994)

Pecuária: caprinos (12,2 milhões), bovinos (11,5 milhões), suínos (8,7 milhões), búfalos (3,5 milhões) (1994)

Pesca: 3,6 milhões de t (1993)

Minérios: petróleo (51,1 milhões barris), carvão (31 bilhões t), gás natural (2,9 milhões m³), bauxita (1,3 milhão t), cobre concentrado (1 milhão t) (1994)

Indústria: refino de petróleo, têxtil, alimentícia, fumageira, química, madeireira

Parceiros comerciais: Japão, EUA, Hong Kong, Cingapura, Alemanha, Formosa, Coreia do Sul

A INDONÉSIA NÃO É UMA ILHA

A Indonésia faz parte do maior arquipélago do planeta, com 17.500 ilhas espalhadas ao longo de 5.000 km no nordeste do Oceano Índico. Coexistem neste arquipélago a Malásia, Cingapura (!), o ridículo Sultanato de Brunei, a Nova Guiné, a Papua Nova Guiné e o Timor do Leste, entre outros. O arquipélago é a soma de seis conjuntos centrais de ilhas com diferentes histórias, etnias e formação. A primeira observação a ser feita contra o senso comum é a identificação da Indonésia com todo o arquipélago, ou seja, a tendência a considerar que qualquer das ilhas “pertence” à nação Indonésia. Isto é falso e brutal. De forma alguma isto seria aceitável para os povos da Malásia, Cingapura e outros. As razões são as mesmas que levam a resistência da Fretilin, no Timor do Leste. Voltarei a isto.

A Indonésia é o quarto país mais populoso do mundo, com cerca de 200 milhões de habitantes. Sua unidade nacional é ameaçada pela continuidade do regime corrupto e sanguinário de Suharto, agora travestido de seu vice, Habibie, e pela imposição dos planos do FMI, que não fazem mais que ampliar as desigualdades numa constelação de mais de 300 grupos étnicos e mais de 500 línguas e dialetos. A primeira eleição relativamente livre desde 1965 dá a vitória a Megawati Sukarnoputri, filha do ex-presidente Sukarno, e líder de uma dissidência do Partido Democrático Indonésio e que de



fato oferece ao regime uma transição “lenta, segura e gradual”. Mas, a situação não se estabiliza e de fato as massas se recusam sair da cena política.

A maioria da população trabalha na agricultura, mas a economia é baseada na exportação de petróleo e gás natural liquefeito – produto com o qual a Indonésia é a líder mundial em exportação. O turismo, concentrado nas ilhas de Bali, Java e Sumatra, é uma fonte crescente de recursos, mas a Indonésia é um país moderno e semi-industrializado, com uma forte classe operária. Resistindo com suas organizações na clandestinidade a classe operária indonésia começa a construir organizações independentes, sindicatos e partidos a partir da queda de Suharto, onde a juventude jogou um papel muito importante. Estas novas organizações de juventude assim como as organizações operárias buscam ligar-se à classe trabalhadora e à juventude internacional. É o que levou o Secretário de Relações internacionais de uma Central Sindical, Rekson Silabam, a declarar-se partidário da construção de uma nova Internacional dos trabalhadores e a buscar estabelecer laços para isso.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Grandes manifestações anti-coloniais começam na Indonésia já no século 19, mas a luta pela independência só ganha impulso no início do século 20. Um levante dirigido pelo Partido Comunista Indonésio (PCI) explode em 1926, dura alguns meses, mas é sufocado em sangue no início do ano seguinte.

O Japão ocupa a Indonésia em 1942, durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Em 17 de outubro de 1945, às vésperas da rendição do Japão, o líder nacionalista Sukarno proclama a independência. Os holandeses tentam manter o domínio colonial transformando a Indonésia em país membro do Reino da Holanda, mas depois de quatro anos de guerrilhas e com a ameaça de retaliação econômica por parte dos EUA, a independência é reconhecida em dezembro de 1949.

A Indonésia se constitui, então, como nação independente estruturada como uma federação em que cada um dos 27 estados tem alto grau de autonomia. Isto por si só já mostra o grau de dificuldade para se definir exatamente quem ou o que pertence

a quem naquela região do mundo. Em agosto de 1950, porém, Sukarno consegue dar um passo a frente e dissolve a federação adotando uma administração centralizada. Este é de fato o momento onde a Indonésia se firma como nação, mesmo se o estado constituído não é mais que um estado semi-colonial. Sukarno, então, desenvolve uma política externa dita “independente em relação às duas superpotências”, EUA e URSS, e, em 1955, é um dos fundadores do “Movimento dos Países Não-Alinhados”.

Sob o governo nacionalista de Sukarno, o partido comunista da Indonésia se reconstrói como um grande partido de massas. Em setembro de 1965, em meio a uma vasta situação revolucionária, com gigantescas mobilizações de massa, o PCI, stalinista, organiza uma tentativa de putsch (um golpe) que vai levar a uma derrota monstruosa do movimento revolucionário indonésio. O tenente-coronel Untung, ligado ao PCI, lidera uma tentativa de golpe no exército. Membros do baixo oficialato matam seis generais. O alto comando das Forças Armadas, com o apoio de organizações religiosas muçulmanas e de organizações anticomunistas, sufoca a revolta e dá um banho de sangue no país. Estima-se que 1 milhão de pessoas tenham morrido na repressão. Em março de 1966, Sukarno é forçado a transferir o poder para os comandantes militares liderados pelo general Suharto, formalmente declarado presidente em março de 1968.

Suharto, governa ditatorialmente e forma o “Secretariado Conjunto de Grupos Funcionais” (Golkar, da abreviatura em indonésio), na prática um partido governista. O Golkar “conquista” a maioria na Câmara dos Deputados em julho de 1971, nas primeiras eleições gerais desde 1955. Suharto vence todas as eleições desde então. O presidente estabelece o regime da “De-



mocracia Pancasila”, que é uma apropriação dos cinco princípios (“panca sila”, em indonésio) do nacionalismo de Sukarno: monoteísmo, humanitarismo, unidade, democracia e justiça. A Pancasila transforma-se num instrumento de controle sobre todas as instituições sociais e políticas do país. Tal é o terror instalado que só em 1995 é abolido do documento de identidade de cerca de 1,3 milhão de indonésios o código ET (ex-prisioneiro), que marcava os envolvidos ou simpatizantes da revolução de 1965.

No mês seguinte, porém, Suharto apoia a expulsão do PDI da sua então presidente, Megawati Sukarnoputri, filha do ex-presidente Sukarno. Megawati é tida como a primeira líder opositora com chance de derrotar Suharto nas eleições previstas para 1998 (nas eleições anteriores, não houve desafiante). Sua demissão provoca violentas manifestações, as maiores em 20 anos, em Jacarta: milhares de manifestantes entram em choque com as forças de segurança. Pelo menos sete pessoas morrem e dezenas são presas. É esta mesma Megawati que vencerá as eleições presidenciais após a queda de Suharto em oposição ao seu vice, Habibie.

A HERANÇA COLONIAL

Região dominada pela Índia no início da Era Cristã, a Indonésia é “islamizada” a partir do século XV por mercadores gujarati, hindus convertidos pelos persas ao Islã sufita. A Indonésia é depois ocupada por portugueses que ali estabelecem centros comerciais no século 16. No século seguinte, ela é conquistada em sua maioria pelos holandeses e torna-se uma colônia da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Portugal mantém a parte da ilha do Timor em que se constituirá o que se chama hoje Timor do Leste. Ou seja, ocupada por centenas de povos diferentes há milhares de anos, a região vai tomar a forma que se conhece hoje a partir da ocupação colonial. As grandes navegações, a constituição do capitalismo como sistema social e a sua expansão para as colônias vai também dar forma a esta região que vivia de fato como uma constelação de povos, de etnias e línguas, de culturas entrelaçadas, mas não unificadas.

É a ocupação por cerca de 300 anos pela Companhia Holandesa das Índias Orientais, ou seja, pelo controle do imperialismo holandês, que se conforma e se estrutura uma unidade que viria a se

tornar uma nação, a Indonésia. A constituição de um mercado, mesmo inteiramente dominado, é que cria as bases para a constituição da nação e seu estado. É pelo simples fato da parte oeste da Ilha do Timor ter ficado nas mãos dos holandeses no século 17 que esta parte da ilha se sente parte integrante da Indonésia e não se conhece um movimento separatista do “Timor Oeste”.

Por outro lado, a continuidade da ocupação portuguesa desde o século 16 constituiu uma história, um tipo de relação, uma determinada situação econômica e social. Enquanto os holandeses se integravam plenamente no sistema capitalista e passavam a produzir sob a base destas relações sociais de produção, o velho Portugal continuou a tentar pilhar o mundo como antes. E um e outro, Holanda e Portugal, construíram suas colônias com sua própria cara, como sua própria extensão perversa. É isto que explica o desnível das condições de vida entre um lado e outro da ilha e os sentimentos que movem estes povos.

Os do lado Oeste lutaram contra a dominação colonial holandesa junto com todos os povos igualmente dominados pelos holandeses, ao mesmo tempo que

conviviam com sua economia colonial. E, lutando contra a dominação holandesa, se mesclaram e criaram laços sociais, econômicos e culturais com a Indonésia.

Os do lado Leste continuaram lutando contra a dominação portuguesa mesmo muito depois da Indonésia ter conquistado sua independência em 1949. Nesta época, com o colapso do imperialismo holandês ao final da 2ª Guerra Mundial e uma intensificação da luta anticolonial, constituiu-se a nação Indonésia. Que se constituiu como nação ocupando a metade oeste da ilha do Timor, assim como dividia outra ilha com a Malásia e outra ainda com a Papua Nova Guiné, entre outras.

O TIMOR DO LESTE

Na parte leste da ilha, os que lutavam contra Portugal não tinham aliados na região, tinham uma economia muito pobre. Seu único aliado verdadeiro foi a classe operária de Portugal. Mais uma vez se demonstrou que na “era das guerras e revoluções” o único aliado sério que os povos oprimidos têm é a classe operária de todo o mundo em luta contra o capital.

A luta contra a dominação colonial portuguesa no Timor do Leste só terminou quando a classe operária portuguesa derrubou a velha ditadura de Salazar e ameaçou a ordem burguesa com a Revolução dos Cravos, em abril de 1975. Mesmo se confiscaram a revolução, o governo que se constituiu em Portugal não tinha mais a capacidade ou a justificativa para se manter explorando colônias. Afinal, a revolução tinha a “Liberdade” como uma de suas principais bandeiras.

A Revolução dos Cravos enterrou de vez a aventura colonial dos reis lusitanos, que tanto sangue verteu e tantas lágrimas derramou. Da passagem do imperialismo colonial português pelo mundo foram raros os casos em que não restou mais do que um vasto campo de destruição e indignação, fruto direto da sua

própria voracidade e do seu refinamento frente aos outros imperialismos europeus.

Mas, se não tinham a capacidade de livrar-se do jugo de Portugal, o povo do Timor jamais deixou de lutar contra esta dominação. Foi o fracasso político da oligarquia dos funcionários coloniais locais, e suas lideranças católicas (União Democrática do Timor - UDT), favoráveis à “autonomia progressiva sob a bandeira das quinas” (Portugal), na luta pela independência, que conduziu ao surgimento da Frente Revolucionária do Timor Leste Independente (Fretilin) com base laica e essencialmente entre a juventude das cidades.

As forças conservadoras locais eram de fato imbricadas de tal forma com o regime colonial que não podiam conduzir luta alguma pela independência que não fosse apenas a busca de um acordo com o colonizador ou com um novo patrão. São em sua maioria funcionários coloniais, comerciantes, negociantes, atravessadores de produtos importados, que vão se pronunciar pela anexação com Indonésia, seu vizinho rico, quando a revolução portuguesa retira as tropas e entrega o Timor do Leste a sua própria sorte. Sua origem social determina sua “preferência” política e seus métodos de ação. Estes negociantes que só podiam usar métodos mafiosos para enriquecer durante o regime colonial agora se aliam com as milícias da Indonésia para organizar o massacre de seu próprio povo.

A alegação de que o Timor do Leste “pertence” à Indonésia tem como única “ajuda” a afirmação, utilizada pelo general Suharto, de que a ilha fazia parte do império indo-javanês que dominou a região nos anos 1049 a 1222 (reino de Kadiri) e nos anos 1293 a 1527 (reino de Majapadji). De fato, não era mais que uma “zona de influência”, e seus sinais são tão imperceptíveis hoje que nada

mais deles resta a não ser uma dança na região de Suai, de caráter tipicamente hindu. Séculos de outras colonizações engoliram no tempo os vestígios desta “justificativa” indonésia. Também passaram por lá os chineses (séculos 14 e 15), assim como os malaios (séculos 15 e 16). Mas, foi o colonialismo capitalista que conformou o que hoje existe.

PARTIDOS POLÍTICOS

A partir de 25 de Abril de 1974, a Revolução dos Cravos, em Portugal, autorizou a formação de partidos políticos no Timor. Surgiram, em ordem cronológica:

- A União Democrática Timorense (UDT), partido da ordem, que defendia a “autonomia progressiva sob a bandeira das quinas” mas que, perante, e temendo a radicalização do processo revolucionário em Portugal, resolveu aceitar a “ideia” da independência a curto prazo. Este primeiro partido timorense integrou sobretudo as velhas gerações de letrados timorenses que dominavam no funcionalismo, de formação católica, e muitos dos chefes étnicos do interior seguidos dos respectivos reinos.

- A Associação Social-Democrática Timorense (ASDT) que, sob influência de estudantes que estiveram em Portugal, influenciados pelo PCP e pelo maoísmo, se transformou na Frente Revolucionária de Timor Leste Independente (FRETILIN). Integrou as camadas jovens da população urbana, de formação mais laica e menos tradicional, e os reinos do interior de que eram chefes os pais e parentes dos seus líderes políticos ou os reinos tradicionalmente rivais dos que alinharam pela UDT.

- A Associação para a Integração de Timor na Indonésia (AITI), depois chamada Associação Popular Democrática de Timor (APODETI), formada por um militar, major Arnão Metelo. O seu reduzido apoio se concen-

trou apenas junto aos funcionários descontentes com a administração portuguesa e atravessadores ou contrabandistas.

- A **Associação Popular Monárquica Timorense**, depois chamada **Klibur Oan Timur Açuin (KOTA)**, que quer dizer “Congregação dos Heróicos Filhos de Timor”, ligada às tradições monárquicas dos reinos do interior da ilha e profundamente reacionária.

- O **Partido Trabalhista (PT)**, manipulado por agentes do aparelho de estado da Indonésia e numericamente insignificante.

O KOTA e o PT nunca foram reconhecidos pelas autoridades portuguesas.

A RESISTÊNCIA POPULAR

Em 7 de dezembro de 1975, as tropas indonésias invadem o Timor do Leste. A invasão ocorre imediatamente depois que a Frente Revolucionária do Timor Leste Independente (FRETILIN), derrota em uma breve guerra civil as forças reacionárias locais que queriam a manutenção dos vínculos com Portugal ou a integração com a Indonésia. A Fretilin chega a proclamar a independência, em novembro de 1975, mas é forçada a abandonar a capital timorana, Dili, sob bombardeio da aviação indonésia e do desembarque de paraquedistas.

Em julho de 1976, o Timor do Leste é anexado como a 27ª província da Indonésia. Mas, só em dezembro de 1979 o exército da Indonésia consegue o controle final de todas as regiões do Timor Leste. Foi uma luta sangrenta onde a resistência tomou forma de guerra de massas sob direção da Fretilin. A anexação jamais foi reconhecida pela ONU, nem aceita pela maioria da população timorense. Vinte e cinco anos depois da invasão, só a violenta repressão militar mantém o controle sobre a população.

Nestas duas décadas de feroz repressão, a família de Suharto,



que domina em grande parte a economia da Indonésia, se aposou de cerca de 30% das terras do Timor do Leste e instituiu vários campos de trabalho escravo, que ainda hoje aprisionam cerca de 50.000 pessoas nas montanhas. A morte é a única porta de saída. A repressão à Frente Revolucionária do Timor Leste Independente (Fretilin), que resistiu contra a ocupação por meio de guerrilhas, deixou mais 300 mil mortos, em uma população de cerca de 850 mil. É de fato um genocídio de proporções inimagináveis o que se passa desde 1975 no Timor do Leste.

É a este povo que alguém ousa dizer que deve integrar-se à Indonésia? É para este povo que ousam dizer que ele não tem o direito de tentar ter um futuro independente?

Um coro internacional se faz ouvir exigindo da ONU que envie tropas para “barrar o massacre no Timor”. O deputado petista Paulo Delgado, que não só já passou para o lado do capital, como se sente parte do governo FHC/FMI, já declarou que o Brasil deve enviar mais tropas e criar uma “OTAN dos países de língua portuguesa” se houver no Conselho de Segurança da ONU algum veto ao envio maciço de tropas.

Da socialdemocracia aos intelectuais piedosos sempre prontos para prantear aqueles que a mídia e o imperialismo lhes apontam como os coitadinhos da vez, todos os adaptados se somam e apoiam o envio de tropas da ONU, sempre em nome de barrar os massacres. É claro que se esquecem que foi os EUA e a Inglaterra que armaram e treinaram as milícias assassinas, assim como se esquecem que a ONU deu um prazo de dois meses após o plebiscito de 30 de agosto, para que as tropas indonésias saiam. Como fizeram em Kosovo, onde deram 90 dias para o ELK “entregar as armas”, na verdade 90 dias de “vingança livre” para cimentar a barbárie instalada. Foi exatamente neste prazo extra que o terror se instalou no Timor do Leste da forma mais bárbara exatamente para justificar a intervenção.

Mas, a pérola encontrada neste monte de lixo político e intelectual pertence ao editor do jornal Em Tempo, da corrente Democracia Socialista (DS – Mandelista ligada ao SU). Esta corrente política se reivindica do socialismo, mas o editor de seu jornal escreve: “A perspectiva da aceitação, pelo governo indonésio, do resultado do plebiscito está, pois, diretamente vin-

culada à pressão internacional não apenas sobre o governo indonésio, mas diretamente sobre o exército indonésio. E os Estados Unidos, que tem enormes interesses econômicos no país, ainda reluta em fazê-lo.” (Em Tempo, n. ° 309, set/99).

Nada mais estranho ao socialismo que exigir a intervenção das tropas imperialistas que destróem o mundo e as nações. Que abominável capitulação política para quem se reivindica da defesa dos trabalhadores. Aos gritos de “Pelo amor de Deus, alguém faça alguma coisa!”, o editor do jornal Em Tempo e todos os “agitadores” via Internet caem de joelhos frente a potência imperial norte-americana entregando em suas mãos o futuro da humanidade. De nossa parte, continuamos marxistas, e reconhecemos a luta de classes, a oposição irreduzível entre os trabalhadores e os povos oprimidos de um lado e o imperialismo de outro. Continuamos a declarar que a humanidade se encontra numa encruzilhada: “Barbárie ou socialismo”.

Mas, a manipulação é tamanha, e é tão complexa a situação em que vivemos que também se ouviu, de sinceros militantes anti-imperialistas, um receio enorme de defender o direito a autodeterminação do povo do Timor do Leste. Houve mesmo quem defendesse que esta palavra de ordem é um erro, por que o Timor do Leste “faz parte da Indonésia”.

Uma política revolucionária, marxista, não se deixa levar pelas aparências e nem tem medo de ser confundida com o imperialismo. Isto pelo simples fato que sua política é sempre de choque com o imperialismo e todos os seus prepostos. Sejam as tropas da ONU (leia-se EUA) ou as tropas de Bacharudin Habibie, sucessor de Suharto, armado e sustentado pelos EUA.

QUAIS SÃO OS ARGUMENTOS?

Começemos pelos mais simples.

-Mas, o Timor é uma pequena ilha com um mesmo povo dividido

em dois, um de colonização holandesa e outro de colonização portuguesa. Por que não unificar?

A pergunta já está respondida nos fatos pelo povo do Timor do Leste. Ele não deseja isso. E o fato de que seja uma ilha não muda isso. Assim como o Haiti e a República Dominicana convivem na mesma ilha, Hispaniola, e a ninguém passa pela cabeça de lhes propor unificação. E por que não? Por que a história os constituiu diferentes. A colonização francesa constituiu o Haiti. A colonização espanhola produziu a República Dominicana. Aliás, quando, certa vez, os haitianos tomaram toda a ilha acabaram expulsos por uma revolta popular.

A realidade é que 500 anos de dominação colonial tão diferentes como a portuguesa e a holandesa forjaram duas culturas, diferentes estágios econômicos, línguas diferentes, sentimentos sociais diferentes. E isso é o que importa para quem vive a situação.

A alegação de que a economia de um Timor independente não se sustentaria, e que por isso a única saída é a integração à Indonésia, são alegações ignorantes de geografia e história, são afirmações desprovidas de sentido. Em primeiro lugar, quem deve decidir sobre isto, são eles, os interessados.

Quem ousaria dizer aos 30 milhões de brasileiros que recebem o salário mínimo de U\$ 70,00 que eles não devem aceita-lo porque assim fazendo estarão se auto-condenando a uma ruína material e intelectual progressiva inexorável?

Afinal, não é viável viver com U\$ 70,00 por mês. Mas, não creio que este professor de princípios receba uma boa resposta, além da certeza que estes miseráveis teriam de que ele trabalha para o patrão.

Em segundo lugar, isto não é verdade. Mesmo não sendo o critério fundamental. As reservas de petróleo e gás liquefeito do Timor são suficientes não apenas para que o Timor viva como um país independente, mas como um país rico!

Mas, então, deveríamos defender a independência do Kosovo, também?

São situações totalmente diferentes. A região do Kosovo é historicamente parte da Sérvia. A imigração de albaneses é muito mais recente e foi incentivada por Tito após a tomada do poder. E é por isso que todos viviam em paz no quadro da autonomia concedida pela Federação Iugoslava, surgida da expropriação do capital após a 2ª Guerra Mundial. Em toda a região dos Balcãs o caminho para uma integração fraterna dos povos só pode tomar a forma de uma federação de povos, num primeiro momento, até uma maior integração livremente consentida.

A combinação da ação de Milosevic, aplicando os planos do FMI, com as manipulações dos EUA (criação da Exército de Libertação do Kosovo (ELK) pela burocracia-gangster da Albânia a serviço da CIA e do narcotráfico), criaram uma situação propícia para a guerra “humanitária” de destruição da Iugoslávia que os EUA empreenderam através da OTAN.

O que se passou ali já são fatos que fazem parte da história. A situação e a consciência das massas foram transformadas pela ação combinada do imperialismo e dos aparatos contra-revolucionários (Internacional Socialista e Milosevic, stalinista reconvertido). Neste momento seria prova de demência exigir dos albaneses do Kosovo que voltassem a conviver com os sérvios como antes. Esta situação só pode, neste momento ser resolvida pela revolução socialista em toda a Iugoslávia e nos Balcãs. Mas, mesmo a revolução deveria conceder aos albaneses do Kosovo o direito de decidir se desejariam ou não se integrar de alguma forma ao regime revolucionário que surgisse na Iugoslávia. E não creio que este fosse o desejo de 99% deles. E eles deveriam ser respeitados.

Os sérvios perderam seu direito àquelas terras históricas com

as barbaridades que fizeram. Entre o direito à propriedade, mesmo que propriedade nacional, e o direito legítimo de uma população inteira decidir o que quer, os revolucionários não podem vacilar. A única exceção que poderia ser feita nesta regra é se a perda daquele território põe em perigo a existência da nação ou de um regime socialmente progressivo, por exemplo, um regime onde o capital tenha sido expropriado. Neste caso, então, “*Que cesse tudo que a musa antiga canta ... que outro valor mais alto se levanta*”.

Obviamente falo da vontade real expressa por um povo e não das manipulações da ONU, dos Estados Unidos, ou de qualquer outro governo reacionário. O povo do Timor do Leste já declarou, com seus 300 mil mortos, o seu desejo de independência.

Há exemplos históricos que esclarecem esta situação. A tentativa de invasão da Polônia pelo exército vermelho, na época de Lenin e Trotsky, foi um erro que custou muito caro à revolução russa e à própria classe operária polonesa. E aqueles dirigentes reconheceram o erro cometido. Ao mesmo tempo, a ocupação da Geórgia, mesmo se dolorosa, foi justificada porque sua perda ameaçava a existência da própria revolução, punha em perigo a existência do primeiro estado operário.

Enfim, a questão que se coloca não é a defesa de um ou outro direito “eterno”, algum “direito em si”, existente fora e acima da realidade, mas o seu significado político, social, histórico. O direito da Ucrânia à separação foi defendido por Trotsky como consequência da situação criada pela ação terrorista e sanguinária da burocracia stalinista contra o povo ucraniano. Trotsky compreendia que o que se tinha que levar em conta era o anseio de um povo e não um ente abstrato qualquer. E a partir daí desenvolvia uma orientação para ajudar o povo ucraniano a reencontrar o

caminho da revolução e da fraternidade com a revolução russa.

- Mas, tudo isso não é uma manipulação dos EUA para transformar a região numa nova Iugoslávia com o envio de tropas?

Aqui é preciso separar o joio do trigo. Há uma luta de séculos contra a dominação no Timor do Leste. Primeiro contra o imperialismo colonial português e depois contra a miserável e sangrenta ditadura de Suharto na Indonésia. Esta luta nas últimas décadas custou a morte de 1/3 da população, cerca de 300 mil pessoas. Depois o restante foi posto em campos de escravidão e desbaratado pela ilha através da ação de milícias assassinas, de verdadeiros “pogroms”.

Não há truque de mágica, ou de magia, que leve um povo inteiro a tamanho sofrimento se não houver uma base real para sua luta. As “idéias”, não passam de idéias se não se transformam em força material. Uma vez que essas idéias “ganham” todo um povo e o lançam em um combate de tamanhas proporções elas deixam de ser idéias, passam a ser a realidade, a única realidade. Uma política revolucionária exige o maior realismo e tem horror a esquemas de gabinete. As tentativas de encaixar a realidade numas idéias bem desenhadas a partir de grandes princípios descolados da vida real se tornam ridículas, pelo menos até que não se tenha o poder de estado em mão. Aí surgem tragédias.

A MANIPULAÇÃO E A DESMORALIZAÇÃO DOS STALINISTAS RECONVERTIDOS

Outra coisa é a manipulação que faz o imperialismo. Ele utiliza a capitulação do líder histórico da Fretilin, Xanana Gusmão, preso em 1992 e libertado pela revolução indonésia, mas já num quadro de desmoralização e acordo com o imperialismo, para organizar um plebiscito

que, manipulando o sentimento de independência, a vontade de expulsar a Indonésia, entrega o Timor do Leste não como país independente, mas como protetorado da ONU, vale dizer dos EUA. De fato, o plebiscito foi inteiramente montado para justificar o envio de tropas da ONU.

Numa operação montada em acordo com os líderes do Timor do Leste, o bispo dom Carlos Felipe Ximenes Belo, o porta-voz da Fretilin, José Ramos Horta (exilado na Austrália) e o próprio José Xanana Gusmão, o imperialismo trabalhou para criar a situação em que sua ação militar parecesse inquestionável e profundamente “humanitária”. Não foi por outra razão que o cura Don Belo e o desmoralizado Ramos Horta ganharam um prêmio Nobel da Paz, em 1996. Fazia parte da operação de crédito para esta gente correr o mundo pedindo a intervenção da ONU. Não foi ironia, afinal, que Ramos Horta tenha dedicado seu Nobel da Paz ao líder guerrilheiro da FRETILIN, o renegado José Alexandre (Xanana) Gusmão. Todos, exceto o padre, eram ex-“marxista-leninistas”, stalinistas-maoístas.

E esta operação internacional foi organizada para sufocar a revolução na Indonésia. E com a ajuda da Internacional Socialista da 3ª Via de Blair. A queda de Suharto desestabilizou inteiramente a região. O imperialismo não está seguro de que seus prepostos locais sejam capazes de controlar a situação. E o surgimento de inúmeras organizações independentes naquele país é uma prova de que a luta de classes move a história e é mais forte que os aparelhos contrarrevolucionários.

Ali estão as Filipinas, desestabilizadas desde a queda de Ferdinando Marcos, está a China, o Japão, enfim, uma explosão naquela região do mundo atinge o planeta. O imperialis-

mo sabe que o desenvolvimento de uma revolução pode colocar a questão de **que regime é preciso destruir e de que regime é preciso construir**. O fantasma do comunismo continua a rondar o mundo. Para o imperialismo é preciso parar a revolução indonésia.

A ORGANIZAÇÃO INDEPENDENTE EXIGE UMA POSIÇÃO JUSTA

Frente ao tamanho do genocídio praticado, do significado dos acontecimentos de 1999, e sua influência sobre a luta de classes na própria Indonésia, nenhuma organização independente poderá evoluir politicamente naquele país se não tiver uma posição clara sobre o direito de autodeterminação do povo do Timor do Leste. E, portanto, sobre a exigência de retirada imediata das tropas da ONU e de todas as tropas da Indonésia.

A defesa da anexação conduz inevitavelmente à defesa da manutenção das tropas do regime corrupto de Jacarta e alimentar esta manutenção de tropas para enfrentar as tropas da ONU e retomar o território. Esta é uma situação que só pode conduzir ao bombardeio da Indonésia pelas forças da ONU e ao esmagamento do movimento operário indonésio e da revolução. É uma posição que concorre para a “estabilização” mais reacionária na região. Conduz à iugoslavização e a destruição da Indonésia como nação.

A defesa do envio de tropas da ONU é uma posição tão contrária à autodeterminação do povo do Timor quanto a posição de anexação. Pois a atividade da ONU já provou a vontade que sua intervenção tem como resultado prático a desagregação da nação envolvida e um novo e interminável sofrimento para o povo “defendido” pelas tropas da Nova Ordem Mundial.

Assim como, em 1976, Suharto e os EUA para “conter o comu-

nismo” (leia-se a vitória da Fretilin sobre as outras forças após a retirada de Portugal), organizaram a farsa da “anexação a pedido” (Declaração de Balibó, na verdade redigida em Bali, a 1.000 Km do Timor) também agora os EUA montam uma nova arapuca. Armaram as milícias, treinaram seus assassinos e depois organizaram uma grande e meticulosa campanha de mídia com o apoio de todos os desmoralizados da 3ª Via, e finalmente vão à guerra.

Para quê? Repetimos:

1. Sufocar a revolução na Indonésia.

2. Tomar as ricas reservas de petróleo e gás liquefeito do Timor e da região. Se possível apoderar-se, também das reservas da Indonésia (principal exportador de gás liquefeito do mundo).

De forma alguma nesta situação se pode invocar qualquer semelhança com uma guerra entre potências imperialistas (tropas da ONU/EUA) e uma nação oprimida (Indonésia).

CHAMAR AS COISAS PELO SEU NOME

Nós não precisamos nos confundir sobre a realidade e as manipulações.

Assim, a intervenção das tropas da ONU tem um significado reacionário não só do ponto de vista do direito do povo do Timor do Leste decidir ele mesmo seu futuro e constituir um estado, pois não há autodeterminação possível sob ocupação de tropas estrangeiras, sejam elas quem forem, mas também do ponto de vista da revolução, do ponto de vista dos interesses do povo da Indonésia. A única saída para este pequeno povo está no desenvolvimento da revolução na Indonésia e a tomada do poder pela classe trabalhadora. Mas, ela começa pela exigência de retirada imediata de todas as tropas da ONU da região. Estas tropas não trazem paz, nem au-

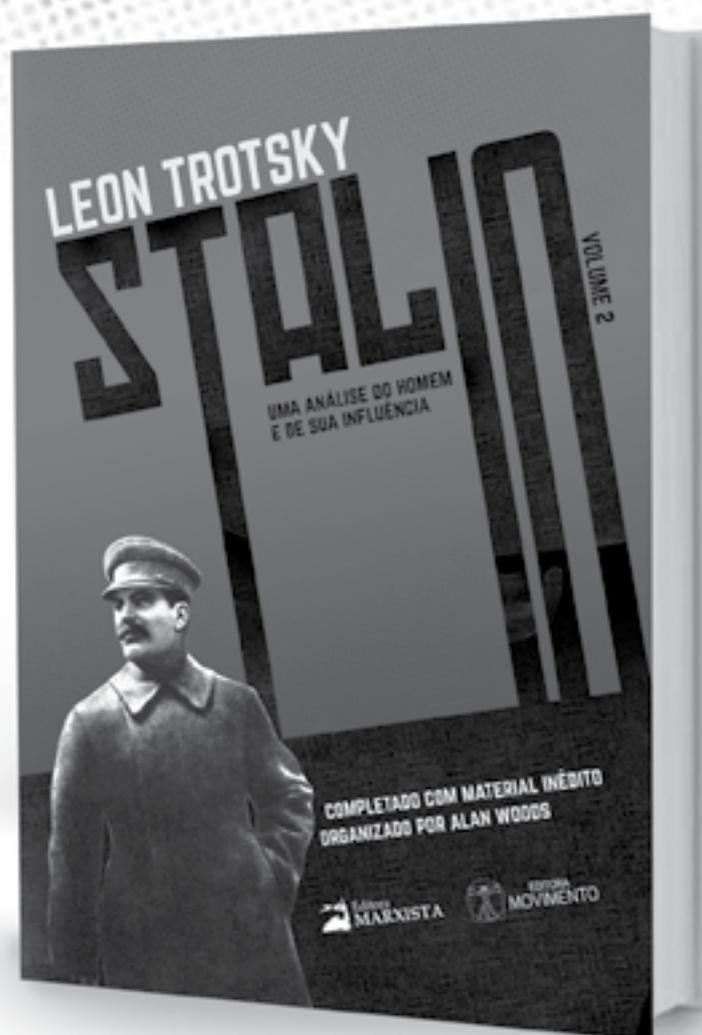
todeterminação, apenas destruição e morte. Por onde andaram, fizeram pior que os portugueses coloniais. A Somália não existe mais. A destruição de Ruanda, do Zaire, da Iugoslávia, e outros, são parte de sua sala de troféus. A forma mais eficaz de ajudar de fato o povo do Timor é ampliando o combate contra nosso próprio governo brasileiro, exigindo o retorno imediato destas tropas e denunciando seu papel de agentes do imperialismo americano para sufocar os povos do arquipélago.

Mas, de forma alguma, o combate contra as tropas da ONU pode nos conduzir a negação do direito do povo do Timor do Leste decidir, ele mesmo, como quer se organizar, que governo ter e com quem se associar. Sabemos que a única salvação para o povo desta pequena ilha é o aprofundamento da revolução na Indonésia. Pois a retirada da ONU não pode ser a continuidade dos massacres das milícias indonésias. Aliás, treinadas e armadas pelos EUA e pela Inglaterra.

É ao proletariado português que os timorenses devem o fim do jugo colonial português. E à revolução indonésia a liberdade de seu principal líder, José Xanana Gusmão. Não é culpa do povo nem da revolução que ele seja hoje um renegado, um agente dos opressores de seu próprio povo. Infelizmente para o Timor, como para todos os pequenos povos ou estados, o seu futuro está nas mãos das grandes nações, das grandes lutas de classes. A parte que cabe aos trabalhadores brasileiros é explicar esta situação e exigindo a retirada das tropas brasileiras ajudar a desenvolver o movimento que busca por abaixo o governo FHC/FMI o quanto antes. Esta é a melhor ajuda aos trabalhadores da Indonésia e ao povo do Timor. Esta deve ser a nossa bandeira.

25 de Setembro de 1999

O SEGUNDO VOLUME DO LIVRO INÉDITO DE LEON TROTSKY JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!



Adquira seu exemplar na
Livraria Marxista* ou pelo site:

www.livrariamaxista.com.br

 Editora
MARXISTA



EDITORA
MOVIMENTO

*Endereço: Rua Tabatinguera, 318, Sé, São Paulo - SP
Próximo à saída Pupa Tempo do metrô





ESQUERDA MARXISTA

CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL



www.marxismo.org.br